



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

WILLIAM FERNANDES RABELO DA SILVA

**GÍRIAS DO SISTEMA PRISIONAL PARANAENSE:  
A LINGUAGEM DOS PRESÍDIOS ULTRAPASSANDO SEUS  
MUROS**

---

Londrina  
2014

WILLIAM FERNANDES RABELO DA SILVA

**GÍRIAS DO SISTEMA PRISIONAL PARANAENSE:  
A LINGUAGEM DOS PRESÍDIOS ULTRAPASSANDO SEUS  
MUROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração Linguagem e Significação, linha de pesquisa Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino

Londrina  
2014

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

S586g Silva, William Fernandes Rabelo da.

Gírias do sistema prisional paranaense : a linguagem dos presídios ultrapassando seus muros / William Fernandes Rabelo da Silva. – Londrina, 2014.  
205 f. : il.

Orientador: Fabiane Cristina Altino.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística – Teses. 2. Prisioneiros – Língua (Neologismos, gíria, etc.) – Teses. 3. Comunicação oral – Teses. 4. Língua portuguesa – Gíria – Teses. I. Altino, Fabiane Cristina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 800.86

WILLIAM FERNANDES RABELO DA SILVA

**GÍRIAS DO SISTEMA PRISIONAL PARANAENSE:  
A LINGUAGEM DOS PRESÍDIOS ULTRAPASSANDO SEUS MUROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem e Significação, linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sanimar Busse  
Universidade do Oeste do Paraná - UNIOESTE

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 16 de julho de 2014.

Aos 22 informantes do Bairro Jardim São Jorge.

## AGRADECIMENTOS

A dissertação, em mãos, é parte de muitos: das conversas de corredores com professoras dedicadas, dos informantes comprometidos cedendo saberes e precioso tempo; dos olhares encorajadores de todos aqueles que nos cruzam o caminho.

Mas devo deixar declarado o meu mais terno sentimento de agradecimento a três fundamentais pessoas:

Minha adorada e eterna enamorada, Luciana Mendonça, que compreendeu as noites em claro, as viagens de estudo, os livros espalhados por toda a casa; que auxiliou com indagações e conversas esclarecedoras... Devotando, a todo momento, companheirismo e solidariedade pelos sonhos e planos, hoje tão nossos. À Luciana, meu amor.

Meu velho amigo colegial, Daniel de Brito Reis, estudante perseverante nos trilhos da linguagem pretensiosamente exata da estatística, da probabilidade, da matemática... Pois, certeza mesmo é esta minha sensação de admiração pela mão estendida, pela argúcia e pelos ensinamentos em situação tão importante nesta trajetória que escolhi. A Daniel, minha amizade.

E, finalmente, minha querida mãe, Wilma Fernandes. Lutadora incansável, destemida diante do inevitável, defensora do credo e das gentes... Pessoa responsável pelas minhas mais interessantes características: a indagação, a confrontação, a inquietação diante do ordinário. Minha mãe, caridosamente, apresentou a mim os livros e fez do meu mundo sempre um plural, sempre uma possibilidade. A minha mãe, minha devoção.

Carinhosamente, a todos, meu muito obrigado.

*Por mais que eu quisesse respeitar aquele bandido, o meu preconceito criava um certo bloqueio, porque o sotaque dele não me soava marginal o bastante para eu vê-lo como tal. No histórico do meu cérebro, bandido tinha um vocabulário definido e não era aquele.*

(Celso Athayde)

SILVA, William Fernandes Rabelo da. **Gírias do sistema prisional paranaense: a linguagem dos presídios ultrapassando seus muros.** 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

## RESUMO

A linguagem não é apenas produto cognitivo, de caráter estritamente subjetivo, uma vez que é instrumento de ação e mudança no mundo exterior, recebendo deste os principais estímulos para sua efetivação, podendo, pois, ser compreendida como atividade absolutamente social. O vocabulário gírio, diante da dinâmica social e estrutural da língua, pode representar a máxima da relação indivíduo e corpo coletivo, pois é conhecida como linguagem hermética de grupos específicos, os quais a utilizam como construto simbólico do pertencimento e identidade, e também como instrumento de exclusão e segregação. Seguindo esse raciocínio, procuramos demonstrar, entre outros, que as gírias, advindas do Sistema Prisional Paranaense, não têm espaço de circulação delimitado. Nossa hipótese é que a gíria, enquanto língua falada, é dotada de contínuo movimento que não compreende espaços físicos, mas sociais, culturais, étnicos e políticos, de modo a servir de variante social a inúmeros grupos, acompanhando indivíduos e passando a constituir não somente suas personalidades, mas como estes sujeitos observam e descrevem seus mundos. Logo, se as variantes linguísticas, em eterno devir, tornam-se independentes dos estímulos e lugares de sua criação, emancipando-se, podemos observar esta ação de adoção de linguagem criptológica por meio da análise e descrição do comportamento linguístico em diferentes comunidades, comparando-as, i. é, de vocábulos gírios utilizados seja por detentos seja por moradores, necessitando, pois, do cruzamento de fatores sociais que comprovem este fenômeno. Para tanto, conciliamos as orientações teórico-metodológicas da sociolinguística de Labov (2008) com as práticas e fundamentos geolinguísticos de Cardoso (2010; 2012) resultando em procedimentos e instrumentos que nos permitiram a produção das células dos informantes, a coleta de dados significativos e a análise das variantes sociais com bases estatísticas; ademais, as considerações sobre vocábulos gírios são derivadas dos trabalhos de Cabello (1991; 2002) e Preti (1997; 2007). Entre os objetivos da dissertação, destacamos: (i) descrever o uso ou reconhecimento de vocábulos gírios dos presídios pela comunidade selecionada; (ii) verificar principais recorrências destes vocábulos restritos em relação direta com fatores sociais específicos; (iii) identificar o perfil social de quem faça uso das gírias. Por fim, as conclusões destacam: o resultado do perfil do informante que reconhece/utiliza as gírias; a obtenção das recorrências conforme cada fator extralinguístico e por campo semântico; a extensa possibilidade de análise futura de ocorrências em outras comunidades e a contribuição aos estudos da gíria e à Sociolinguística.

**Palavras-chave:** Gíria. Linguagem de grupo. Comunidade de fala. Sociolinguística.

SILVA, William Fernandes Rabelo da. **Slang's Paranaense Prison: the language of prison breaking out the walls.** 2014. 205 p. Dissertation (Master's Degree on Studies of the Language) – State University of Londrina, Londrina, Brazil, 2014.

## ABSTRACT

Language is not only a cognitive product of a strictly subjective feature, once it is used as a tool in the change of the external world, receiving from such environment the main stimuli for its effectiveness. Therefore, it may be understood as an absolutely social activity. Slang, in view of the social and structural dynamics of language, may represent the utmost relation individual/collective body, for it is known as a hermetical language of specific groups, which use it as a symbolical construct of identity and belonging. It may also be regarded as an instrument of exclusion and segregation. Considering the issue herein exposed, and based upon the Glossary to the Prison System in the State of Paraná by researcher Remenche (2003), this work aims to demonstrate that, above all, slang itself does not have a delimited space - in the case hereof, the study of vocabulary arising from prisons; that is, the space of the Prisional System – because it starts from the presumption that spoken language is provided with a motion continuum that does not comprehend physical spaces; yet, social, cultural, ethical and political ones instead, in a fashion to serve as a representative to unnumbered groups, following the individual throughout his life, building not only his personality but also describing how the subject observes the surrounding world. Thus, if language - the eternal *devenire* (i.e. yet to come) - becomes independent from its creational stimuli, freeing itself, one can observe this action by means of the linguistic behavior analysis in different communities represented by their peculiar language. In the particular case of the present study, the slang words used by both inmates and dwellers of a city's determined outskirts. For such purpose, this research is based on: a) Labov (2008), for the theory-methodological procedures of Sociolinguistics, observing the research by Preti (1982); and, in addition to that, following the precepts by Cardoso (1999; 2010; 2012), employing tools originated from Geo-linguistics in order to determine the number of speakers and the social varieties to be investigated, paired with data-collection instruments from Multidimensional Dialectology, with the application of semasiological and onomasiological questionnaires, responsible by the compilation and development of this work's corpus; and, b) the works of Cabello (1991; 2002), as a theory for slang words arising from a diverse community; verification of the main occurrence in the use of such restricted words; analysis on the possible explanations for the phenomenon of the exiting of slang words from a restricted environment. Therefore, one contributes to the development of this interesting science which focuses the interwoven plots that exist between society and language, in such way that one observes the social and linguistic phenomena as a unison element resulting from a given community's social and political development.

**Keywords:** Slang. Group language. Speech community. Sociolinguistics.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	- Tempo de moradia no bairro .....	84
<b>Figura 2</b>	- Gênero e composição familiar.....	85
<b>Figura 3</b>	- Contribuição de renda .....	86
<b>Figura 4</b>	- Faixa etária .....	88
<b>Figura 5</b>	- Escolaridade .....	89
<b>Figura 6</b>	- Escolaridade (A + B) .....	90
<b>Figura 7</b>	- Situação de trabalho .....	91
<b>Figura 8</b>	- Vista aérea por satélite do bairro Jardim São Jorge .....	93
<b>Figura 9</b>	- Rede de pontos de informantes .....	98
<b>Figura 10</b>	- Relação entre escolaridade e atividade econômica .....	105
<b>Figura 11</b>	- Exemplo de gráfico com base na tabulação dos dados .....	124
<b>Figura 12</b>	- Espectro de reconhecimento de gírias de dois informantes.....	126
<b>Figura 13</b>	- Média geral de conhecimento/desconhecimento da gíria .....	131
<b>Figura 14</b>	- Média de conhecimento e desconhecimento da gíria por faixa etária .....	134
<b>Figura 15</b>	- Faixa etária e conhecimento da gíria por campo semântico .....	138
<b>Figura 16</b>	- Sexo e conhecimento das gírias por campo semântico .....	141
<b>Figura 17</b>	- Escolaridade e porcentagem de conhecimento de vocábulos gírios....	143
<b>Figura 18</b>	- Escolaridade e reconhecimento de gírias por campo semântico .....	144
<b>Figura 19</b>	- Média de reconhecimento de gírias segundo a atividade econômica.....	146
<b>Figura 20</b>	- Atividade econômica e reconhecimento de gírias por campo semântico.....	147
<b>Figura 21</b>	- Perfil de conhecimento das gírias com base nos fatores sociais .....	151
<b>Figura 22</b>	- Nível de escolaridade da população carcerária do sistema prisional.....	153
<b>Figura 23</b>	- Faixa etária da população carcerária do sistema prisional.....	153
<b>Figura 24</b>	- Gênero da população carcerária do sistema prisional .....	153

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	– Variantes lexicais regionais.....	44
<b>Tabela 2</b>	– Célula de informantes .....	100
<b>Tabela 3</b>	– Relação gênero e escolaridade.....	103
<b>Tabela 4</b>	– Ocupação laboral .....	104
<b>Tabela 5</b>	– Atividade econômica .....	105
<b>Tabela 6</b>	– Amostra de uso individual dos itens lexicais .....	125
<b>Tabela 7</b>	– Exemplo descritivo de gírias reconhecidas pelos informantes .....	127
<b>Tabela 8</b>	– Média geral de reconhecimento e desconhecimento de gírias pelos informantes .....	130
<b>Tabela 9</b>	– Gírias mais conhecidas pelos informantes.....	133
<b>Tabela 10</b>	– Relação entre idade e vocábulos gírios mais conhecidos.....	137
<b>Tabela 11</b>	– Média de reconhecimento e desconhecimento das gírias segundo sexo.....	140
<b>Tabela 12</b>	– Relação entre atividade econômica e escolaridade dos informantes .....	145
<b>Tabela 13</b>	– Resultado para recorrências baseadas em valores maiores e diferentes de 50% .....	150
<b>Tabela 14</b>	- Descrição pormenorizada dos informantes.....	179
<b>Tabela 15</b>	- Base completa de dados .....	180

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
NBR	Norma Brasileira
ALIB	Atlas Linguístico do Brasil
ART	Artigo
COHAB/LD	Companhia de Habitação de Londrina
CPB	Código Penal Brasileiro
CRAS	Centro Regional de Assistência Social
CTB	Classe Trabalhadora Baixa
CTM	Classe Trabalhadora Média
DEPEN/PR	Departamento Penitenciário Nacional/Paraná
EF	Ensino Fundamental
EFI	Ensino Fundamental Incompleto
EFC	Ensino Fundamental Completo
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
H	Homem
i. é	Isto é
ITEDES	Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Econômico e Social
M	Mulher
p.e.	Por Exemplo
PF	Polícia Federal
PR	Paraná
QO	Questionário Onomasiológico
QS	Questionário Semasiológico
UEL	Universidade Estadual de Londrina
WMA	Windows Média Áudio

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	13
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	20
2.1	A HETEROGENEIDADE DA FALA EM SAUSSURE.....	21
2.2	O ESTUDO DA HETEROGENEIDADE .....	22
2.2.1	Variação Diatópica, Diastrática e Diafásica .....	25
2.3	IDENTIDADE E COMUNIDADE DE FALA.....	28
2.3.1	Comunidade de Fala .....	32
2.4	LÉXICO E VOCABULÁRIO .....	38
2.4.1.1	Regionalismo.....	42
2.4.1.2	Variação social.....	45
2.4.2	Neologismo.....	49
2.4.3	Neologismo Semântico.....	53
2.4.4	A Gíria: Contexto .....	55
2.4.5	Gíria e Jargão.....	59
2.4.6	Gíria e Mídia .....	64
2.4.7	Notas Sobre a Relação Contínuo e Gíria .....	76
<b>3</b>	<b>SOBRE O BAIRRO JARDIM SÃO JORGE</b> .....	80
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL .....	81
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	94
4.1	QUESTÕES INICIAIS .....	95
4.2	SELEÇÃO DOS INFORMANTES.....	96
4.3	CÉLULA DOS INFORMANTES .....	99
4.3.1	Escolaridade .....	102
4.3.2	Classe Econômica .....	103
4.4	QUESTIONÁRIO .....	106
4.4.1	Construção do Instrumento da Coleta .....	108
4.4.2	Questionário Onomasiológico (QO).....	112
4.4.3	Questionário Semasiológico (QS).....	114
4.5	POSTURA DOS INFORMANTES .....	116
4.6	ENTREVISTA .....	119
4.6.1	Circunstantes.....	120
4.6.2	Gravação .....	121
4.7	FORMAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	122
<b>5</b>	<b>ANÁLISE</b> .....	129
5.1	ANÁLISE GERAL.....	129
5.2	FAIXA ETÁRIA .....	133
5.3	SEXO .....	140
5.4	ESCOLARIDADE .....	142
5.5	ATIVIDADE ECONÔMICA .....	145
5.6	RECORRÊNCIAS .....	148
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	154
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	158
	<b>ANEXOS</b> .....	165

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É fato que a trajetória do pesquisador pode (con)fundir-se com o objeto pesquisado, uma vez que sua vida é atravessada pelas experiências que tangenciam suas horas de pesquisa em campo, leituras, questionamentos, análise, comprovação ou não de hipóteses, até a formulação de suas conclusões. Há, no processo, entrega à pesquisa como se a si mesmo buscasse entender. Percebe, pois, que na busca pela compreensão da fala do outro, da ação do outro, das razões do outro, aprofunda-se mais nas potências humanas de reconhecimento do outro como compatriota, camarada, companheiro, compartilhando, no âmago, ideais e desejos diante do mundo apenas aparentemente caótico.

Assim, a máxima do distanciamento do pesquisador para com o objeto pesquisado torna-se demasiado complexa, carecendo, portanto, minimizar o subjetivismo ao máximo. Para tanto, o amparo encontra-se na teoria fundamentada, na metodologia criteriosa e na análise rigorosa, com a finalidade de diminuir tais vieses.

Em nosso caso, a linguagem do cárcere veio ao encontro de nossa demanda pela compreensão de um mundo particularizado refletido no modo peculiar de sua fala, especialmente por suas gírias, expressão singular daqueles que, apartados de nosso cotidiano, reconstroem uma nova dinâmica em suas palavras, representativa da exclusão, da marginalidade, de manifestação contra a opressão, contra o poder imposto, contra a ordem vigente.

A primeira ação de um pesquisador, portanto, quando é afetado pelo objeto, em nosso caso a gíria do sistema prisional, é debruçar-se sobre a temática, saber como estão as pesquisas, investir tempo e dedicação no estado da arte. Assim posto, uma vez pesquisados os principais trabalhos sobre este tema e descobrindo alguns pesquisadores que fizeram trabalhos expressivos sobre a manifestação da gíria utilizada dentro dos muros das prisões, deslocamos nosso interesse de mais uma coleta de vocabulário existente nos presídios para um aspecto completamente oposto, embora complementar, sendo este o reconhecimento ou uso de palavras advindas e existentes dentro dos presídios

paranaenses por moradores de uma das periferias do grande centro urbano londrinense, o bairro Jardim São Jorge.

De outro modo, formulamos nosso problema de pesquisa com base na observação cotidiana de que alguns vocábulos restritos aos presídios escapam de seus muros e são utilizados ou reconhecidos pelos moradores de periferias. Portanto, nos questionamos: os moradores destas estão fazendo uso do vocabulário restrito advindo dos presídios? Qual percentual de moradores reconhece essas palavras em situação de entrevista e qual o perfil determinado de reconhecimento e uso? Quais motivos os levam à adoção de fala específica distantes dos muros da prisão? Quais as situações? Qual o elo motivador? As mulheres fazem uso ou conhecem mais dos vocábulos do que os homens, ou o caso é inverso?

Observamos que nossas questões formavam um conjunto de complementares, ou seja, ao responder a questão primeira (a gíria é conhecida e utilizada pelos moradores da periferia selecionada?) é possível ponderar as outras e nos aprofundarmos na temática do uso ou conhecimento das gírias, descobrindo, pois, se elas são utilizadas como mecanismo de identidade, solidariedade, compartilhamento de valores e visão de mundo.

Do questionamento, partimos para a hipótese inicial, seguindo as impressões e observações de que alguns moradores de bairros localizados na periferia de um grande centro urbano fazem uso da gíria proveniente do cárcere. Para sustentar esta perspectiva, argumentamos que as situações simbólicas de exclusão existentes em uma sociedade demasiadamente multifacetada são similares aquelas vivenciadas pelo cárcere.

Em outras palavras, podemos elencar elementos que contribuem para a adoção de variáveis linguísticas específicas, as quais perpassam valores culturais e práticas sociais compartilhadas pelos ou contra os egressos, tais como: sociedade urbana bastante polarizada, que aparta o diverso, afasta o marginal, segrega em classes. Este fenômeno pode ser refletido na adoção de linguagem que represente os diversos grupos socioeconômicos e culturais; ademais, a convivência com a violência e inúmeros crimes, frequentemente ocorridos em bairros mais

afastados do centro, responsáveis por intensificar a fala marginal; os problemas de infraestrutura, dificuldades pecuniárias e índices altíssimos de baixa escolaridade, expondo o sujeito a possíveis infrações e ilicitudes; presença massiva dos veículos de comunicação que abusam da imagem do preso em situações de exploração do fato e da fala nos crimes ordinários, assistidos pela grande massa de moradores desses bairros, responsáveis, portanto, pela massificação do vocabulário gírio; grande contingente de egressos, moradores das periferias, possíveis agentes de condução do vocabulário para fora dos presídios.

Os questionamentos nos levaram a reunir referências sobre o uso social da fala, sobre os fatores de natureza extralinguística responsáveis pela adoção de vocábulos específicos e criptológicos diante de grupos e situações também determinadas pela necessidade contextual, social, cultural e estilística. Além de leituras e ponderações sobre o elo existente entre identidade, linguagem e a natureza dos itens lexicais pesquisados.

Entre os teóricos fundamentais, destacamos: Labov (2008), ante o percurso inicial de observação das variantes enquanto fenômenos que permitem análise estatística de utilização lexical e sua adoção segundo fatores extralinguísticos específicos; conciliando com as orientações de Cardoso (1999; 2010; 2012) ao empregarmos instrumentos advindos da Geolinguística, a fim de estipular o número de falantes, bem como as variáveis sociais a serem investigadas; Preti (1982; 1997; 1999; entre outros) e Cabello (1991; 2002a; 2002b) auxiliando-nos com trabalhos sobre o vocábulo gírio, oferecendo uma gama de discussões e soluções sobre a invenção e inovação da palavra criptológica, perpassando por questões culturais de utilização, até a efemeridade e temporalidade da variante lexical gíria; Bauman (2005) e Hall (2005) nos propiciaram perspectivas sobre os enlaces das formas particulares de expressão como a formação e reconhecimento da identidade, além da consciência do pertencimento do sujeito em relação à variação adotada em sua fala.

O resultado do estudo do estado da arte e das interpelações do problema com a hipótese, tornou justificável a investigação e o desenvolvimento deste trabalho, principalmente pela ausência de material aprofundado sobre o uso

ou reconhecimento de gírias provenientes de presídios por comunidades ou outros grupos que não os próprios encarcerados, de forma que podemos contribuir, inclusive, ampliando o campo de aplicação das disciplinas envolvidas nesta tarefa.

Desse modo, o percurso mais adequado para a pesquisa, diante de suas questões e para a verificação da hipótese, aproximou-se da perspectiva Sociolinguística da Teoria da Variação, uma vez que esta permitiu analisar variáveis extralinguísticas envolvidas na adoção e reconhecimento dos vocábulos gírios restritos e, simultaneamente, viabilizou meios para esclarecer motivos possíveis do vocabulário gírio 'escapar' dos muros dos presídios.

Com base no exposto, estabelecemos o objetivo geral e os específicos, os quais dialogam com a metodologia de investigação do bairro, dos moradores e do instrumento adotado para a coleta dos dados.

Assim, como objetivo geral:

- i. Descrever o (re)conhecimento e possível uso de vocábulos gírios, provenientes dos presídios, no bairro da periferia de Londrina denominado Jardim São Jorge.

Reservamos, portanto, aos objetivos específicos os elementos mais concretos:

- ii. Verificar percentuais da presença da gíria na comunidade;
- iii. Identificar as principais recorrências dos vocábulos;
- iv. Analisar o resultado com base nos fatores sociais de sexo, escolaridade, idade e atividade econômica cruzando-os com campos semânticos específicos.
- v. Identificar o perfil social de quem, provavelmente, utilize das gírias como meio de expressão em ambiente diverso do local de procedência;

De acordo com o objetivo principal (geral), viabilizamos instrumento

suficiente que nos permitiu verificar o conhecimento das gírias do sistema prisional pela comunidade do Jardim São Jorge, que foram os questionários, compreendidos como único objeto, mas subdivididos segundo sua natureza – um onomasiológico e outro semasiológico – convertidos em 112 questões com mais de 170 gírias.

Para elaborarmos as células sociais, ou seja, quais grupos seriam pesquisados, quais fatores sociais seriam contemplados e viáveis, tendo em vista os interesses do trabalho, estudamos características do bairro, hábitos culturais, movimento e deslocação dos moradores e estudos sobre a ocupação histórica e social da área determinada.

Como procedimento de análise, utilizamos tanto a abordagem quantitativa quanto a qualitativa. A primeira, ofereceu recursos de procedimentos estatísticos Assim, com a compilação de aproximadamente 4.000 ocorrências<sup>1</sup>, i.é, um banco de dados relevante para a análise das principais gírias, foi possível a verificação de conhecimento, o levantamento de recorrências, sobretudo, pelos valores expressivos de dados obtidos de cada informante, e a inter-relação de cada gíria pesquisada como campos semânticos específicos. Esta abordagem revelou os vocábulos mais reconhecidos pelos moradores pesquisados, segundo os fatores sociais discriminados nas células: sexo, escolaridade, ocupação econômica e idade. Baseando-nos na abordagem qualitativa, fizemos o cruzamento entre as variáveis sociais que possibilitaram delinear o perfil do informante que mais reconhece a gíria, derivando deste reconhecimento o possível *uso* do vocabulário gírio.

Nosso interesse é, pois, o estudo da variante lexical gíria, originada nos presídios, mas utilizada como recurso comunicativo fora dele, em bairro periférico da área urbana. Nossa hipótese é que o uso deste vocabulário esteja relacionado com a situação simbólica de segregação, a mesma enfrentada pelos presos, levando os sujeitos da periferia a praticarem a gíria como recurso expressivo contra a variante padrão.

Para tanto, seguindo as orientações da Sociolinguística, em

---

<sup>1</sup> Ocorrências: conceito que correspondente às entradas de dados das respostas obtidas pelo questionário em relação a cada gíria pesquisada. (Vide anexo 3).

associação com disciplinas teórico-metodológicas afins, o trabalho apresentado é composto por seis capítulos de modo a orientar o leitor a compreender os fatos imbricados tanto na linguagem hermética quanto na dinâmica da gíria enquanto fenômeno vinculado aos fatores extralinguísticos. Subdividimos, pois, esta dissertação em (i) Considerações Iniciais; (ii) Fundamentação Teórica, na qual reservamos tópico especial para o *léxico e vocabulário*; (iii) o estudo do contexto de convivência dos informantes, Sobre o bairro Jardim São Jorge; (iv) Metodologia e a *construção do instrumento de coleta de dados*; (v) Análise, exemplificada com gráficos e os dados estatísticos compilados; e, por fim, (vi) a Conclusão da pesquisa.

O segundo capítulo é destinado a orientações teóricas que versam sobre a relação entre os fatores de ordem extralinguística com a mudança de padrões de fala. Discutimos a variação estilística, social e geográfica para questionarmos a relação das variantes usadas pelos sujeitos e sua identidade. Importa-nos esta questão principalmente pelo objeto pesquisado e a possível relação que existe entre a comunidade de fala e o uso da gíria. Em seguida, tratamos do léxico, vocabulário e neologismo, em busca de definições possíveis para o conceito de gíria.

Adiante, investigamos as diferenças entre gíria e jargão, a presença da variante de menor prestígio em jornal e seu registro impresso, como instrumentos de propagação.

O terceiro capítulo trata da investigação e levantamento do perfil social dos moradores do bairro pesquisado. Procuramos desenvolver toda a trajetória de formação do bairro até a situação atual, compreendendo que essa questão é fundamental para compreender a presença das gírias do sistema prisional na localidade.

O quarto capítulo procura demonstrar os procedimentos metodológicos adotados e desenvolvidos para organização desta pesquisa, sendo sua construção decorrente da articulação entre pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Dos tópicos determinados para explicitação da metodologia utilizada destacamos a seleção dos informantes; célula dos informantes; o questionário, sua construção subdivisão em questionário semasiológico e questionário onomasiológico; a postura dos informantes; a entrevista; e a formação do *corpus*.

O quinto capítulo investe na análise dos dados recolhidos a partir dos questionários aplicados. Demonstramos com base em cálculos estatísticos o resultado geral do conhecimento da gíria pelos moradores pesquisados na comunidade, e explicitamos os mecanismos criados que nos auxiliaram na observação do fenômeno diante dos fatores extralinguísticos; em seguida, expusemos as estimativas em tabelas e gráficos voltados a cada fator social. Desdobramos esse quinto capítulo em tópicos da análise como faixa etária, gênero, escolaridade, ocupação/atividade econômica, recorrências – sempre em relação ao conhecimento dos vocábulos gírios.

Assim, refletimos que se este trabalho não pretende investigar fatores linguísticos estruturais internos da fala, compreendidos aqui, p.e., como mudanças fonéticas vinculadas ao princípio do menor esforço. Logo, perscrutamos exaustivamente a relação existente entre os principais fatores extralinguísticos (sociais) que contribuem para o delineamento de um perfil que faça uso ou reconheça a fala advinda do sistema prisional paranaense e os dados obtidos a partir da pesquisa na comunidade periférica de Londrina. Para tanto, no decorrer da análise e dos inúmeros cruzamentos de dados, traçamos o perfil do grupo que seja o possível responsável pelo conhecimento, manutenção e disseminação das gírias do sistema prisional, tornando-se, assim, o grupo de referência desta forma peculiar de expressão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Iniciamos o percurso deste trabalho recordando Saussure (2006) e as primeiras discussões do aspecto social da linguagem, de natureza heterogênea, que creditava à fala (*parole*) um mero amontoado de combinações, vinculada apenas à vontade do falante, ao seu desejo e pretensão, deixando de considerar uma gama de fatores extralinguísticos que concorrem para as marcas distintivas desse mesmo falante, o que nos leva à variação linguística.

Em seguida, adentramos aos aportes conceituais dos estudos sociolinguísticos, adensando a discussão sobre a heterogeneidade da língua, com base em William Labov (2008), examinando os principais critérios da estratificação social da linguagem, determinados pela escolaridade, sexo, idade, classe econômica<sup>2</sup>; mais adiante, debruçamo-nos sobre os conceitos de variação diatópica, diastrática e diafásica, além de discorrermos necessariamente sobre norma padrão, adotando sua compreensão como mais uma variante significativa; concluindo o capítulo, observamos as relações entre identidade e comunidades de fala, procurando estabelecer associações que nos levem a refletir sobre o sujeito e o grupo restrito que faz uso das gírias criptológicas e específicas, no caso deste trabalho as gírias do sistema prisional.

Adiante, desenvolvemos o tópico *Léxico e Vocabulário: primeiras palavras*, o qual está organizado em oito subtópicos a fim de evidenciar as relações ou diferenças entre o conceito de léxico e vocabulário, perpassando por exemplos que comprovam a mutabilidade das palavras, bem como sua apropriação em diversas esferas. Examinamos a natureza de sua variação geográfica e social. Levantamos apontamentos acerca dos fenômenos extralinguísticos que desencadeiam ou possibilitam a existência de variantes, apreciando, inclusive, os mecanismos auxiliares na inovação lexical, abordando, pois, tanto a criação de novas palavras (neologismo) quanto a ressignificação delas (neologismo semântico). Posteriormente, fazemos um estudo da gíria e seu contexto de circulação, bem como a diferença entre ela e a língua específica conhecida como jargão,

---

<sup>2</sup> Em nosso trabalho tratamos a questão da *classe econômica* enquanto *ocupação/atividade econômica*, compreendendo o contexto peculiar da situação do trabalho avulso ou eventual.

investigando a circulação de vocábulos gírios pertencentes a grupos marginalizados em mídia impressa e livros, com a finalidade de demonstrar o percurso e fundamentos que comprovem a saída das gírias de seu ambiente recluso. Ao final do capítulo, trazemos algumas considerações no que concerne ao *contínuo* como fenômeno de variação linguística e tecemos breve relação deste com as gírias.

## 2.1 A HETEROGENEIDADE DA FALA EM SAUSSURE

No início da Linguística, Ferdinand de Saussure [1857-1913], em suas dicotomias lançadas no incomparável *Curso de Linguística Geral* (2006), distingue o objeto de estudo da Linguística: a *língua*, que para ele difere consideravelmente da *fala*, e o estudo diacrônico e sincrônico. O diacrônico como enfoque histórico, parte do estudo das transformações sofridas pela língua com o passar do tempo, enquanto o estudo sincrônico pretende um recorte e análise dos fatos linguísticos em determinada época.

Saussure (2006) postulava que na linguagem verbal oral coexistem (i) o produto social e o (ii) conjunto de convenções adotadas pelo corpo social, ao mesmo tempo física e psicológica. A primeira, relacionava-se tanto ao processo de produção quanto ao de articulação da linguagem oral humana; já a segunda, conjunto de convenções, leva Saussure a constatar que a *fala*, ato particular e subjetivo, pertencia apenas ao sujeito, excluindo tal característica por acreditar tratar-se de um ato individual e momentâneo (2006, p.28). A *língua* (*langue*), contrariamente à *fala* (*parole*), era objeto concreto e predisposto em um sistema possível de ser estudado separadamente.

A leitura do trabalho de Saussure (2006) evidencia que ele não desconsiderou o caráter social do estudo linguístico, mas, ao dividir a língua em dois aspectos da linguagem humana, um homogêneo e outro heterogêneo, respectivamente, aspecto social, como conhecimento internalizado e partilhado pelos falantes, nomeado de *langue*, e o heterogêneo como realização individual, a qual deu o nome de *parole*; o estudioso acredita ser mais crível de análise a parte plural, continente de aspectos gerais e definidos: a *língua*, observada como código. Saussure (2006) opta, pois, por sistematizar apenas o código independente e

apartado do ser. A necessidade de descrição da língua leva o pesquisador a verificar uma série de regras combinatórias, organizadas hierarquicamente, semelhante a um sistema, culminando no estruturalismo.

De todo modo, apesar de suas orientações, entre elas a impossibilidade do estudo da *fala* devido ao caráter heterogêneo, por ser individual/subjetivo e assistemático, a partir da década de sessenta do século passado, um grupo de pesquisadores inicia investigações da relação entre *língua* (considerado neste trabalho como sinônimo de fala) e sociedade. Entre as principais áreas de estudos destaca-se a Sociolinguística.

## 2.2 O ESTUDO DA HETEROGENEIDADE

A Sociolinguística consagra-se como uma das principais ciências da linguagem, tendo como principal objeto o estudo do uso histórico, social e cultural da fala, contrariando as premissas contidas no *Curso de Linguística Geral* no que se refere a ocorrência de variação apresentada dentro dos limites sócio-histórico-culturais.

Diante desta perspectiva, as línguas organizam-se, sobretudo, com a finalidade de realizar uma função comunicativa e social<sup>3</sup>. Esta ciência demonstra, pelos seus estudos, método e teoria, que os elementos heterogêneos que implicam variação no sistema linguístico, seja de uma comunidade de fala, seja na dinâmica das línguas em geral, estão intrinsecamente relacionadas com a estratificação social do grupo analisado.

Para Silva-Corvalán (2001), uma das características principais da Sociolinguística, em relação a algumas ciências associadas à Linguística tradicional, é a oposição desta quanto às orientações teóricas que ainda sustentam que o objeto de estudos da Linguística é a língua isolada de seu contexto social. Labov (2008)

---

<sup>3</sup> Em seu capítulo introdutório, Silva-Corvalán (2001) apresenta uma série de diferenças entre as ciências que têm como escopo o binômio língua e sociedade, evidenciando o papel da Sociolinguística, enquanto teoria e método, empenhada em analisar as relações entre fala, situação social e uso, mas destacando a Dialetoлогия como ciência basilar e precursora da Sociolinguística (cf. p.11).

compreende que há ambiguidade não apenas em pensar a língua isolada de seu contexto, mas em nomear como Sociolinguística a ciência preocupada em observar os enlaces entre a motivação social e as variantes na fala, uma vez que não há como dissociar língua e sociedade, e vice-versa.

O grande reconhecimento entre os pesquisadores brasileiros da ciência Sociolinguística possibilitou a produção de inúmeros trabalhos (PRETI, 1982; CAMACHO, 1988; CABELLO, 1991; LEMOS, 2002; MOLICA e BRAGA, 2003, entre outros) não obscurecendo, porém, estudos da Dialetologia. Ainda que de modo inverso, as duas se complementaram, a Sociolinguística inovou a disciplina que “deixou de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passou a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social” (CARDOSO, 2010, p.61), o que significa dizer que o resultado compilado nos Atlas Linguísticos atuais considera fatores como, por exemplo, idade, gênero, escolaridade.

Acordando, ambas, com a teoria da variação linguística, não permanecendo apenas nos limites da descrição, Sociolinguística e Dialetologia procuram explicar os elementos concorrentes para o resultado da mudança no padrão linguístico. Faraco (2002) recorda que tanto as pesquisas da Dialetologia quanto da Sociolinguística respondem pela mudança de paradigma ao confirmarem que não existe língua homogênea e sim que “qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades” (FARACO, 2002, p.31), de modo que não podemos fazer alusão a uma realidade homogênea ou a modelo de língua, mas ao conjunto dessas variedades. Na mesma direção, Silva-Corvalán (2001, p.2) enuncia:

El estudio de la lengua como fenómeno social lleva a rechazar el concepto de homogeneidad, herramienta analítica básica para los lingüistas estructuralistas, para dar paso a un concepto más adecuado y realista de sistema lingüístico heterogéneo<sup>4</sup>.

Assim, a Dialetologia, contribuindo com a Sociolinguística, conta com instrumentos metodológicos consolidados, seja na extensa produção de mapas geolinguísticos, seja no procedimento de estudos de caso e materiais de cunho

---

<sup>4</sup> “O estudo da língua como fenômeno social repele o conceito de homogeneidade, ferramenta analítica básica para os linguistas estruturalistas, para dar lugar a um conceito mais adequado e realista de sistema linguístico heterogêneo.” (Tradução livre)

monográfico acadêmico, até a confecção específica de glossários, vocabulários. Lembramos a utilização e composição de extensos questionários, os quais variam entre modalidades de questões, sendo estas diretas, indiretas, semidirigidas, entre outras. Trataremos pormenorizadamente destas questões no capítulo metodológico.

Desse modo, consideramos que os diversos modos de mudanças e expressões linguísticas utilizadas pelos indivíduos tenham relação com a sociedade cultural e socialmente complexa na qual vivemos, uma vez que o modo de expressão tem estreito laço com hábitos, costumes, tradições, ideologias, além de os sujeitos manifestarem a variação segundo os vínculos étnicos e comportamentais adotados, sobretudo, pelo grupo de referência. Nas palavras de Labov:

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística [...]. Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, p.19-20).

Segundo o pesquisador, toda mudança de padrão linguístico implica variação sendo este processo bastante complexo, envolvendo inúmeros fatores, entre eles: sociais, geográficos, psicológicos e de uso. Para o estudioso, os estímulos principais para a mudança linguística são: (i) o desenvolvimento inerente à própria linguagem, que funciona como organismo, estando suscetível às transições e desenvolvimentos linguísticos; (ii) a adaptação ou inserção de novo padrão que possibilita observar como se efetivam no sistema linguístico e social circunscrito estas trocas linguísticas; (iii) a mudança de atitude do falante diante de algum acontecimento, a fim de marcar sua identidade linguística, entre outros.

Camacho (1988) afirma que a variação não ocorre de modo simétrico e delimitado, mas está intimamente vinculada às condições economicossociais e políticas, ou seja, às condições de produção nas quais as dificuldades de comunicação se nos apresentam conforme o maior ou menor grau de contato entre as línguas, que são, nesta perspectiva, objetos históricos cambiáveis devido às diversas possibilidades de variação existentes na mesma

comunidade de fala, uma vez que todas manifestam estratificação social. A variação linguística, foco dos estudos sociolinguísticos, didaticamente, pode ser verificada pela dinâmica dos eixos de variação de lugar, social e de estilo.

### 2.2.1 Variação Diatópica, Diastrática e Diafásica

Para Lemos (2002), a variação é processo inerente e essencial à própria natureza da linguagem humana, ocorrendo em diversos eixos, sendo os principais: regional, social e de estilo. Por outras palavras, a variação linguística pode ser compreendida como diversos modos de expressão da linguagem por indivíduos que fazem parte de uma sociedade cultural e socialmente complexa. As variantes extralinguísticas manifestam-se pelas demarcações geográficas, sociológicas e contextuais, subdividindo-se em diversos eixos: diatópico, diastrático e diafásico. O primeiro faz referência às variantes regionais; o segundo revela, pela fala situada, o nível sociocultural do falante, o nível de escolaridade, a partir do uso da língua padrão; e, por último, os diferentes tipos de formas de expressão em cada situação comunicativa, em outras palavras, permite ao falante a escolha entre vários registros.

O eixo diatópico faz referência específica às variantes regionais. Para Preti (1982, p. 18) as variedades geográficas “são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais”. Podemos, pois, verificar que os contrastes geográficos, as limitações de contato entre comunidades por questões físicas e espaciais, as distâncias entre falantes da mesma língua que se localizam nos extremos de cada país, por vezes, permitem a modificação das estruturas fonéticas, lexicais e semânticas das palavras<sup>5</sup>.

O eixo diastrático, por sua vez, como elemento de variável externa, pode indicar o nível sociocultural. Preti (1982) destaca que esta variação está relacionada tanto ao *falante* quanto à *situação*, de modo que o *falante* é influenciado pelas variáveis idade, sexo, profissão, classe econômica, posição social, acrescidas

---

<sup>5</sup> Ver capítulo ‘Regionalismo’.

das variáveis advindas do grupo étnico e localidade.

Fica evidente que os eixos não ocorrem de forma isolada. O fator social sexo (de natureza diastrática), por exemplo, pode ser determinante para o comportamento linguístico do falante feminino ou masculino que, embora possa apresentar prosódia diferenciada, entoação própria do gênero, escolha lexical de cunho mais objetivo ou subjetivo, adotar, sobretudo, atitudes advindas do grupo de referência do qual faça parte, vinculando também o *estilo* específico de fala (de natureza diafásica) à situação comunicativa.

Assim, a *situação* sob a qual o falante exerce interação pertencente ao último dos eixos apresentados, diafásico, mais próximo da variável de estilo de fala, influenciado pelo ambiente, contexto, tema, estado emocional e grau de intimidade entre os falantes (PRETI, 1982; LEMOS, 2002).

A variação geográfica, social e de estilo, supracitadas, são passíveis de análise desde as diferenças fonéticas, morfológicas e lexicais, e são aquelas observadas mesmo por um ouvido menos atento, não significando, contudo, pressupor a existência de uma marca limítrofe e delimitada para cada variante, sobretudo, aquela de dimensão diatópica. Nesta, a norma formal *versus* informal caminha do centro para a periferia, respectivamente, ao que chamamos de contínuo. Este movimento corresponde ao prestígio da variação falada na zona urbana/central, em antítese para com a variação da zona rural/periferia, considerada de menor prestígio.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), ao observarmos o afastamento linguístico do central para o periférico, como dito acima, da linguagem padrão/urbana para a linguagem coloquial/rural teremos o *contínuo*, ou seja, uma linha que tem em seus polos a linguagem de prestígio e a linguagem estigmatizada. Embora existam comunidades que se localizam entre os dois polos, supomos, pois, que a periferia seja o reduto do conflito entre as normas padrão e coloquial, pois possibilita o encontro de diversas formas de expressão, culminando em variantes peculiares, tais como a gíria.

Ainda diante das relações microssociais, segundo a variação de estilo, os falantes da mesma comunidade linguística têm finalidades específicas em suas situações dialógicas cotidianas, por este motivo modificam a atitude linguística. Segundo Camacho (2008), quanto mais elaborado o pensamento, o grau de reflexão, a riqueza vocabular, a estrutura entre frases e períodos, maior será a situação formal de comunicação. Por outro lado, quanto mais leve o estilo, o imediatismo do que se pretende comunicar, a exigência de um mínimo grau de reflexão, maior a proximidade com a linguagem informal.

Logo, a variação estilística envolve atividades de comunicação entre interlocutores, as suas intenções e as finalidades, além de atentar principalmente para o contexto dialógico. A colocação de Camacho nos remete à teoria de Basil Bernstein (1972), citado por Silva-Corvalán (2001), de *código elaborado* e *código restrito* (limitado):

El código elaborado corresponde a una variedad caracterizada por mayor complejidad sintáctica y léxica; por ejemplo, en esta variedad son mucho más frecuentes las oraciones subordinadas que las paratáticas o las coordinadas por y o *entonces*. Es más explícito, mas generalizante y comunica significados independientemente del contexto. El restringido, por el contrario, es más concretizante, depende del contexto inmediato para comunicar significados y es sintáctica y lexicalmente menos complejo.<sup>6</sup> (BERNSTEIN, 1972, apud SILVA-CORVALAN, 2001, p. 26-27).

Como vemos, o primeiro vincula-se ao uso de estruturas consideradas de maior complexidade, seja de nível sintático ou léxico, enquanto o segundo, código limitado, "*es más concretizante, depende del contexto inmediato para comunicar significados y es sintáctica y lexicalmente menos complejo*". A pesquisadora evidencia ainda que esta teoria demonstra que temos variantes específicas a serem utilizadas conforme os grupos sociais, uma vez que estes têm diferentes modos de falar, correspondendo ao modo mais adequado de comunicação dependente do contexto, ou seja, são sempre complexos, já que todas as formas de comunicar são lógicas e estruturadas. De acordo com esta postura,

---

<sup>6</sup> O código elaborado corresponde a uma variedade caracterizada por maior complexidade sintática e léxica; por exemplo, nesta variedade são mais frequentes as orações subordinadas do que as orações paratáticas ou as coordenadas por e ou então. É mais explícita, mais generalizante e comunica significados independentemente do contexto. O código restrito, contrariamente, é mais concreto, dependente do contexto imediato para comunicar significados e é sintático e lexicalmente menos complexo. (Tradução livre)

Chambers e Trudgill (1994, p.19), ressaltam que “todos los hablantes lo son al menos de un dialecto [...] y de que no tiene ningún sentido suponer que un dialecto cualquiera es lingüísticamente superior a otro”.

A fala, por esta ótica, tem finalidades específicas e muda conforme a situação comunicativa (LABOV, 2008), sendo esse um processo de adaptação. Desta forma, a língua é tanto fato social quanto cultural<sup>7</sup>, já que está estritamente vinculada ao contexto histórico e social onde é produzida, e as variantes linguística, por sua vez, sofrem pressão de seu meio, o que pode levar a criação de variante particular, sendo ora classificada como pertinente a determinado grupo, ora como sinónimo de exclusão para os não iniciados. Assim, ao observar o falar de um indivíduo que se comunica em português, podem-se ter determinadas indicações a partir da escolha vocabular como proveniência do falante, nível de escolaridade, socioeconômico, cultural, entre outros.

### 2.3 IDENTIDADE E COMUNIDADE DE FALA

O conceito de identidade, conforme os pressupostos mencionados adiante, é construído, sobretudo, pela ação da língua, ou seja, é na expressão dos anseios individuais, quando da descoberta destes, em relação aos conflitos e anseios de outrem, seja um grupo ou outro indivíduo, que o processo identitário concretiza-se. Poderíamos supor que a existência de variantes concorrentes existe, inclusive, pela necessidade de (re)criações identitárias ou pelo menos que este é um fator a ser considerado independentemente da variação a ser analisada.

Assim, adotando os procedimentos de análise e os conceitos da Sociolinguística, compreendemos que a linguagem não pode sustentar-se sem a presença de um sujeito outro já que a língua é essencialmente social. Tomando a linguagem como objeto, esta só se materializa enquanto forma de interação nas práticas sociais, cujos principais atores refletem, como dissemos, a cultura e os contextos sociais aos quais pertencem.

---

<sup>7</sup> Chambers e Trudgill (1994, p.20) tecem pontual reflexão ao determinarem língua como conjunto de dialetos ‘mutuamente inteligíveis’, de modo que os traços distintivos em uma língua são, em geral, compreendidos pelo seu corpo social, demonstrando a complexa relação entre língua e sociedade.

No processo dialógico, i. é, no processo de interação, é que “nascem” os indivíduos, ao permitirem que projetem suas singularidades como o modo de ver, sentir e expressar o mundo. A linguagem, por esta ótica, colabora com a construção da identidade na medida em que permite o indivíduo interagir, reconhecer, ser reconhecido. O conceito de identidade, portanto, está intimamente relacionado a diversos elementos que convergem na formação do indivíduo, entre eles destacam-se o contexto historicossocial, os traços culturais e étnicos, sobretudo a linguagem verbal.

Permeada de todos os sentidos possíveis, a linguagem verbal é responsável pela manutenção e coesão do sujeito diante de seus pares. Isso significa que o modo de articular as palavras, de construir a frase, de dispor a seleção lexical, a expressividade, entre outros, são processos subjetivos que denotam o pertencimento a determinado grupo.

Bortoni-Ricardo (2005, p.175), seguindo as proposições de Le Page (1980), enfatiza o fato de que comunicar é mover-se em um espaço multidimensional, sendo este invariavelmente sociolinguístico, de modo que, se os espaços são múltiplos, há necessidade de que os recursos linguísticos da variação também o sejam e caminhem paralelamente aos processos identitários, sugerindo que a inexistência de um desses elementos implicaria a inexistência de todos os outros componentes da própria capacidade de linguagem.

A teoria da variação linguística (LABOV, 2008; FARACO, 2002; CALVET, 2002) oferece recursos significativos para a observação do movimento de identidades, visto que a seleção de determinada variante corresponde à expressividade individual, mas também aos grupos de referência aos quais pertencem.

Seja por questões territoriais, fazendo alusão principalmente aos estudos dialetológicos, seja por problemas referentes à estratificação social, ou ainda, por fatores de escolaridade, profissão, gênero, etnia, entre outros, a língua em uso, em nosso caso específico a gíria, interpreta e é interpretada pelo ser ao expressar seu universo, anseios e formas de experimentar o mundo, ao mesmo

tempo em que diz algo aos seus pares, diz algo sobre a sociedade na qual vive, e essa mesma sociedade também comunica algo por suas criações e significações lexicais, como verdadeiro instrumento de luta de classes ante as relações sociais, evidenciando preconceitos e demarcando simbolicamente territórios (LEITE, 2003; PRETI, 1997; 2003).

Aguilera, a propósito da variedade como fator de identidade, declara:

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo. (Aguilera, 2008, p. 106).

A identidade pode ser definida, pois, pelo pressuposto do uso linguístico, lugar este da construção do pertencimento (BOURDIEU, 2008), embora outros fatores não linguísticos tenham um peso significativo ao tratarmos de identidade, tais como: os adereços, a vestimenta, os hábitos alimentares, a cultura de modo geral (HALL, 2005; BAUMAN, 2005).

Verificamos que é na expressão comunicativa da linguagem verbal que frequentemente observamos mais acentuadamente a relação de reconhecimento do indivíduo para com seu grupo social, ou grupos sociais e, em um movimento reflexo, do grupo para com o indivíduo e, mais amplamente, da sociedade para com o grupo.

A língua é apenas uma entre outras formas de comportamento, um entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Como essas formas de comportamento, a língua também varia no interior de uma sociedade, de tal maneira que os indivíduos que possuem entre si laços mais estreitos de convívio, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam, precisamente por isso, modos de falar muito semelhantes (ou quase idênticos) que os distinguem de outros indivíduos. (PRETI, 2007, p.2).

O pertencimento é processo de mão dupla, sendo necessário tanto o grupo como o sujeito mutuamente se reconhecerem. O reconhecimento pode ser obtido por inúmeros signos, mas, como já dissemos, principalmente pela linguagem verbal: a estrutura da língua, os vocábulos gírios e expressões dialetais, a entoação

e tonicidade na pronúncia das palavras são elementos distintivos complexos que não podem ser simplesmente copiados por qualquer indivíduo.

Observando os estereótipos do falar carioca, do mineiro, do nordestino e do paulista torna-se perceptível a qualquer pessoa, quando esta se propõe à imitação da prosódia, a ausência de naturalidade, sendo, por isso, cômico, caricato ou preconceituoso. O processo de pertencimento está, pois, incutido nestes julgamentos linguísticos valorativos que se nos apresentam nas diferenças entre falantes nativos e aqueles que se propõem a cópia jocosa ou apenas expressiva. Logo, ao salientar as diferenças em ação de imitação (estereotipadas, portanto), coloca-se em relevo elementos de confirmação de reconhecimento da identidade do outro.

Lemos (2002) evidencia que os *estereótipos*, embora sejam formas linguísticas preconceituosas, vinculam-se às marcas e etiquetas que a sociedade atribui a um grupo específico, recaindo sobre estes, atitudes e crenças linguísticas. Ao pressupormos a imitação como modo de identificação dos grupos linguísticos ou comunidades de fala, nossa atenção volta-se aos *marcadores* linguísticos que são produtos de variação mais vinculada à classe social, sexo e/ou idade e também uma diferenciação estilística sistemática. Teremos como resultado, portanto, variantes linguísticas determinantes para a formação da identidade linguística.

Pela ótica da alteridade<sup>8</sup>, é pela linguagem que um sujeito se posiciona e se diferencia do outro, sendo possível a consciência de si somente por esse contraste, é pela língua e seus usos que este mesmo sujeito é reconhecido em seu grupo: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego” (BENVENISTE, 1976, p.286). A identidade pode ser, desse modo, individual ou de um grupo (coletiva), mas em ambos os casos só pode existir em oposição ao outro.

---

<sup>8</sup> Segundo Japiassú e Marcondes (2006, p.7), alteridade é caráter do que é o outro e se opõe ao mesmo. Consideramos o conceito também vinculado à característica humana de interação social e interdependência.

Pela perspectiva da Sociolinguística, o estudo do uso e da variedade da linguagem diante da estratificação social, a interdependência das variantes e a relação desta com os níveis culturais, seguida do exame minucioso das variáveis externas, como a influência estilística (LABOV, 2008), particularmente, permite-nos considerar a identidade do indivíduo como também o grupo ao qual faça parte, além de sua nacionalidade, região de nascimento, profissão, classe social, nível educacional, etnia, gênero, sobretudo pela pré-existência dos estereótipos.

A língua em uso, no processo de comunicação, constitui, em consequência desse fato, uma ampla gama de expressividade aos sujeitos que as utilizem, os quais se utilizam de diversas variantes linguísticas, em múltiplos níveis de organização social. Logo, classificar previamente um sujeito como pertencente a um único grupo é incorrer em erro, já que naturalmente pertencemos a diversos grupos sociais: familiar, profissional, classe social, étnico, pois ‘praticamos’ uma série de variantes linguísticas.

### 2.3.1 Comunidade de Fala

Consonante ao argumento levantado acima, Labov (2008, p.150) desenvolve o conceito de comunidade de fala: “A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”. Assim, podemos abordar a questão da comunidade de fala por duas óticas: pelo recorte temporal, no tempo aparente presente, em grupos específicos e delimitados, i. é, eixo sincrônico, ou pelo eixo diacrônico, observando historicamente a avaliação do corpo social ante etnias e seus mecanismos para minimizar a expressão particular.

Pelo eixo da sincronia, a comunidade de fala, na perspectiva da Sociolinguística, é comunidade que compartilha os mesmos usos linguísticos pelos seus membros na medida em que o convívio é habitual e constante, de maneira que as mudanças sejam intercambiáveis, permitindo ao indivíduo ser reconhecido como parte da comunidade devido à permanência e continuidade dos traços linguístico-identitários. De acordo com Calvet (2002), comunidade linguística é o “conjunto de seres humanos que compartilham o mesmo espaço geográfico-social e o uso de

uma mesma língua ou variedade linguística” (p. 167). Seria, pois, a comunidade de fala uma das formas de reconhecer a identidade do indivíduo, possibilitando a ele trocas linguísticas e simbólicas, que, por vezes, apenas determinado grupo reconhece e decodifica.

Lemos (2002), por sua vez, atribui o conceito de comunidade de fala àqueles indivíduos que compartilham e utilizam determinado saber linguístico em suas interações, mas de modo a se apropriarem completamente deste saber-uso, por isso participe das mesmas normas concernentes ao uso da língua, acrescida do elemento de identidade social. Concordamos, pois, que uma sociedade complexa impele vários papéis sociais ao sujeito, o qual deve, dentro do processo de desenvolvimento subjetivo, percorrer diversas comunidades de fala, adotando as variantes adequadas a cada situação comunicativa.

Por outro ponto de vista, podemos observar que sujeitos, conhecedores das regras internas de composição social e linguísticas, são capazes de negociarem significações completamente diferentes, contribuindo para a composição da linguagem convencionada do grupo. Estas significações adversas podem carregar valores e princípios inteiramente contrários aos valores sociais hierarquizados e pré-estabelecidos. Acreditamos que este seja um dos elementos motivadores da inovação e ressignificação lexical atinente às gírias do sistema prisional, por exemplo.

Em uma perspectiva histórica, diacrônica, tendo por base as revoluções nacionalistas, por muito tempo, a língua serviu aos propósitos patrióticos, representando não apenas as comunidades de fala em sentido estrito, mas em uma dinâmica ampla, a si própria, refletindo em um dos maiores mecanismos de unidade entre o plural e o singular, cultura e sociedade, povo e indivíduo<sup>9</sup>.

À época da formação dos Estados, utilizar a norma padrão como elemento de coesão social fazia parte do programa político e linguístico de inúmeros países, a língua detinha dois aspectos funcionais, o primeiro como processo de

---

<sup>9</sup> Saussure (2006, p.29) já preconizava que “os costumes de uma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação”.

compartilhamento dos anseios nacionais – recordemos a questão da *norma padrão prescritiva* –, e segundo, como orientadora de diretrizes sociais, culturais e identitárias provenientes dos grupos políticos letrados, excluindo, desse modo, os falares que não respeitavam a padronização.

Para citar um exemplo de como o Estado faz uso da norma prescritiva, idealizada e como símbolo de pátria ou nação, no final do século XIX, a Política Nacional de Embranquecimento trouxe ao Brasil incontáveis imigrantes, a maioria italianos, para trabalhar nas fazendas de café.

O primeiro grande grupo de italianos chegou à Província de São Paulo em 1877, num total de cerca de 2000 imigrantes, mas é depois de 1882 que a corrente imigratória terá um crescimento contínuo para atingir 80.749 pessoas em 1888. (HOLLANDA, 2010, p.277)

Essa manobra, a de trazer “brancos” ao país, levou ao aparecimento de guetos entre os imigrantes, que aos poucos deixavam de se comunicar pela língua materna e passavam a utilizar o idioma brasileiro, ainda que em um processo de assimilação que deixava declarada a origem de seu falante devido ao sotaque e ao abasileiramento de expressões da pátria egressa, as quais, ainda hoje, são estereotipadas.

Essa perda do idioma nativo não ocorreu de forma pacífica, Santos (2001) discorre sobre uma série de fatores que levaram a língua italiana dos primeiros imigrantes quase à extinção. Entre esses fatores, destacam-se: a propagação dos veículos de comunicação em massa; a política proibitiva de Getúlio Vargas quanto ao dialeto italiano; a industrialização responsável por enfraquecer as comunas e levar os italianos do campo para as cidades; os casamentos exogâmicos; o preconceito, para citar alguns exemplos.

Evidenciam-se, nesta época, não apenas os ideais nacionalistas, mas que a busca pela hegemonia, autonomia e emancipação dos Estados, recaem simbolicamente sobre a Língua Nacional. O preconceito incitado no corpo social contra quem tem hábitos linguísticos diversos, no caso, compreendidos como comunidades de fala diversa, leva o indivíduo, ou o grupo de fala ao qual pertença, a mudanças bruscas de seu comportamento linguístico e, posteriormente, à unidade

de expressão adotada pela maioria. Não nos alongando quanto à violência simbólica às comunidades de fala, queremos, entretanto, destacar a descaracterização do grupo, a fragmentação identitária, devido à adoção de variantes linguísticas que os integram ao corpo social maior.

Para Preti (2003, p.49), “a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem”. Compreendemos, portanto, que todo conjunto de práticas acima elencadas supõe o desprestígio dos idiomas dos imigrantes, como também contribuíram para a incorporação de traços linguísticos da língua estrangeira ao português brasileiro pelo sincretismo entre línguas.

Quanto às questões etnolinguísticas, Labov (2008) observa também no interior do falar inglês, características peculiares que diferenciam o inglês standard, ou seja, o inglês padrão, daquele utilizado por afroamericanos. Segundo suas constatações, há uma alternância de código que vai do uso do black English, em situações menos formais e com seus pares, para situações que carecem do uso do inglês standard motivado não apenas pela formalidade da situação, mas como forma de reforçar a identidade entre os diferentes grupos.

Em outro estudo feito pelo pesquisador, em Martha's Vineyard, Labov (2008) procura compreender também a estrutura interna do inglês praticado na ilha e as mudanças linguísticas que ocorriam, constatando que inúmeros fatores, entre eles, problemas com a pesca e, concomitantemente, o aumento da exploração da ilha pelos turistas, levaram as gerações mais novas para fora da ilha. Esses dois movimentos, o da exploração pelos turistas e o abandono pelos mais jovens das tradições e costumes laborais da ilha, mudaram o padrão linguístico, que agora adota, em grande medida, os traços linguísticos distintivos, advindos dos veranistas, representantes do sucesso e do estilo de vida americano bem sucedido.

Isso comprova que a língua e seus padrões identitários não são estanques e estão intrinsecamente relacionados aos fenômenos extralinguísticos, à estrutura e pressão social, servindo ao homem, como ferramenta, ao mesmo tempo em que permite a sensação de pertencimento, característica fundamentalmente

social dos seres humanos, indo ao encontro de suas necessidades. Logo, um grupo étnico, uma comunidade de fala, mesmo que tenha desenvolvido padrão linguístico rebuscado pode vir a trocar de padrão conforme suas necessidades. (SANTOS, 2001, p.22).

De acordo com Labov (2008), o dialeto nativo da ilha de Martha's Vineyard permanece enraizado apenas nas gerações com faixa etária mais alta e são estes remanescentes que ainda lutam por manter a identidade linguística original, enquanto os mais novos adotam as novas variantes e distanciam-se das tradições linguísticas dos primeiros. Ao distanciarem-se das tradições linguísticas, eles agregam novos comportamentos e também novas dimensões quanto ao que pode *devir* de suas identidades linguísticas e, portanto, sociais.

Para Bauman (2005), a distância do sujeito para com as tradições demonstra que estamos vivendo um esvaziamento dos valores que afetam deveras o modo de como as peças constitutivas da identidade se encaixavam. Nesta questão Bauman dialoga com a conceituação de Hall (2005) de que a multiplicidade de identidades propiciadas pela globalização *“produz um sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”* (HALL, 2005, p.12). Essa constatação vai ao encontro do que Bauman preconiza:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p.35).

Neste movimento de enfraquecimento das tradições, incorpora-se, inclusive, a tradição linguística, de modo que podemos situar a compreensão de identidade confirmando a fragmentação do sujeito na observação da língua de uso e na participação de inúmeras comunidades de fala. Se observarmos a linguagem, veremos que o sujeito não tem apenas um modo fixo e inflexível de comunicação, ele transita em diversas variantes e potencializa o intercâmbio de trocas linguísticas.

Nesta perspectiva, as mudanças linguísticas recebem conotação diversa da observada pelos sociólogos. No caso, adotamos uma postura otimista, pois acreditamos relevante o fato de o sujeito ter o poder de enfraquecer inclusive o *status quo* que manifesta e afirma as normas e regras da língua de prestígio. Seria este um movimento de avanço contra os preconceitos linguísticos: a) na medida em que se evidenciam as incorreções segundo os padrões estabelecidos; b) a permanência e resistência das variantes menos prestigiadas; c) a ineficácia quanto às políticas linguísticas adotadas pelo Estado. A esse respeito, Lemos comenta:

A variedade das classes dominadas tende a se desestruturar, quando em contato com a variedade da classe dominante, gerando inúmeros sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade linguística, que levam muitos falantes a se envergonharem de seus próprios dialetos. (LEMOS, 2002, p.65).

Se a variante de certa comunidade de fala desaparece, devido aos preconceitos ou discriminações de seu uso, junto com ela vão-se hábitos, costumes, cultura e toda uma representação de mundo por meio da linguagem.

Por fim, pontuando a questão da relação entre a identidade e a variação social da linguagem, observamos a existência de variação linguística de acordo com as classes sociais, a escolaridade, o sexo, a idade, às quais pertençam os indivíduos. Na coexistência das variantes linguísticas que verificamos a correlação entre linguagens e grupos, tais como as praticadas no meio acadêmico, jurídico, policial, médico e também por grupos mais restritos, lugar este das gírias de grupo, sendo mais ou menos difundida conforme o valor social atribuído a estes grupos. Preti (2007) aborda esta questão:

A gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos. (PRETI, 2007, p.2).

Mas se o arcabouço linguístico de um povo representa o mundo e o modo de vida, os valores e identidade, pertencimento ou exclusão, a gíria, como expressão particular de grupos restritos, abrangeria essas potencialidades? Ela, em seu princípio de formação, faz parte do léxico ou é considerada apenas vocabulário?

Como se constitui? Quanto tempo permanece em meio às comunidades de fala? Perene, efêmera, parasita? Procurando responder a estas questões, vamos ao tópico seguinte.

## 2.4 LÉXICO E VOCABULÁRIO

Procuramos, neste capítulo, evidenciar as relações e diferenças entre o conceito de léxico e vocabulário, perpassando por exemplos que comprovam a mutabilidade das palavras, bem como sua apropriação em diversas esferas. Examinamos a natureza de sua variação geográfica e social, complementando o que foi conceituado em tópico anterior. Levantamos considerações acerca dos fenômenos extralinguísticos que desencadeiam ou possibilitam a existência de variantes, apreciando, inclusive, os mecanismos auxiliares na inovação lexical, abordando tanto a criação de novas palavras quanto a ressignificação delas. Posteriormente, fazemos estudo da gíria e seu contexto de circulação, a diferença entre ela e a língua específica conhecida como jargão, investigando, finalmente, sobre a circulação de vocábulos gírios pertencentes a grupos marginalizados, tais como os pertencentes ao sistema prisional, em mídia impressa e livros.

Temos consciência de que a gíria, de modo geral, apoia-se em estruturas lexicais da língua em uso e tem à disposição, em seu processo de formação, inúmeros recursos para ser composta. Invariavelmente, ela altera os significados das palavras (CABELLO, 1991; REMENCHE, 2003b; OLIVEIRA, 2006;) por inúmeros processos: metafóricos; deformação e alteração de significados; deformação de significantes; neologismos populares; além de invenções baseadas em empréstimos do léxico estrangeiro.

O léxico, grosso modo, é o conjunto de palavras que possibilita aos membros de uma comunidade linguística, por meio de convenções adotadas, expressarem-se, comunicarem-se e agirem entre si. Dessa forma, podemos chamar o agrupamento de todas as palavras constituintes de uma língua de léxico, obtendo o léxico francês, léxico português, léxico inglês, por exemplo. Enquanto que o vocabulário, em sua definição geral, pode ser considerado uma espécie do gênero léxico, em outras palavras, é um domínio determinado do léxico.

As palavras com que podemos nos deparar ao ler determinado autor, em um texto, ouvir de um falante em certos ambientes, nos discursos da ciência, podem ser denominadas especificamente como vocabulário, traço distintivo do falante, particular ao ambiente delimitado. Exemplo disso é o vocabulário dos detentos do sistema prisional, o vocabulário específico da ciência e ainda, um vocabulário característico no norte ou no sul do país, para citar alguns.

Entre ambos, léxico e vocabulário, não há apenas a diferença de gênero e espécie, como se um fosse o todo e o outro parte, simplesmente, mas sim por distinções entre espaço e tempo (diacronia/sincronia), histórica e situacional, características sociais e ideológicas, de estilo, de gênero, de situações comunicativas, de modalização e de utilização mais adequada aos contextos de fala.

Podemos, ainda, conceituar léxico como sinônimo de dicionário ao pretendermos mensurar/cotejar as palavras de dada língua. Neste caso, notamos mais uma característica distintiva entre léxico e vocabulário: o primeiro é consideravelmente complexo e extenso que nos permite quantificar de forma muito imprecisa sua totalidade, enquanto o segundo, dependendo do contexto social, da situação comunicativa e do número de falantes em dada região pode ser mensurado, quantificado, coletado e descrito, como no caso das gírias do sistema prisional ou do vocabulário científico e técnico.

Neste ponto podemos inferir outra diferença: o léxico geral pode tender ao incomensurável, pois além de agregar o vocabulário, conta com a capacidade imaginativa/criativa que influencia diretamente na produção de novos sentidos e novas denominações por seus falantes, enquanto o vocabulário, principalmente o especializado, vincula-se fortemente à realidade representada, o que minimiza as possibilidades de denominações extravagantes quando um termo já satisfaz a intenção comunicativa entre o grupo de referência. (GUILBERT, 1973, Apud REUILLARD, 2007, p.36).

Schultz (2007) nos orienta quanto à brevidade da palavra e ao sentido que pode permanecer ou desaparecer, além da maleabilidade do léxico de

uma língua: “o léxico de uma língua é maleável, modifica-se segundo as necessidades, aumenta quando cria novas denominações, diminui quando as unidades não utilizadas são postas à parte” (Idem, p.17). Isso quer dizer que o movimento de manutenção e extinção depende, fundamentalmente, do uso específico que uma comunidade faz do conjunto de palavras disponíveis para sua comunicação. Porém, o léxico embora apresente semelhança atinente também ao vocabulário gírio, i. é, a modificação de sentidos, tem maior conservação destes por sua amplitude, alcançando, de forma horizontalizada, o território nacional, e de forma verticalizada, os estratos sociais.

Logo, um dos motivos da dificuldade de coleta de todo o léxico de uma língua, destaca-se o fenômeno de variação da linguagem. Os estímulos são inúmeros e originam novas formações e significações de palavras todos os dias, por vezes renovando e ressignificando as existentes (como ocorre com as gírias); desentranhando aquelas esquecidas no tempo (arcaísmos); adotando palavras estrangeiras (estrangeirismos) veiculadas na mídia, impressa ou televisiva; unindo radicais a outros radicais, ou a prefixos e sufixos inesperadamente (neologismos); termos extremamente específicos confeccionados pelas ciências (linguagem técnica), entre tantos outros fatores que contribuem para o fenômeno linguístico denominado de variação, neste caso a variação lexical.

Reuillard (2007, p.33) corrobora e evidencia o potencial de mutabilidade do léxico de uma língua e a capacidade em apropriar-se de palavras advindas de outras línguas, como também da ressignificação, dos empréstimos de sentidos dos itens lexicais e sua inovação.

Se nos orientarmos em uma dimensão diacrônica, as complicações multiplicam-se e elevam as possibilidades de compilação do léxico de uma língua. Neste caso, a língua portuguesa brasileira, por exemplo, está permeada não apenas por palavras advindas da época de colonização, ora influenciada e constituída por vocábulos advindos dos latinos, godos, árabes, espanhóis, franceses (CUNHA; CINTRA, 2007), como também por contatos que perpassam inúmeras etnias, sendo a formação de nossa língua influenciada por diversas tribos africanas e indígenas, o que foi determinante para o resultado da língua que utilizamos hoje. De acordo com

Alves:

O idioma português tem herdado unidades léxicas de outros sistemas linguísticos desde o início de sua formação: empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola, italiana). (ALVES, 2004, p.6).

Diante dessa perspectiva consideramos o léxico como um fenômeno subjetivo vinculado à capacidade de memória linguística de um povo e suas perspectivas futuras. Logo, a língua, elemento essencial entre as relações cotidianas é dependente do indivíduo que a porte e de questões de ordem socioculturais e históricas.

Para Aragão (2005), “a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são e estão refletidos em seu léxico”, levando-nos ao resultado de que mudanças de valores sociais, repercutem na ideologia de pensamento, na acumulação e compartilhamento de conhecimentos, especialmente linguísticos, entre os indivíduos pertencentes a quaisquer sociedades, acarretando modificações lexicais e mudanças semânticas como reflexo desses eventos.

Assim, o dicionário, representante máximo do léxico de uma língua, abarca apenas parte do que realmente existe na linguagem verbal de um povo, pois o léxico tem uma dimensão incomensurável, maior do que qualquer instrumento que tenha pretensão de cotejá-lo, enquanto o vocabulário, como parte significativa da variedade lexical, pode ser estudado sem grandes percalços. Queremos dizer, com maior precisão, que mesmo com algumas centenas de palavras, há capacidade metodológica para distinguir e classificar o vocabulário.

Assim, podemos identificar a natureza diversificada do léxico de uma língua por meio de uma série de *oposições*, entre elas, destacamos: (i) pluralidade, ou palavras usadas todos os dias em múltiplas situações, *versus* singularidade, ou palavras que são usadas apenas em ambientes específicos que requerem maior desenvolvimento dos argumentos (o que leva o falante ao uso de vocábulos

especializados atento à situação comunicativa); (ii) diferenciações entre palavras da língua falada, de natureza mais individual, e palavras da língua escrita, mais próximas da língua padrão e da tradição literária; (iii) palavras de uso corrente e palavras arcaicas ou, ainda, com caráter neológico.

Estas são apenas algumas das possibilidades de diferenciação do léxico de uma língua, mas reconhecemos que se trata verdadeiramente de aparente distinção, pois um neologismo pode advir de vocabulário técnico e uma palavra arcaica ser do arcabouço literário, entre outros possíveis exemplos.

Quanto à disposição, o léxico, como dissemos, não é uniforme, de modo que podemos reorganizá-lo e ordená-lo conforme nosso interesse, com base nos critérios subjetivos ou objetivos de pesquisa. Uma das formas possíveis de organização lexical consiste na observação da fala situada, ou em outras palavras, no uso que os falantes fazem da língua e quais os vocábulos mais aparentes, mais usados, mais correntes, possibilitando procedermos com as distinções apresentadas acima até chegarmos às variedades adotadas em determinado tempo, espaço e por certo sujeito, em determinada situação comunicativa, com dado nível de escolaridade, entre outros fatores.

#### 2.4.1.1 Regionalismo

As variedades linguísticas regionais da Língua Portuguesa são observáveis entre os mais variados níveis, a saber, fonético, semântico, lexical, p.e., os quais se entrelaçam a elementos e contextos sociais, culturais e históricos. O léxico, como parte do objeto de estudo deste trabalho, dotado de unidades distintivas, permite-nos observar mais claramente as diversas variantes adotadas pelos sujeitos que habitam um território tão vasto quanto o brasileiro. Com base em alguns dicionários regionais, vejamos alguns exemplos nas regiões Nordeste, Norte e Sul, da rica variação lexical que nossa língua apresenta:

Região Nordeste: Albuquerque (2013), no início de seu *Dicionário de Nordestinês*, destaca algumas expressões que evidenciam as diferenças no modo de expressão do falar nordestino. Vejamos algumas destas, “nordestino não engana,

ele dá um migué; não fica com vergonha, ele fica encabulado; não passa a roupa, ele engoma; não quebra algo, ele tora; não lancha, merenda; não fica bravo, fica com a gota serena; não fica grávida, fica buchuda, prenha; não morre, bate a caçoleta, se acaba”. Além das expressões, interessa ressaltarmos outros exemplos: “cambito” (perna fina), “(en)fastiado” (alimentado, cheio, satisfeito) ou “empanzinado” (cheio, bem alimentado), “gaia” (chifre), “jerimum” (abóbora), “mangar” (ridicularizar), “pitéu, moça, bulida, tabaróia, cambão, caritó, paia” (como adjetivos atribuídos ao sexo feminino), “galalau, varapau, menino, tabaréu<sup>10</sup>” (adjetivos atribuídos aos de sexo masculino), “cabra” (homem), “sustança” (relativo à capacidade de nutrir dos alimentos), “racha” (jogos, disputas).

Região Norte: encontramos em Póvoa (1996) exemplares da fala regionalista especificamente do estado de Tocantins, de forma que destacamos os termos “enfastiado” (de barriga cheia, satisfeito), “maninha, manteúda, paraíba, pesadona, quente” (adjetivos relacionados às mulheres), “de barriga, barrigada” (grávida), “marido-de-professora, granfo, mequetrefe” (adjetivos atribuídos aos homens), “engambelar, armada, dilubriar” (enganar), “ensoado, com a cara no chão” (envergonhado), “engaerado, esquentado, xucro” (nervoso ou bravo), “embarcar, faltar, comer capim pela raiz” (morrer), “rango, gargural, precisão de boca” (comida). O dicionário, embora ausentes o formalismo e a técnica apurada para a confecção do instrumento, foi aprovado pela Academia Tocantinense de Letras, pois consegue compreender um considerável número de vocábulos especialmente voltados à região Norte do país.

Região Sul: “parada” (aposta), “solito” (isolado), “campo santo” (cemitério), “embretar-se” (meter-se em apuros), esses e outros inúmeros vocábulos são encontrados no *Dicionário de Termos do Rio Grande do Sul*, de Nunes e Nunes (2010). Permite-nos, pois, observar a influência regional na linguagem proveniente dos países limítrofes de colonização hispânica – p.e., “flaco” (desnutrido, magro), “recuerdo” (lembrança), “chusque” (gracioso, elegante) – e também do guarani – “beju” (bolo de mandioca), “mambira” (homem caipira, rústico). Entretanto, destacamos, a título de comparação com as variantes do Nordeste e Norte, algumas

---

<sup>10</sup> Homem com hábitos rústicos.

palavras: “china, chinoca” (moça/mulher)<sup>11</sup>, “matadora, mocha, piguancha” (adjetivos relacionados às mulheres), “embarrigar” (engravidar), “baratinar, cristear” (enganar), “quengo, retaco, tarugo<sup>12</sup>, torema” (adjetivos relacionados ao sexo masculino), “desapontar, encalstrar, encalifar” (envergonhar-se), “algariado” (indivíduo nervoso, agitado), “empachado” (alimentado, cheio), “folheiro” (satisfeito), “guampa” (chifre, corno), “vianda” (marmita), “boia, xepa” (comida, refeição), “cambota, guaiapeca” (perna torta), “cufar, alumiar a cola na macega, bater a alcatra na terra ingrata, bater a canastra” (morrer).

**Tabela 1** – Variantes lexicais regionais

Itens lexicais	Região Nordeste	Região Sul	Região Norte
Adjetivos femininos	pitêu, moça, bulida, tabaróa, cambão, caritó	matadora, mocha, piguancha	maninha, manteúda, paraíba, pesadona,
Adjetivos masculinos	galalau, varapau, menino, tabaréu	quengo, retaco, tarugo, torena, mambira	granfo, mequetrefe, marido-de-professora
Caçoar	mangar	aflilar, troçar	mangar
Chifre	gaia, galha	guampa	chifre
Comida	bucha	boia, xepa	rango, gargural, precisão de boca
Enganar	dar migué	baratinar, cristear	engaerado, armada, dilubriar
ficar com vergonha	encabulado	encalfado, encalistrado	ensoado, com a cara no chão
Grávida	buxuda, preña	embarrigar	de barriga, barrigada
Homem	cabra	homem	homem
Morrer	bater a caçuleta, se acabar	bater a canastra, cufar	descansar, embarcar, faltar
Mulher	mulher	china, chinoca	mulher
Nervoso, bravo	com a gota serena	algariado	engaerado, esquentado, xucro
Satisfeito (de alimento)	fastiado, empazinhado	empachado	enfastiado

**Fonte:** Elaborada pelo autor com base nos dados dos dicionários regionais.

Com a intenção de evidenciar o fenômeno, na tabela ‘*Variantes lexicais regionais*’, verificamos que, para cada item lexical da variante padrão, temos um correspondente aproximado na variante regional, não significa, entretanto, que todas as palavras terão um correspondente imediato, mas podemos afirmar que cada região do país é palco, devido a questões culturais, sociais, políticas, antropológicas, entre outras, de vocábulos inerentes à localidade.

Por vezes, a variante pode ocorrer no nível fonético, como no caso de ‘mulher’, que tem como pronúncia nordestina ‘muié’/mulé, e homem como ‘homi’. O dicionário tocantinense, porém, não traz nenhuma entrada como sinônimo para ‘mulher’, mas inúmeros vocábulos como adjetivos vinculados ao gênero feminino.

<sup>11</sup> Os autores destacam o verso “Tive chinas... tive amores”, de Dilma Costa (1963, p.19), além de tantos outros que demonstram ser um vocábulo bastante utilizado.

<sup>12</sup> Pode ser utilizado com sentido de fumo ordinário, cigarro muito grosso.

Embora tenhamos uma grande variedade de vocábulos regionais, não perdemos a unidade linguística por inúmeros fatores, seja pela educação formal oferecida pela escolarização, seja pela mídia de massa que alcança os brasileiros em todos os recantos do país, ou ainda pela tradição escrita que impera como representante da norma padrão (apenas para citar alguns exemplos).

Outro fenômeno significativo quanto à variação regional são vocábulos e expressões que apresentam a mesma construção, mas adotam significado diverso em cada região. Podemos chamá-los, neste caso, de regionalismo semântico, pois são vocábulos que, incorporados aos falares regionais, assumem um significado bastante diverso entre o originário e sua atualização regional. É o caso de “estar nos trinquês”, registrado no dicionário sulista como ‘sujeito bêbado, embriagado’, fazendo referência possível à palavra *trinken* da língua alemã que significa beber; mas recebendo o significado de ‘sujeito bem trajado, vestido com elegância’, na região norte e sudeste.

#### 2.4.1.2 Variação social

A variação do léxico pode ser observada pela esfera social uma vez que a sociedade está, em seu todo, composta pela heterogeneidade de grupos e classes sociais. Desse modo, a língua em uso recebe os estímulos dessas seções e passa, ao mesmo tempo, a representar e ser representada por esses grupos.

Podemos apresentar alguns fatores utilizados pela Sociolinguística para a análise dessa variação, por exemplo: a idade, o sexo, a proveniência, a classe social e econômica, o nível de instrução/educação ????

Quanto ao primeiro fator, idade, podemos observar diferenças que vão desde as formas de tratamento, passando por expressões e estruturas formulaicas (provérbios, frases feitas e expressões que se utilizam de melodia e rima) (PAIM, 2010), de modo que possa ser considerado constante fenômeno da variação de linguagem, demonstrando não apenas a riqueza das variantes, mas o movimento contínuo de renovação e inovação lexical.

Entre os grupos de idosos e jovens, observamos que os mais novos tendem a acompanhar o uso das gírias do momento/atuais na linguagem mais informal, é o caso de *tipo/tipo assim, tá ligado?, beleza/tá beleza?, irado, zuar/zueira, boiar/boiando, nós/é nós, paga-pau, trolar/trolando*, enquanto os mais velhos costumam utilizar gírias de seu tempo e que hoje causam riso ou deboche pela parcela social adolescente, é o caso de *bárbaro, lagartixa, joia/tudo joia?, e aí bixo?* (PRETI, 2008).

Observe que não dissemos 'incompreensão', mas riso ou deboche quanto ao uso de arcaísmos gírios, Paim esclarece que:

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, é preciso reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse 'grupo social'. (2010, p.112)

A estudiosa, concluindo o raciocínio, pondera que a atitude linguística no uso de vocábulos e expressões advindas de outro tempo demonstra a valorização da fala apreendida entre os pares. O mesmo movimento ocorre entre adolescentes, que se afirmam como indivíduos e desenvolvem capacidades para convivência em grupos, enquanto que a preocupação em explicitar os conceitos de vocábulos e expressões não compreendidas deve-se à necessidade de integração contínua à sociedade.

O segundo fator, o gênero, também é de extrema relevância diante dos estudos da variação lexical. Em Labov (2008) e Vieira (2010) há uma série de apontamentos que tratam das diferenças entre a fala feminina e masculina. Características como: inovação linguística, maior consciência de formas consideradas de prestígio (por isso maior investimento nas correções em situações de fala monitorada) e sensibilidade quanto ao processo de inovação, são associadas às mulheres, resultando, inclusive, no uso, pelas mulheres, de formas consideradas de maior prestígio social, enquanto os homens utilizam com maior regularidade formas não padrão (VIEIRA, 2010, p.2).

Para Labov, “a diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária” (2008, p. 348). Logo, não são apenas fatores de ordem física ou de maior ou menor quantidade de dados coletados de ambos os gêneros, mas se trata de uma questão de postura linguística, o que significa dizer que existem vocabulário e forma de expressão convencionados que são mais apropriados socialmente para cada gênero.

Como dissemos acima, a proveniência do falante, nosso terceiro fator, é responsável pela variação regional da linguagem, o que resulta em variantes dialetais nos mais diferentes níveis (fonético-fonológico, lexical, semântico). Em nosso caso, com um país de dimensão territorial continental, naturalmente teremos influência de culturas variadas, inclusive pela dinâmica de nossas fronteiras, ocasionando variantes bastante diversas em cada região brasileira.

A classe social e econômica, por sua vez, devido às disparidades advindas da detenção dos meios de produção, distribuição de renda, está dividida em uma minoria com muitos recursos, possuidora de bens e considerada, por isso, de status mais elevado, e outra parcela, absurdamente maior, que vive entre a pobreza e a miséria. Interessa-nos esta disparidade quando ponderamos, nestes extremos, que o status social norteia aquilo que possa ser considerado norma e, por consequência, fala de prestígio, servindo de modelo para quem se encontra socioeconomicamente, em uma estrutura de pirâmide, abaixo desta.

Ressaltamos que não é apenas a linguagem que sofre o processo de mimese por quem se encontra em níveis inferiores, mas também valores, ideais, objetivos, hábitos de consumo, entre outros, são considerados modelos de sucesso a serem copiados e propagados.

Para explicitar a variação social e sua constância, tomemos como exemplo o poema ontológico de Oswald de Andrade, *Vício na Fala* (1971), no qual o poeta subverte o valor linguístico dado socialmente àquelas variantes consideradas de cunho popular por dar relevância ao agricultor e ao pedreiro como verdadeiros

modificadores da paisagem.<sup>13</sup>

#### Vício na Fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha teia

Para telhado teiado

E vão fazendo telhados.

#### Oswald de Andrade

O poeta, homem letrado, personalidade importante já em sua época, um dos mobilizadores do movimento modernista, compreende as variedades existentes entre a classe de trabalhadores e a intelectual, detentora da norma padrão. Ao distanciar o sujeito que usa a linguagem entendida como simples, ele nos permite pensar o abismo existente entre as classes sociais e econômicas. Assim como a língua segue o movimento da variação, a paisagem, com as construções, também é modificada pelas pessoas que fazem uso dessa fala e propagam-na. Em outras palavras, quem faz uso de 'telha' não modifica tão ampla e vigorosamente a paisagem, enquanto ao sujeito de 'teia' cabe o fluxo de contínuas mudanças/construções.

Por fim, o nível de instrução possibilita não apenas a apreensão de vocábulos técnicos/específicos, mas reflete na capacidade do indivíduo em modalizar sua linguagem diante de situações comunicativas diversas, sendo poderoso 'instrumento' para promover a mobilização social.

Vejamos agora, quais recursos oferece-nos a língua para a inovação

---

<sup>13</sup> Poderíamos citar, inclusive, outro poema que pondera sobre a mesma questão denominado *Pronominais*. In: *Obras Completas: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 7, 1971, p.125.

lexical.

#### 2.4.2 Neologismo

Outra forma de observarmos o movimento contínuo da língua falada em sua capacidade de agregar mais itens lexicais e vocábulos consiste na formação de neologismos.

Segundo Ceranto (2009, p.31), fundamentada em suas pesquisas: “o léxico está em contínua expansão, de forma a atender às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, sendo que as línguas, de um modo geral, apresentam processos bastante produtivos de palavras”. A pesquisadora atribui, portanto, à própria dinâmica das línguas e às relações sociais destas para com seus falantes o movimento de transformação, modificação e renovação, de modo a inferir que a interação entre língua e sociedade constitua um único organismo reflexivo e mutante. Esta perspectiva diante do neologismo vem ao encontro de Bechara:

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*. (2009, p.430).

Nesta perspectiva, a mudança de paradigmas sociais, o desenvolvimento de ferramentas e tecnologias, o surgimento e continuidade de ciências, são algumas das circunstâncias que exigem a renovação e criação de novos itens lexicais. Ao acrescentar novo vocábulo ao acervo lexical, teremos concretizado o processo da neologia e podemos denominar este vocábulo novo como neologismo. Pela síntese de Alves (2004, p.5): “ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*”.

Guilbert (1975) define neologia como uma contingência inerente ao sistema lexical, o qual permite, por ser composto em elementos morfológicamente estruturados e reconhecidos pelo corpo social, a criação de novas unidades lexicais: “*La néologie lexicale se définit par la possibilité de création de nouvelles unités*

*lexicales, en vertu des règles de production incluses dans le système lexical*" (Idem, p.31)<sup>14</sup>. O pesquisador compreende que a análise da neologia pode subdividir-se em três tipos principais:

- i) *Neologia denominativa* ou *neologia de coisa*, necessária dentro de nosso sistema de produção científico e tecnológico, pois está intimamente ligada à carência de novos termos ao surgirem novos objetos ou conceitos, tendo a intenção fim de esquivar-se de ambiguidades;
- ii) *Neologia estilística*, mais momentânea e de 'vida' breve, chamada também de *neologismo de fala* ou *neologismo de autor*, é considerada produto originalíssimo da inventividade pessoal, que na ausência de termos mais expressivos utilizam os recursos linguísticos verbais disponíveis para a criação de nova palavra com a finalidade de possibilitar, por isso, novas perspectivas e sensações particulares aos leitores/ouvintes, mais próximas, pois, daquilo que sente e percebe o produtor do item lexical;
- iii) *Neologia de língua*, "par opposition aux néologismes de dénomination ou néologismes de chose, aux néologismes de parole ou néologismes d'auteur"<sup>15</sup> (Idem, p.43), são criações não distinguíveis dos termos usuais cotidianos, por não causarem incompreensão ao interlocutor, devido, em particular, à composição de acordo com o sistema lexical da língua.

Na obra *Diccionario de lingüística e fonética*, Crystal (2000, p. 384) conceitua neologismo como:

Forma lingüística que un hablante inventa de forma *consciente* o usa de forma *accidental* en *una sola ocasión* y que puede estar formada por más de una palabra. Hay muchos factores que explican su uso, p.ej. un hablante

<sup>14</sup> Tradução livre: *A neologia lexical define-se pela possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical.*

<sup>15</sup> *Por oposição aos neologismos de denominação ou neologismo de coisa, ou neologismos de fala ou neologismos do autor.* (Tradução livre).

no puede recordar una palabra concreta y acuña pues una aproximación alternativa [...]. O bien está *obligado* por las *circunstancias* a producir una forma nueva. El término 'neologismo' se suele aplicar especialmente a aquellas creaciones que adopta de vez en cuando la comunidad.<sup>16</sup> (Grifo nosso).

Não concordamos integralmente com duas questões em Crystal (2000). Para o linguista, o falante pode fazer uso do neologismo, em ocasião única, de modo individual e consciente, mas também poderá acontecer de forma acidental, o que pode contribuir para a criação de novo vocábulo. Destacamos, portanto, as questões: 1. Forma acidental; e 2. Ocasião única.

Uma palavra é palavra na medida de sua compreensão, significação, portanto, não será neologismo se ausente significante e significado, ou seja, o acidente linguístico não é neologismo se não constituir parte do vocabulário inteligível e uma vez que pressupõe submissão às regras internas da língua. Desse modo, a não compreensão de uma nova palavra, para ser apreendida como neológica, deve ser entendida pelo grupo de referência ou corpo social. A exigência da explicitação de seu conceito permite a propagação do vocábulo neológico, eliminando, em parte, o caráter de rejeição e estranhamento, e por consequência, agregando a neologia ao vocabulário, ou ao léxico, conforme o caso. Assim, ao ser compreendida e utilizada de modo consciente pelo corpo social, materializa-se a convenção do signo linguístico.

Em outras palavras, não concordamos integralmente com Crystal quanto a natureza acidental da fala criativa, pois a nova palavra surge e deve ser validada e compreendida pelo corpo social e não por indivíduos determinados, deve, portanto, ser autorizada pelo mesmo corpo social para adentrar na vida cotidiana, com exceção do neologismo estilístico praticado pela licença poética e criatividade de literatos, casos que não se aplicam às gírias. Desse modo, pela convenção e intencionalidade, torna-se “patrimônio comum a todos os falantes” (ALVES, 2004, p.13), passando ao uso comum com as significações inerentes, invalidando a

---

<sup>16</sup> *Forma linguística que um falante inventa de forma consciente ou usa de forma acidental em uma única ocasião e que pode ser formada por mais de uma palavra. Muitos são os fatores que explicam seu uso, p.e., um falante não pode recordar uma palavra concreta e cria, pois, uma aproximação alternativa [...]. Ou pode ser obrigado pelas circunstâncias a produzir uma forma nova. O termo 'neologismo' pode ser aplicado especialmente a aquelas novas criações que, por vezes, a comunidade [linguística] adota. (Notas do autor, tradução livre).*

proposição da ocasião única de Crystal.

Não queremos, contudo, dizer que esta nova palavra não tenha sua efemeridade (como já ressaltamos em se tratando de neologismo estilístico) uma vez que pode surgir em contextos específicos e ser recuperada apenas em situações de comunicação determinada. Assim, desaparecendo o estímulo que suscita o uso, mudando-se a situação política, cultural, valorativa, é comum que seja extinto o termo, ou venha a ser reaproveitado e receba nova significação.

Quanto ao item 2, a ‘sola ocasión’, ao nosso ver, não se sustenta devido à agilidade da língua em agregar cada vez mais itens lexicais, por exemplo, ao corpo dos dicionários. Um vocábulo que seja utilizado em ocasião única não passaria de seu produtor/inventor, pois está na repetição o elemento de propagação da construção inovadora e a possibilidade de justificá-lo como neologismo. Em Nascimento, atinamos com a seguinte colocação:

O vocabulário médio de um brasileiro escolarizado gira em torno de apenas três mil palavras, cujas combinações podem chegar a trinta mil termos. E a língua portuguesa que, em 1943, em um dos primeiros dicionários que foi organizado, totalizava quarenta mil vocábulos, hoje coloca à disposição do falante, mais de quatrocentas mil palavras, e as possíveis combinações levam a sete milhões de possibilidades ou mais. (NASCIMENTO, 2001, p.254, Apud CERANTO, 2009, p.32).

Se admitirmos a quantidade de itens lexicais que foram adicionados aos dicionários nos últimos cinquenta anos, podemos excluir a ideia de limitação de uso circunscrito a única manifestação de proposição do vocábulo neológico (não podendo, porém, estabelecer este fenômeno como regra). Somando-se a esta questão, mais uma vez, os meios de comunicação em massa, hoje, com programação geral da mídia voltada à parcela menos escolarizada<sup>17</sup>, é responsável pela circulação e propagação de boa parte dos neologismos de fala e de coisa (ALVES, 2004).

Os neologismos, segundo o exposto, são muito correntes em todas as línguas, possibilitando não apenas a renovação do léxico, como sua recuperação, ressignificação e também como elemento mutante que acompanha o

---

<sup>17</sup> Com, no máximo, ensino médio completo.

desenvolvimento e os movimentos socioculturais, políticos e econômicos.

A mudança de contexto de determinada palavra, diante de um sistema linguístico regular e situações de produção diversificada, está sujeita à inovação e adequação. Adotando uma perspectiva imediata, Cabello (1991) destaca que “pode-se considerar a gíria como fonte de produção de palavras novas criadas como verdadeiros neologismos ou como atribuição significativa nova a palavra já existente” (1991, p.30). Vejamos, pois, alguns processos de possibilidades de formação de novas palavras, diante da perspectiva do neologismo semântico, fenômeno bastante comum ao estudarmos vocábulos gírios advindos do sistema prisional. Porém, não nos ateremos mais demoradamente aos elementos de formação de palavras, uma vez que nosso objetivo é apenas o de recordar e apresentar ao leitor alguns recursos provenientes do próprio sistema linguístico para a formação do vocabulário gírio utilizado nesta pesquisa.<sup>18</sup>

#### 2.4.3 Neologismo Semântico

Antes de adentrarmos especificamente em questões vinculadas ao neologismo semântico, recordemos conceitos quanto aos processos de formação de palavras.

Na língua portuguesa existem dois processos de formação lexical, a derivação e a composição. A primeira ocorre, de modo simplificado, quando são acrescentados ao radical de um vocábulo um prefixo ou um sufixo, chamados, pois, de afixos. A composição, por sua vez, ocorre quando se combinam dois ou mais radicais.

A formação de palavras enriquece e revitaliza a língua, ao possibilitar a produção de novos vocábulos a partir de palavras do léxico. Ceranto

---

<sup>18</sup> Para maiores detalhes sobre questões específicas de formação da gíria, consultar Corrêa (2008) que traz uma série de exemplos de gírias coletadas em abrigos para menores infratores (Centros de Socioeducação do estado do Paraná). Podemos, inclusive, comparar o resultado de seu trabalho com o de Remenche (2003), a qual pesquisou a linguagem específica do preso. Por fim, verificaremos que em ambos os sistemas linguísticos restritos – Sistema Prisional Paranaense e Centros Socioeducativos – há utilização de vocabulário gírio específico em seus grupos de referência, mas muitos de idêntica composição (gráfica e oral) e significação.

(2009) e Alves (2004) reservam capítulo especial para a formação de novas palavras estritamente vinculadas à sintaxe, deixando evidente que a formação de novas palavras pode ocorrer, mas sempre de forma estruturada.

De outro modo, significa dizer que as possibilidades de criação estão intrinsecamente relacionadas aos elementos pré-existentes no sistema linguístico. Bechara (2009, p.431) faz esta observação quanto ao processo de revitalização do léxico destacando a regularidade e a sistematicidade como princípios basilares que fundamentam a composição e a derivação na formação de novas palavras.

É importante ressaltar que a formação de novas palavras, embora apresente complexidades inerentes ao sistema linguístico, não se apoia em simples adição de elementos, tais como: radical + sufixo (*feinha, botinha*)<sup>19</sup>, prefixo + radical (*encolher, di(s)chavar*), palavra + palavra (*come-quieto, bota-fora*), mas presume, ademais, que o falante tenha plena consciência do conteúdo semântico da nova palavra. No caso específico das gírias (apresentadas como exemplo), mesmo que o falante compreenda a estrutura externa, inferindo tratar-se de neologismo, não poderá pressupor seu significado, apenas se pertencente ao contexto de circulação específico. Nestes casos, estaremos diante de neologismos semânticos.

O neologismo semântico ou conceptual refere-se à criação de novo vocábulo, mas não em sua superfície, por meio dos processos da derivação ou composição, mas de seu conteúdo profundo, relacionado ao conjunto de suas 'unidades mínimas' de significação, ou seja, mudanças em seu conjunto de semas, responsáveis pela distinção dos significados das palavras. Logo, não se modifica a estrutura morfológica do vocábulo, e sim atribui-se novo significado, o qual pode acabar por neutralizar o vocábulo base ou passar a conviver com os outros significados imanentes (GUILBERT, 1975; REUILLARD, 2007).

É a capacidade de agregar e modificar itens lexicais, criando palavras revitalizadas/ressignificadas que nos permite conceber os vocábulos gírios como de absoluta criatividade. A natureza polissêmica e subjetiva do signo gírio

---

<sup>19</sup> Exemplos retirados do Questionário Semasiológico e Questionário Semasiológico, em anexo.

permite ao falante transmitir mensagens ao destinatário das mais variadas formas, podendo ser humorada, irônica, ameaçadora, mas sempre com grande carga de codificação. Para Preti (1997, p.130), não é incomum a inversão de sentido do vocábulo gírio, por ser justamente uma das possibilidades de constituição de neologismo semântico, o que conduz a significação ao limite do absurdo para quem desconhece o código, mas resguarda o verdadeiro significado aos iniciados.

A maioria dos vocábulos gírios utilizados para o levantamento do *corpus* deste trabalho podem ser considerados como neologismos semânticos, uma vez que as palavras comuns recebem significações diversas daquelas que lhes são costumeiras, passando a código restrito de determinado grupo, por exemplo: *coração*, *bobo* (relógio); *botinha*, *giz* (cigarro); *berro* (arma de fogo); *jacaré* (serra de cortar barras de aço); *pavão* (televisão a cores); *dragão* (isqueiro); *areia* (açúcar); *baú* (ônibus); *chupar bala* (estar desatento); *pedra* (favor), entre outros.

Diante das considerações que tecemos quanto aos elementos de formação de novas palavras, focados principalmente em fenômenos que nos levem a compreender o uso da gíria, nos aprofundaremos do contexto de circulação dos vocábulos gírios, as diferenças entre o vocábulo gírio e o jargão, e observaremos como alguns veículos de comunicação ao se utilizarem dela, acabam por disseminá-la, facilitando a propagação de linguagem restrita de grupos sociais bastante específicos.

#### 2.4.4 A Gíria: Contexto

Cabello (1991, 2002b), em suas pesquisas, destaca que a gênese da gíria de grupos restritos teve seus primórdios com a linguagem secreta de malfeitores, que recebia a designação de *argot*, para um signo de classe, mais atual, e que ambas, gíria e *argot*, vulgarizam-se. Entretanto, com essa colocação, não pretendemos dizer que a ocorrência de vocábulos gírios coletados em ambiente particular em comunidade específica, ou seja, na hipótese de confirmação desta fala peculiar e restrita, estaremos, pois, em contato com malfeitores. Supomos, sobretudo, que o uso esteja imediatamente relacionado ao prestígio encoberto, outorgados por grupos específicos.

A esse respeito, Chambers e Trudgill (1994, p.134-5) revelam que há duas formas de prestígio social na fala em uso. O primeiro está subordinado ao *status* social diretamente adstrito à classe social dominante, abastada ou de referência, normalmente aquela que detém maior capacidade de compra, e aos valores sociais que desta classe emanam; o segundo, de caráter mais subjetivo/individual, chamado de *prestígio encoberto*, é aquele no qual os membros de determinado grupo estabelecem pelos signos linguísticos, valores que os particularizam, acentuando, pois a identidade e o pertencimento. Labov (2008, p.354) aponta que a consciência de *prestígio* da variante deve “ser definida em termos das pessoas que a usam e da situação em que é usada; ou seja, retirada da área de especulação e posta sob o foco da investigação empírica”.

Para Preti (1999; 2003; 2004; 2007), o vocabulário gírio, pertence a grupos sociais restritos e, por vezes, minoritários, tendo na linguagem hermética, criptográfica, elaborada pela inversão de sentidos do vernáculo e pelo neologismo, a formação de características que contribuem para a constituição de *signos de grupo*.

No caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de *gíria de grupo* ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, às diversões, aos esportes, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade; conflituosos, violentos são os grupos comprometidos com as drogas e o tráfico, com a prostituição, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões etc. (PRETI, 2004, p. 66).

Desse modo, as gírias não surgem apenas na classe social menos favorecida, mas em grupos sociais específicos, os quais têm a mesma intencionalidade, como a de segregar a todos os que não conhecem do vocábulo praticado, e impedi-los de participar do grupo ou compreender suas intenções, constituindo claramente, por intermédio da linguagem especializada, um conjunto de sujeitos solidários com características linguísticas, objetivos e interesses comuns. Salientamos, portanto, que este é o conceito de *grupo social* que adotamos.

Referindo-se ao conceito de gíria, os dicionários Unesp (2004), Houaiss (2004) e Aulete (2011) vão ao encontro dos estudos de Preti (1999; 2007);

o primeiro apresenta a entrada gíria como “linguagem especial usada por certos grupos sociais” (Idem, p.679), destacando que originalmente esta palavra referia-se apenas à linguagem de marginais; o seguinte, adota o termo *vocabulário* como sinônimo do grupo de palavras que compõe o vocábulo gírio, reduzindo, assim, a manifestação da gíria apenas aos itens lexicais, sendo estes de ordem “informal e peculiar a um grupo social” (Idem, p.371); por fim, e mais afinado com os conceitos explanados até agora, o Aulete define gíria como “linguagem peculiar que se origina de um grupo social restrito e alcança, pelo uso, outros grupos, tornando-se de uso corrente” (2011, p. 713).

Realçamos a gíria como vocabulário usado comumente para definir a variedade linguística utilizada de forma intencional por grupos específicos – que podem ser marginais, no sentido de classes pouco favorecidas, geralmente contraventores, encarcerados, prostitutas, ladrões, traficantes; ou centrais, de classes favorecidas, pelo fato de não se envolverem com contravenções e ilicitudes: surfistas, frequentadores de danceterias, universitários (PRETI, 2007) – com a finalidade primeira de distanciarem-se da variedade adotada pela maioria ao desenvolverem fala *ininteligível* aos que não têm acesso às convenções do código, visando à comunicação apenas entre os pares dentro de sua comunidade de fala.

A gíria é, pois, mais uma variante quando analisada pela perspectiva do grupo que a utiliza, de modo que ao indivíduo cabe a escolha do vocabulário a ser utilizado, considerando que parte dos sujeitos, geralmente, pertença a mais de uma comunidade de fala, preferindo a variante mais adequada à situação comunicativa, além da avaliação da intencionalidade e aceitabilidade diante das relações dialógicas. Ou seja, a identidade linguística está estritamente vinculada à atitude social do falante e como ele deseja ser reconhecido. A ele, sujeito, cabe julgar qual o comportamento ideal diante das situações, impostas ou não, fazendo uso da *norma linguística subjetiva* e do vocabulário mais adequado estabelecendo critérios para ser aceito ou rejeitado diante de determinados grupos sociais.

Leite (2003, p.18) orienta que “os falantes, naturalmente, quando produzem seus discursos, revelam aspectos da sociedade em que vivem” em uma relação semiótica entre língua e identidade social. Preti (2003, p. 28), citando

Benveniste, declara que “a língua e a sociedade mantêm entre si uma relação semiótica de *interpretante* (língua) e *interpretado* (sociedade), em que esta é contida por aquela, já que é a língua que explica, que diz a sociedade”; consideramos, pois, gíria como uma forma, dentre as inúmeras fontes de informação da identidade social, de manifestação oportuna da afirmação identitária e pertencimento ao grupo.

Se a gíria é uma convenção de caráter secreto, usada como uma forma de exclusão, mas, ao mesmo tempo, de inclusão entre pessoas vinculadas pelas condições socioculturais e históricas, a identidade linguística pode ser observada principalmente por quem faz uso do vocabulário gírio, como sinal de reconhecimento sociopsicológico, ao mesmo tempo em que responsabiliza o sujeito na manutenção do hermetismo e da criptografia existentes nos vocábulos, até que a convenção do grupo compreenda a vulgarização da gíria e abandone determinadas palavras. A esse respeito, Cabello declara:

Por ser linguagem de um grupo restrito, a gíria caracteriza-se por se manter intencionalmente secreta, sendo ininteligível aos profanos e funcionando como arma de defesa contra os demais elementos da sociedade. Assim sendo, a gíria apresenta constantes renovações lexicais, a fim de resguardar seu caráter criptológico; com isso, quando um termo extrapola o âmbito grupal, em virtude da alta frequência e/ou da expressividade, pode ser abandonado pelo grupo, uma vez que já não mais se presta como arma de defesa social do grupo, significando que se vulgarizou para a linguagem geral. (CABELLO, 2002, p.177).

Sintetizando, a gíria dentro da dinâmica da variação linguística, é, em seu grupo de uso, mais uma variante, um registro incomum e pictográfico, mas que pode, pela troca com outros grupos sociais, acabar por socializar-se, tornando-se de conhecimento comum, passando a ser denominada gíria comum dentro do registro linguístico informal. Logo, podemos observar o fenômeno da gíria como natural, sem a depreciação e o menosprezo que geralmente lhe é atribuído, sendo produto notável da dinâmica da renovação lexical (PRETI, 1997).

Expusemos os aportes teóricos que nos orientam sobre as condições de existência e sobre a efemeridade do vocábulo gírio, sendo este representante da fala situada de grupos minoritários que delimitam, desse modo, os espaços de comunicação. Vejamos quais relações e diferenças podemos constatar entre esta linguagem específica e vocábulos originados no seio das ciências, do

tecnicismo, da objetividade, do labor.

#### 2.4.5 Gíria e Jargão

É importante diferenciar, neste momento, que gíria não é o termo adequado quando estendemos o seu conceito à linguagem jurídica, à linguagem médica, à linguagem jornalística, entre outros, por serem práticas de linguagem diferentes da habitual da norma padrão. As profissões técnicas, em geral, desenvolvem linguagem especializada, mas estas são produto de criações de termos especiais devido às exigências de natureza objetiva visando à precisão na comunicação, não concernentes às características sociais ou históricas dos falantes, que podem estar incluídos nos processos neológicos de língua. A esse conceito damos o nome de *jargão* ou linguagem técnica.

Convém destacar que o uso de termos técnicos, geralmente vinculados às ciências, por si não constituem jargão, pois lhe faltam características subjetivas, tais como, permitir não ser compreendido e, ao mesmo tempo, desejar provocar no interlocutor um juízo de valor ao enaltecer os termos técnicos obscuros (PRETI, 2003).

Segundo Cabello (2002), ao percebermos propriedades distintivas do jargão encontramos indícios de semelhanças com a gíria:

Essas linguagens especializadas, criadas por grupos restritos, possuem pontos convergentes e pontos divergentes, no que respeita à caracterização. Nesse sentido, pode-se considerar que, de um lado, o jargão e a gíria, no que concerne ao nascimento, estão envoltos em um caráter criptológico, quer dizer, de sigilo, de segredo. (2002, p. 168).

De acordo com a pesquisadora, entre os pontos convergentes, destaca-se não apenas o processo de criação/recriação da linguagem, como também o processo de vulgarização, pois ambos, gíria e jargão, quando do conhecimento de grupo específico passam ao geral costumam abandonar o vocábulo vulgarizado e promover outro singular, dando-lhe nova significação por parte dos grupos que o praticam. Não concordamos plenamente com esta afirmação uma vez que o jargão, de caráter mais escolarizado, voltado para um público

específico, geralmente letrado, e com maior aceitação por parte da sociedade, é responsável, inclusive, pelo fenômeno de hierarquias na linguagem oral tendo, desde o “nascimento”, prestígio devido a sua origem no seio das profissões às quais se remetem.

Um exemplo comum (do prestígio social) da vida cotidiana é o uso, em nosso discurso, de vocábulos técnicos, de conhecimento restrito, que podem sugerir que o falante esteja atualizado em relação ao assunto de que se trata na interação, dando-lhe, pois, um prestígio que nem sempre corresponde à sua identidade real. (PRETI, 2003, p. 49).

Ademais, gíria e jargão são fontes inestimáveis de renovação do léxico de uma língua “por fornecer à língua comum grande contingente de vocábulos novos, que são, na maioria das vezes, altamente expressivos” (CABELLO, 2002, p.178). Ao mesmo tempo em que ambas são consideradas um estágio parasitário da língua oral, elas contribuem de modo significativo ao permitirem aos falantes de dada língua escolherem o modo mais apropriado de dizer ante a situação comunicativa que se lhe apresenta, motivando, inclusive, a variação linguística e o movimento de embate presente nos fenômenos de trocas linguísticas.

Notamos, portanto, duas questões a serem consideradas, a primeira de ordem objetiva e histórica e a segunda de ordem subjetiva e sociocultural. Primeiro, o fato de que a gíria apresenta maior transitoriedade, pois está mais próxima da língua oral, enquanto o jargão, como linguagem especializada, permanece nas emaranhadas tramas da linguagem profissional, por vezes, ultrapassando os contextos socioculturais e históricos nos quais fora germinada/criada, principalmente pela tradição escrita, chegando intacto aos dias atuais.

Das divergências entre gíria e jargão, destacamos a efemeridade da primeira (CABELLO, 2002; PRETI, 2007), como já dissemos, pela própria dinâmica da língua oral de grupos específicos, impulsionada pelo binômio identidade/linguagem, de modo que a qualidade distintiva de linguagem secreta necessita da preservação de seus signos para não ter seu sentido hermético/criptológico reconhecido pela linguagem comum, pois, ao se tornar de conhecimento geral, vulgariza-se em seu todo e passa à gíria comum, perdendo o

enlace único com o grupo social restrito ao qual pertencia. Ao passo que o jargão, embora aparentemente torne-se de conhecimento da fala comum, ainda permanece no seio profissional, pois, geralmente, apenas parte do conceito é apropriado pela “massa”, transposto à fala cotidiana. Disso advém mais uma característica ímpar do jargão, o prestígio advindo do (hipotético) conhecimento amplo dos conceitos e termos profissionais.

Isso nos leva para à segunda questão. Preti (1999) observa atentamente os fenômenos subjetivos que distinguem a gíria do jargão. A primeira deve permanecer com o sentido escamoteado, mais secreto, pois significa “uma questão de segurança para o grupo, como é o caso dos grupos ligados ao tóxico, ao homossexualismo, ao crime ou roubo organizado, ao contrabando, à prostituição, ao ambiente das prisões, etc.” (PRETI, 1999, p.40), enquanto o jargão configura uma postura hierárquica de superioridade perante os interlocutores e os ouvintes que não compreendem a linguagem técnica, ou se a conhecem sabem apenas parte de seu complexo significado, haja vista a linguagem jurídica ou médica.

O conceito comum da gíria vincula-se aos processos de uso e constituição léxica que são subjetivos, indicando uma funcionalidade, utilizada frequentemente como expressão contrária ao *status quo* do padrão linguístico, ou melhor, como ação de enfrentamento contra a variante padrão. Desse modo, a gíria, ideologicamente, como movimento oposto ao uso comum, configura-se em língua contrária ao sistema vigente, e tem, por isso, poderes e saberes idiossincráticos, constituindo uma “antilíngua”. O jargão, de modo contrário, não pretende ser “anti”, mas partícipe da norma culta, pelos seus enlances com a linguagem verbal escrita, em paralelo com a norma padrão.

Os preconceitos advindos da sociedade, que desconhece as complexidades dos vocábulos e expressões gírias, somente reforçam o sentimento de aversão da sociedade ordinária pelos utilizadores da gíria. O jargão, contrariamente, pode ser percebido em patamar superior ou paralelo à linguagem padrão, não sendo menosprezado, mas enaltecido.

As gírias, por serem formas parasitárias (CABELLO, 2002;

REMENCHE, 2003b; OLIVEIRA, 2006) e tutelarem a manutenção do sentido criptográfico, podem investir contra o léxico comum, motivo esse de alguns linguistas dizerem ser uma agressão à língua (PRETI, 2007; MURATA, 2008), ou contra os vocábulos específicos de outros grupos, levando-as a apropriarem-se de jargões, o que gera uma simbiose de conceitos, absorvendo parte da significação, somando os elementos da identidade no âmago do estrato social do grupo e construindo um novo signo, mas mantendo o significante.

É o que ocorre, por exemplo, na apropriação de jargões e expressões jurídicas, pois, os advogados e operadores da linguagem técnica jurídica ao preferirem, em processo metonímico, citação frequente de artigos dos códigos legais em lugar dos delitos praticados, o conhecimento é apreendido pelos grupos marginais e ressignificados, originando uma série de expressões.

Entre as expressões mais conhecidas, destacamos

- i) “Tá grampeado no 12”, preso como traficante<sup>20</sup>, devido à orientação da aplicação subsidiária da parte geral do Código Penal no caso em que houver lei especial, no caso, a Lei dos Tóxicos;
- ii) “Caí no 157”, o sujeito autuado pelo crime de roubo<sup>21</sup>, diferente do furto pela presença da violência ou grave ameaça, mas geralmente confundidas;
- iii) “171”, estelionatário<sup>22</sup>, mas usado pela gíria como mentiroso, aquele em que não se pode confiar.

---

<sup>20</sup> Art. 12, Código Penal Brasileiro – As regras gerais deste Código aplicam-se aos fatos incriminados por lei especial, se esta não dispuser de modo diverso.

<sup>21</sup> Art. 157, Código Penal Brasileiro – Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência.

<sup>22</sup> Art. 171, Código Penal Brasileiro – Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento.

Manter o significante é uma estratégia de escamoteamento, de destreza e habilidade da linguagem dos grupos na manutenção dos sentidos desconhecidos pela maioria. O sujeito alheio ao contexto só poderá decodificar o sentido lato quando imerso completamente no âmbito de onde a palavra foi criada.

Assim, o novo valor linguístico que a comunidade ou grupo atribui ao vocábulo gírio, baseado em jargão, dificilmente transparece, pois está envolvido com o conhecimento interno e externo da linguagem, restando àqueles que estão distantes do grupo de origem da gíria aguardar o processo de vulgarização para que possa ser estudada na tentativa de compreender como os sujeitos refletem a luta cotidiana e a estratificação social pela linguagem (LEITE, 2003).

Se a gíria pode ser observada como elemento fundamental para a sobrevivência de grupos restritos, podemos inferir que a divulgação de parte desse vocabulário possibilita o desaparecimento de algumas palavras e a reutilização de outras que venham a ser ressignificadas, evitando o reconhecimento do verdadeiro significado ao não iniciado. Porém, uma das formas mais corriqueiras de divulgação dessa linguagem restrita ocorre pela imprensa oficial, que em uma tentativa de contato mais íntimo, seja com a população, seja com aquele que pratica os delitos, acaba por valorizar a linguagem do crime. Não apenas a mídia televisiva, mas a imprensa escrita também adota esta linguagem como forma estilística de atração de seu público-alvo.

Em seguida, veremos as principais ocorrências dos vocábulos gírios nas principais manchetes de um jornal popular de grande circulação na cidade de Londrina, observando o movimento de vulgarização das gírias. Adentraremos, inclusive, em análise do vocabulário gírio de meninos pertencentes ao tráfico em várias cidades do Brasil, reunidos em dois livros com entrevistas feitas por pessoas que já passaram por este universo criminoso e puderam coletar o material sem grandes complicações técnicas, enfrentadas pelos pesquisadores que são acometidos do paradoxo do observador.

O interesse, portanto, é o de demonstrar que mesmo as gírias restritas de grupos determinados podem ser propagadas pelos mesmos

instrumentos que promovem a integração da unidade linguística nacional, a mídia.

#### 2.4.6 Gíria e Mídia

A exteriorização desses conflitos e frustrações por meio de recursos expressivos da linguagem faz esta, antes de um instrumento de comunicação, um instrumento de purgação e de reflexo de lutas de classes.

(HWANG, 1999, p.56)

Pretendemos neste tópico demonstrar que as gírias, inclusive aquelas vinculadas ao submundo, à marginalidade e ao crime, por vezes, podem ser reproduzidas pelos suportes/mídias: livro, jornal, documentário, filmes e programas da televisão aberta, com inúmeras finalidades, as quais serão expostas mais adiante. A esse respeito, escreve Preti:

Nesse sentido a televisão, o rádio, o jornal, mas também o cinema sempre que tomam por alvo de sua produção determinados grupos sociais, costumam escarafunchar seus costumes e sua linguagem. Assim, vimos recentemente como a gíria dos marginais do tráfico dos morros cariocas, assim como dos policiais, retratada num filme brasileiro de grande sucesso, o *Tropa de Elite*, de repente começou a surgir na conversação, nas grandes cidades brasileiras, onde a película foi exibida. (2007, p.5).

O linguista defende que esse é um dos modos pelos quais a linguagem de determinados grupos passa a fazer parte do cotidiano e da linguagem coloquial/informal. Preti (2000) ainda considera o fato de que a gíria, mesmo sendo tipicamente da linguagem oral, pode servir de recurso estilístico quando de sua ocorrência na linguagem escrita:

A gíria constitui um vocabulário tipicamente oral. Sua presença na escrita reflete apenas um recurso linguístico, com objetivos determinados, como, por exemplo, indicar a fidelidade de uma transcrição; criar uma interação mais eficiente do escritor com o seu leitor, como ocorre em algumas matérias jornalísticas; dar uma realidade maior ao diálogo literário ou teatral; comprovar um uso em desacordo com o vocabulário de falantes cultos, caso em que é usual transcrevê-la entre aspas, como ocorre na *mídia* jornalística; etc. (PRETI, 2000, p. 241)

Sem dúvida, a mídia, principalmente a televisiva, utiliza a gíria como forma de aproximação com o público-alvo. Como os jornais, televisionados ou impressos, que circulam em cadeia regional ou estadual, o processo de uso da gíria é utilizado como efeito estilístico, os quais afetam os interlocutores, compreendendo

ou não a linguagem, de vários estratos sociais. Ao afetar o interlocutor, causando medo, conflitos, estranhamento, nas manchetes ou nos comentários, cria-se um clima de tensão, que culmina no desfecho com apreensão do criminoso pelas autoridades, em reclames de maior segurança nas ruas e em manipulação da opinião pública.

Não pretendemos, entretanto, o aprofundamento na gíria veiculada na mídia televisiva, apesar de compreendermos que ela também assimila o vocabulário gírio e algumas expressões de grupos linguísticos restritos. Ocorre que, mesmo a mídia apropriando-se destes vocábulos, a necessidade de incluir elementos e vocabulário da norma padrão torna as gírias e expressões, em sua gramática e prosódia, bastante diferente daquela praticada pelos presidiários, traficantes, prostitutas, criminosos em geral.

A linguagem do jornal, mas também a do rádio, da TV, do cinema, do teatro e da propaganda, mesmo quando escrita, representa uma associação do oral com o escrito, valendo-se das estruturas da fala espontânea, associadas aos preceitos da gramática tradicional, o que se tornou norma na linguagem urbana comum. Da mesma forma, seu vocabulário é uma curiosa mistura de vocábulos tidos como cultos com vocábulos populares e gírios. (PRETI, 1999, p.24).

Desse modo, nossa atenção recai justamente sobre os livros “Falcão – meninos do tráfico” e “Falcão – mulheres e o tráfico”, de MV Bill e Athayde (2007, 2010), por considerarmos registros que interessam para a pesquisa, principalmente pelo cuidado com as transcrições da fala dos entrevistados, que mantiveram a linguagem informal, as expressões e gírias dos grupos criminosos, os relatos repletos de *cor local*, gerando uma “ilusão de realidade” para o leitor (PRETI, 2007, p.7); e também nos debruçamos sobre ocorrências de gírias em manchetes de oito edições do jornal regional impresso, denominado “Nosso Dia”, distribuído nas periferias e centro da comarca de Londrina.

Recordamos Cabello (2002) que relaciona o desenvolvimento dos meios de comunicação como grande responsável pela propagação de termos e expressões de gírias e frisamos o fato de que “Nosso Dia” é acessível, com um custo de cinquenta centavos a unidade, e circula por toda a periferia da cidade londrinense, inclusive, no bairro Jardim São Jorge, foco linguístico deste estudo,

local onde foram comprados os exemplares”.

Quanto à vulgarização da gíria, Preti assevera:

Hoje, com a grande divulgação da informação, com a presença social atuante da mídia, a gíria se vulgariza muito rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é uma das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira, identifica-o com a grande mobilidade de costumes da época contemporânea. E, talvez por essa constante dinâmica é que a gíria tornou-se tão utilizada em nossos tempos. (2007, p.2).

Em resumo, a intenção deste tópico é a de demonstrar o processo que permite à linguagem criptográfica deixar aos poucos o hermetismo e tornar-se de conhecimento comum.

Desse modo, a presença da gíria em material impresso, um dos exemplos mais expressivos ocorre entre a parceria entre o rapper MV Bill e o produtor de Hip Hop Celso Athayde, de 1998 até 2006, a qual deu origem a alguns trabalhos premiados, entre eles a coleta de inúmeros depoimentos e imagens que culminaram na produção do livro “Falcão – meninos do tráfico” (2010), e mais um conjunto de obras paralelas, incluindo o documentário homônimo e outra obra literária intitulada “Falcão – mulheres e o tráfico” (2007). Estas obras tiveram grande repercussão, sendo o documentário exibido em rede nacional no ano de 2010, por uma das maiores emissoras televisivas do país.

O primeiro contato com as produções gera algum desconforto, seja pela temática da violência, do crime, da penúria, seja pelo clamor das mães ao perderem seus rebentos, pela ironia advinda das vozes de personagens imersos na marginalidade. O desconforto, ou melhor, o estranhamento alcança maiores proporções, sobretudo, pelo efeito eficiente no uso de vocábulos e expressões inerentes aos sujeitos, espaço e cultura no qual é produzido e praticado. Falar obscuro, pouco inteligível, restringido pelo grupo e para o grupo.

A esse uso criptológico da linguagem praticado por sujeitos, sem vínculos profissionais, que pretendem a incompreensão de sua fala por parte dos não iniciados, somadas às características acima destacadas, damos o nome de *gíria*

*de grupo*. A gíria de grupo pode ser dividida em gíria *específica* e gíria *especializada*, esta pode ser comparada ao jargão técnico de grupos com determinada formação técnica, enquanto a gíria *específica* pode ser compreendida como variante de grupos sociais comuns.

Vejamos alguns trechos com gírias do grupo específico do tráfico de drogas, retiradas da transcrição das falas, dos entrevistados na obra “Falcão – meninos do tráfico” e, posteriormente, de “Falcão – mulheres e o tráfico”:<sup>23</sup>

“Minha facção, *meu bonde*, *meu plantão*, os *amigo* é o crime” (p.70).

“Pô, se não der o dinheiro, se os *cana* me pegarem de novo, vão me machucar mais ainda, vão me *levar de dura*, pra me *forjar*. Tem que se *entocar bem entocado* e juntar o dinheiro, até *fazer e mandar*.” (p.120).

“Eles (*o fiel*) dão dinheiro, *fortalece à vera*”. (p.142).

Além de uma série de vocábulos esparsos que são utilizados de forma frequente e costumeira: “157” (assalto à mão armada), “171” (mentiroso), “alemão” (inimigo), “arrego” (acordo ente policiais e traficantes para manter a “boca de fumo” sem interferências), “vapor” (quem vende a droga), “Xisnovar” (entregar os companheiros), entre outros.

Quanto ao outro título, “Falcão – mulheres do tráfico”, é evidente, em comparação com o primeiro, que mulheres e homossexuais que comandam o tráfico ou são envolvidas indiretamente não se expressam, em geral, da mesma maneira que os homens. Assim, tanto as “boqueteiras” quanto as mulheres que moram nas comunidades nas quais exista o tráfico, mas não pertencem ao mundo criminoso, apresentam um comportamento linguístico com presença de gíria, a entonação e os acentos característicos, portanto, do contexto de circulação.

Isso não surpreende, é fato notório, tanto de pesquisadores quanto

---

<sup>23</sup> Todos os destaques são nossos.

da população em geral, de que homens e mulheres expressem-se diversamente. A novidade das transcrições contidas nas obras, portanto, consiste no fato de que mesmo as gírias de grupo sofrem diferenciações quanto à quantidade e qualidade das informações. Ademais, as mulheres utilizam mais gírias comuns e menos gírias específicas, mesmo quando comandam o tráfico.

Supomos que essa constatação, do uso maior de gírias comuns, dá-se pela rede de relações que as mulheres mantêm, seja com suas mães, com as pessoas comuns da comunidade, seja com criminosos. Enquanto os homens, frequentemente, permanecem ensimesmados nos grupos de “falcões”, “fogueteiros”, “vapores”, “endoladores”. Quanto maior a rede individual de relações, maior a quantidade de vocábulos e de expressões praticados.

Zernova (2013), em suas conclusões sobre a diferença entre o modo de fala masculino e feminino, evidencia a maior expressividade na conduta linguística da mulher, em comparação ao homem, recomendando a sistematização de critérios para verificar quais elementos são responsáveis por esse traço na fala feminina. O mesmo pode ser constatado nas entrevistas com as mulheres do tráfico, as quais procuram desenvolver mais o raciocínio, apresentam maior número de itens lexicais, utilizam mais adjetivos, elaboram mais as sentenças, tornando o discurso menos monótono (Cf. ZERNOVA, 2013; GARCÍA, 2010).

Percebemos que as transcrições das entrevistas não se preocupam com a norma padrão escrita, pois pretendem, os autores, congregar o máximo de características, que, somadas aos relatos do ambiente e as descrições das roupas, gestos e costumes, nos permitem “sentir” o drama da vida rotineira dos marginais/traficantes/bandidos. Esta fidelidade com as transcrições nos possibilita constatar mais hipercorreções na linguagem feminina, evidenciando maior monitoramento da fala: “Os morador não fala nada. Eles fecha com nós e nós dá um *fortalecimento* também. Os morador precisa, aí vai até nós e *dá um papo*. Nós ajuda até onde nós pode, até onde dá” (MV BILL; THAYDE, 2007, p. 244).

Mas tanto os sujeitos do sexo masculino quanto os de sexo feminino, nas áreas documentadas pelos rappers, têm em comum a prolixidade. O

uso de construções similares e redundantes é muito comum no ambiente onde circula a gíria marginal. Os interlocutores, ao pretenderem deixar os assuntos bem explicados, acabam se perdendo no raciocínio, o que os obriga a retomar o assunto sem, contudo, variar o vocabulário.

Entre os vocábulos praticados por ambos os sexos, além dos já citados, destacamos: “bonde” (grupo de traficantes), “gambé/os home” (policial), “fortalecer” (auxiliar, cuidar, ajudar), “treta” (problema), “os comédia” (jovem trabalhador), “bagulho” (droga); e as frases: “fazer uma fita” (roubar, fazer um plano), “bagulho resposta” (de crédito, de confiança), “o bagulho é doido” (a vida é difícil, mas é comum usar a expressão apenas como interjeição).

As traficantes ou envolvidas com o crime utilizam algumas gírias específicas, mais relacionadas à atividade sexual, tais como “keketi”, “mamada”, enquanto os homens usam para mesma ação: “genérico” e “alternativo” (todas relacionadas ao sexo oral); por considerarem um trabalho, um modo de conseguir dinheiro ou droga, são chamadas profissionalmente de “Maria-fuzil” ou “Mamadinha”.

Nas transcrições do falar feminino, destacam-se também o uso de mais frases interrogativas, “né?”, “Tá entendendo?”, “entendeu”, “sabe?”, no final das sentenças:

O perigo é vir da escola de noite. Tem muito cara bêbado, drogado, sabe? [...] É o seguinte: a gente tem que ver e ficar quieta, né? Se a gente não pode com eles, junte-se a eles, né? [...] A gente não tem segurança, não tem polícia na porta das escolas, entendeu? (MV BILL; THAYDE, 2007, p.189-90).

A esse respeito, García (2010), em seu ensaio “Como hablan las mujeres?” destaca o mesmo fenômeno, uso de frases interrogativas, justificando-o mais como forma de cortesia do que de insegurança. Assim, junto “con el uso de las *tag questions* [...] parecen invitar al interlocutor a la participación en la conversación.” (2010, p. 6).

Ressaltamos que todos os dados coletados pelo rapper e pelo produtor são de inúmeras favelas brasileiras, de modo que se pode supor, pois

carecemos de estudos mais aprofundados nestas questões, de que a gíria praticada pelos criminosos não se restringe apenas ao submundo, mas propaga-se por toda a comunidade criminosa, envolvendo, inclusive, uma rede de relações linguísticas que extrapolam a variação diatópica, com vocábulos comuns dentro da dinâmica da marginalidade, constituindo verdadeiras “redes sociais”. Todavia, como a língua falada é bastante contextualizada, acreditamos que, apesar de vocábulos e expressões de gírias de grupo serem compartilhadas pelas facções criminosas, cada localidade pode apresentar variação linguística influenciada pelas variantes regionais refletindo esta questão, por exemplo, na prosódia, na sintaxe, nos conceitos.

É o que conseguimos constatar pela exortação dos autores sobre a fala marginal de outras localidades, assim, podem as variações diatópica, diafásica e diastrática se inter-relacionarem e tornarem-se fator de distanciamento ou aproximação entre interlocutores que são praticantes da mesma linguagem:

Por mais que eu quisesse respeitar aquele bandido, o meu preconceito criava um certo bloqueio, porque o sotaque dele não me soava marginal o bastante para eu vê-lo como tal. No histórico do meu cérebro, bandido tinha um vocabulário definido e não era aquele. (MV BILL; ATHAYDE, 2010, p.15).

O depoimento de Athayde (2010) demonstra o desconforto diante do sotaque e da sintaxe não propriamente na gíria de Telo, um criminoso/sequestrador que possibilitou o contato com os informantes cearenses, mas no seu modo peculiar de falar. Observe que não se trata dos vocábulos ou expressões, “porque o sotaque dele não me soava marginal o bastante”, mas, no mínimo, de dois elementos, um anterior, o preconceito linguístico diatópico, e outro imediato, variação de estilo, no momento da fala, com impactos na prosódia, possivelmente, já que Athayde cresceu na Favela do Sapo, no Rio de Janeiro e está acostumado com os maneirismos da fala de sua localidade de origem. No mesmo trecho da narrativa, percebemos que as expressões gírias, tais como: “tô/tá/tava/tamu/fica à pampa”, “papo de band”, “essa parada”, “o bagulho é doido”<sup>24</sup>, entre outras, são responsáveis por diminuir a distância psicológica gerada pelo sotaque, acentos e entonação entre os

---

<sup>24</sup> Palavras e expressões extraídas do capítulo “Abertura”, entre as conversas de Athayde com Telo, p.9-48.

interlocutores (Telo e Athayde).

Fica evidente que a língua praticada por Telo é a do criminoso, mas as diferenças diatópicas, ligadas às variantes fônicas da variação diafásica, mesmo quando utilizada a sentença: “bandido tinha vocabulário definido”, percebe-se pelo contexto que foram as diferenças fonético-fonológicas que produziram no interlocutor o sentimento de desconfiança.<sup>25</sup>

A opção de invenção/recriação propositada da língua falada por uma parcela da sociedade considerada marginal leva muitas pessoas a creditarem às gírias um ambiente específico, um ator/sujeito/falante determinado, e junto ao senso comum, a propagação de discriminações quanto ao falar criptográfico. Em verdade, trata-se de característica inerente à própria dinâmica da linguagem, mas devido aos elementos idiossincráticos da gíria de grupo, tais como a necessidade de manter-se como código restrito, p.e., a efemeridade, como declara Preti (2007), é uma constante maior no ambiente onde é produzida enquanto código:

Hoje, com a grande divulgação da informação, com a presença social atuante da mídia, a gíria se vulgariza muito rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é uma das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira, identifica-o com a grande mobilidade de costumes da época contemporânea. E, talvez por essa constante dinâmica é que a gíria tornou-se tão utilizada em nossos tempos. (2007, p.2-3).

Se por um lado as transcrições contidas nos livros de MV Bill e Athayde (2007, 2010) podem ser consideradas novidade do ponto de vista de coleta de dados, por outro, tornam a linguagem específica deste grupo conhecida nacionalmente. As gravações de vídeo, a imersão no ambiente criminoso das favelas brasileiras, o menor impacto dos entrevistadores (diminuição do paradoxo do observador), uma vez que ambos são reconhecidos como moradores de favelas e um deles fora envolvido com o tráfico de drogas, possibilitaram a coleta dos dados de forma mais natural e espontânea.

---

<sup>25</sup> A esse respeito ver Mota, 2002. Exemplos de variação diafásica, tanto no nível fônico quanto no morfossintático. Entre esses últimos, podemos citar: a ausência do morfema de plural em alguns dos constituintes do sintagma nominal, como em “caíam assim com *as perna aberta*, voando, pareciam *uns bonequinho* (...) *minhas perna* não respondiam mais... *os carro*”. (p. 74).

A vulgarização da gíria, compreendida, grosso modo, como o fenômeno de passar de linguagem hermética de grupo específico para código comum praticado pela sociedade na variação diafásica informal, ocorre mais rapidamente, hoje, devido à velocidade de propagação da informação. Como já dissemos, os jornais televisivos e impressos utilizam-na como recurso em suas manchetes (títulos), em conjunto com a linha fina (subtítulo), a fim de chamar a atenção do seu interlocutor (público-alvo).

Para Cabello (1991), o fenômeno da vulgarização é que torna possível aos linguistas o estudo acadêmico da gíria.

Conseqüentemente, os meios de comunicação de massa, nos últimos anos, têm concorrido para a vulgarização da gíria, levantando toda interdição vocabular. Isto equivale a dizer que a gíria de grupo se vulgariza e se renova, e o seu uso, como gíria comum propensa a integrar a linguagem comum, decorrente daquela vulgarização, faz dela uma realidade linguística operante, tornando-a passível de análise e de estudos acadêmicos. Mesmo que só possa ser estudada, após ter-se vulgarizado. (CABELLO, 1991, p. 51).

Por sua vez, Preti (2003, p. 55) declara que o processo de banalização ou vulgarização, no qual “as palavras surgem e se obsoletizam rapidamente”, é comum no âmbito das gírias. Afirma, ainda, o pesquisador:

Nos jornais impressos (como de resto na *mídia* televisiva), a grande variedade de gêneros e a busca de uma identificação com a vida e o interesse dos leitores (ou tele-espectadores), permite, em vários momentos históricos, a criação de uma grande diversidade de expectativas para a linguagem que se satisfaz pela presença de variações nunca antes esperadas. (PRETI, 2003, p. 56).

São inegáveis as afirmações dos estudiosos, pois, ao compararmos algumas das gírias descritas no trabalho documental de MV Bill e Athayde (2007, 2010) com os vocábulos e expressões gírios retirados do jornal “Nosso Dia”, observamos que algumas são de conhecimento do grande público consumidor do jornal, por serem relativamente constantes em todos os exemplares.

Queremos dizer que isto evidencia o percurso da gíria até os veículos de comunicação, partindo primeiro do ambiente linguístico sociocultural compartilhado até a utilização pela mídia como ferramenta de expressividade, de

estratégia, aproximação, identificação ou afetação, e de estilo. (CABELLO, 2002, p. 168).

Nós observamos as ocorrências de gírias no jornal “Nosso Dia”, veiculado no bairro do Jardim São Jorge, e verificamos que muitos dos vocábulos são usados com a finalidade de evidenciar e depreciar ainda mais a situação do criminoso, do marginal, da periferia, com manchetes sempre destacadas em vermelho ou azul, letras maiúsculas, sem preocupação da grafia entre aspas para identificar que se trata de um vocábulo especial.

Entretanto nosso objetivo consiste em demonstrar o fato da presença da gíria no periódico londrinense exaltando-o como um elemento extralinguístico, consumido pelos informantes do bairro objeto deste estudo.

O cotejo do material fixou-se, como dissemos, nas manchetes e na linha fina do jornal “Nosso Dia”<sup>26</sup>, pois são nestas estruturas, que compõe o gênero textual jornalísticos. responsáveis pelo destaque, inclusive visual, do conteúdo a ser discriminado no decorrer da notícia. Este material nos permite: a) investigar a velocidade de propagação da gíria; b) comparar as gírias comuns com as gírias específicas do tráfico; c) observar a escolha dos vocábulos vinculando a situação de ocorrência ao contexto; d) comprovar a forte carga pejorativa e conotativa; e) verificar a seleção da linguagem como forma apelativa e estilística; f) problematizar questões relacionadas às estruturas gramaticais embebidas da norma padrão escolarizadas em conflito com a estrutura da gramática coloquial/informal/popular.

Dos vocábulos mais utilizados no jornal, quando as matérias têm relação com tráfico, roubos, sequestros, mortes, em seu desfecho, utilizam o verbo “rodar” e suas variantes. Reconhecem o termo “avião”, mas desconhecem o sinônimo de “vapor”, utilizados pelos traficantes dos livros citados e analisados; os vocábulos “boca” (de fumo) e “forcinha”, aproximando-se do sentido da gíria “fortalece”, no mesmo sentido de auxiliar, contribuir, ajudar, são de uso comum:

---

<sup>26</sup> “Nosso Dia”: jornal semanal pertencente ao Grupo Folha de Londrina, edições de número 110 até 117. Ago./Set., 2013.

“Mataram e *vazaram* pro motel. Dupla que teria cometido latrocínio no sábado, em Londrina, *roda* após *sair da toca*”. (nº 110, capa).

“Matou, roubou e *rodou* no mesmo dia.” (nº 110, p.3).

“Casal londrinense *roda* com a PF.” (nº 111, p.6).

“Adolescente de Araongas trabalha de *avião* para o tráfico” (nº 111, capa).

Somam-se os itens lexicais, que passaram da gíria específica para a gíria comum, as expressões: “pega fogo” (briga, algo movimentado), “passando o fumo” (distribuindo, dividindo) e vocábulos como “rodar/rodou/roda” (ser pego, se dar mal), “fissura” (muita vontade, desejo), “bombando” (em destaque), “bronca” (problema), “traíra” (traidor), “boladão” (desconfiado), “B.O.” (problema).

Além dessas, o uso abundante da fala coloquial evidencia-se em “difícil de engolir”, “abafa o caso”, “com a macaca”, “nos trinquês”, “boa pinta”, “gente boa”, “sem tesão”, “vai rolar”, “passar o ferro”, “pula fora”, “bota no pau”, “numa fria”, “reza brava”, “tirando a zica”, “chapa quente”, “numa fria”, “mão na roda”, “fim da linha”, “trocar uma ideia”, “cantar de galo”, “bombou geral”, “almofadinha”, “grana”, “vaza”, “detona”, “preju”, “furunfando”, “buzanfa”, “bundão”, “detona”, “xonada”, “busão”, “pimpando”; e as expressões caipiras “ô coitado”, “espia só”, “inté”.

Outro exemplo é o estudo de Hwang (1999), o qual fez um levantamento sobre o uso estilístico da gíria pelos editores do jornal “Notícias Populares”, verificando que a escolha lexical dos vocábulos e expressões gírios coloca em evidência as formas semanticamente depreciativas, utilizadas frequentemente com valor pejorativo e agressivo, vinculando temas como violência, obscenidade, sexo, malícia e corrupção do comportamento à linguagem específica de grupos marginalizados e sua condição social.

Assim, se a língua falada utilizada em sua forma gíria é efêmera, muda seu significado no momento em que se vulgariza (PRETI, 2003; CABELLO,

2002), a escrita promove o movimento oposto, de regrar, estabelecer parâmetros, bons usos linguísticos, embora, neste caso, ela rompa com a tradição escrita ao reproduzir a fala cotidiana e simples das comunidades, das periferias e dos grupos marginalizados, levando-nos a supor a aceitação, inclusive, pela cultura letrada, do modo de fala das comunidades e as peculiaridades inerentes às linguagens de grupo. Para Faraco:

As culturas que operam com a escrita – que é, por suas propriedades, história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada – desenvolvem um padrão de língua que, codificado em gramáticas, cultivado pelos letrados e ensinado pelas escolas, adquire um estatuto de estabilidade e permanência maior do que outras variedades da língua, funcionando, conseqüentemente, não só como refreador temporário de mudanças, mas principalmente como ponto de referência para a imagem que os falantes constroem da língua. (2002, p.15)

Neste rompimento com a norma padrão fica evidente a recriação da linguagem, sua ressignificação, e o modo de como uma linguagem específica de grupos determinados e marginalizados, não simplesmente passa para a linguagem comum, mas em movimento inverso, como os vocábulos gírios e suas expressões submetem e impelem a renovação, ou reciclagem, da linguagem verbal escrita, sendo, mais tarde, utilizados pelas mídias mais populares.

Na mesma linha de raciocínio, estariam os mecanismos linguísticos sociais sujeitando a mídia ao falar popular e à grande massa das variantes populares, incluindo aqui as gírias, influenciando as mudanças na variante culta pela veiculação nos meios de comunicação. Bourdieu (1998) nos orienta sobre o valor compartilhado e cultural dos usos sociais da língua, haja vista as possibilidades de emprego de diversas variantes em situações comunicativas distintas e das diferenças citadas, no decorrer deste capítulo, na prosódia, no léxico e na estrutura sintática:

Falar é apropriar-se de um ou outro dentre os *estilos expressivos* já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes. (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Os exemplos apresentados retirados dos livros e das manchetes demonstram sentido oposto ao *status quo* e ao percurso clássico da língua escrita como modelo à língua falada. Rompe-se a hierarquia formal *versus* informal, culto

*versus* popular, ao tecer um modelo que circula entre duas esferas, entre duas gramáticas, e propõe um vínculo estreito entre a escolha e o ser, sendo ele o ápice na hierarquia linguística.

#### 2.4.7 Notas Sobre a Relação Contínuo e Gíria

Uma vez que discorreremos sobre os conceitos atinentes à formação de novas palavras, trataremos adiante sobre a presença do *contínuo* que pode ocorrer em microespaços urbanos, favorecendo uma troca linguística maior entre grupos sociais diversos, sendo este fenômeno fundamental para que a gíria restrita passe a gíria comum.

Devemos, pois, considerar que a formação de novas palavras perscruta estruturas subjacentes competentes para o aparecimento de vocábulos gírios e o *contínuo*, como fenômeno de variação dentro da natureza diatópica, está presente na dinâmica da língua falada.

O fato notório é que somos seres em constante troca, não isolados e pertencentes à sociedade, lugar na qual todos os espaços são preenchidos por linguagem, sendo a língua falada em uso, forma basilar de conhecer e comunicar o mundo entre sujeitos, intersubjetivos, construindo e reconstruindo por meio das convenções de signos que os cercam. Assim, poderíamos supor que a gíria, dentro da dinâmica da vida cotidiana, cercada por muros sociais e culturais, ao escapar por vezes dos espaços restritos dos quais faz parte, tornando-se comum, ganha vida no seio da sociedade, vulgarizando-se, como um indício do fenômeno do *contínuo*, embora adstrito ao ambiente urbano.

Desse modo, o ambiente urbano, por si, é reduto de inúmeros nichos linguísticos, não havendo limites severos para o intercâmbio cultural entre os grupos sociais, mesmo quando postos em situações linguísticas antagônicas, por exemplo, a gíria específica de grupos e a norma culta.

Sustentamos esta postura, pois o uso corriqueiro de vocábulos e expressões advindas de grupos sociais minoritários, concentrando-nos na fala

considerada marginal, como exemplos: “mina”, “mano”, “chegado”, “truta”, “talarico”, “véio”, “bagulho”, “firmeza”, “bãõ”, “xepa”, “rango”, “treta”, “não rola”, “dá hora”, “é nóis”, “cola aí”, “tô de boa”, “fazer uma fita”, “chapar o coco”, entre tantos outros, são palavras e expressões praticadas em diversas situações comunicativas, a ponto de ser fala corriqueira praticada por moradores residentes na periferia ou nos centros urbanos.

Uma análise assimétrica poderia comprovar que, em situações de fala coloquial, em filas de bancos, shoppings, supermercados, etc., a gíria comum é, em verdade, norma popular. Esta análise poderia ser de grande valia para demonstrar a existência de uma faixa do *contínuo* dentro dos microespaços, ou seja, em espaços ocupados por grupos restritos, da área urbana, mas que adotam características peculiares de fala provenientes da periferia.

Conscientes de que as variantes da gíria não são produtos apenas de uma classe social, não podemos afirmar que existam espaços delimitados para as gírias das grandes cidades, impossibilitando as subdivisões em gíria do centro urbano, de classe social abastada, e gíria da periferia, ou seja, das classes sociais compostas em sua maioria por pobres (PRETI, 2007). Portanto, torna-se inviável proceder como faríamos com o estudo da variação campo/cidade, na qual seria possível verificar a existência do *contínuo*, ao demarcarmos os espaços de cada variante, da passagem de uma forma específica de expressão a outra, paulatinamente.

Conforme Camacho (1988) e Bortoni-Ricardo (2004), a variação diatópica apresenta esse *contínuo* por ser fenômeno que explicita o movimento das variantes linguísticas existentes entre os polos campo/cidade, observando que a faixa intermediária, responsável pela mudança linguística, não ocorre de forma abrupta. O processo do *contínuo* demonstra que, aos poucos, as disputas que ocorrem entre as variantes campo/cidade ficam mais tênues conforme se aproximem de suas extremidades. Isso significa que as variantes têm forte elo com a localidade, competindo por seus espaços e enlaces com a formação identitária e cultural de seus falantes.

Em Bortoni-Ricardo (2004), verificamos que o movimento da variação diatópica campo/cidade, considerado *contínuo*, pode ser comparado às ondas causadas pela queda de qualquer objeto em um lago, o centro é responsável pelo efeito ondular, assim como a língua padrão reflete/influencia nas outras variantes periféricas, e embora os efeitos cheguem até as variantes, estas são particularizadas pelo âmbito sociocultural e expressam as inter-relações inerentes a estes grupos.

Essas observações nos levam a apreender a dinâmica da linguagem em uso, os vínculos entre os grupos e as atitudes linguísticas. Porém, também nos permitem compreender que na cidade, na geografia da área urbana, as relações entre os grupos sociais são complexas, impedindo-nos de observar claramente os limites das gírias de grupos. As gírias são utilizadas voluntariamente, em situações e contextos de comunicação bastante amplos e diversos, escolas, bares, ônibus etc. Percebemos que não são apenas as gírias comuns que são utilizadas pela população, mas vocábulos específicos que são particularizados por cada situação comunicativa e suas finalidades.

Assim, quando ponderamos sobre o uso das gírias não nos deparamos mais com a linguagem caipira *versus* urbana, mas com a disputa entre variantes que compreendem antagonismos, embates ideológicos, valores e padrões culturais. Em outras palavras, não podemos ver os limites existentes entre a norma culta, norma padrão e a variante gíria na língua em uso e situada diante do cotidiano, em grande parte da população. Independentemente do grupo ao qual se refira, a gíria está presente e causa menos embate hoje entre os estamentos sociais, facilitada também pelos movimentos musicais interculturais do rap, do funk, do axé, do sertanejo. Lugar este em que a norma padrão cede espaço para o inusitado, para a inovação, a invenção, características também atinentes às gírias, promovendo sua divulgação, compreensão e recriação dos espaços simbólico-sociais.

Logo, o efeito ondular, descrito em parágrafo anterior, não tem um epicentro evidente, se considerarmos este *centro*, p.e., a variante culta mais escolarizada e a variante gíria menos escolarizada, como ocorre entre a variante da cidade e a variante do campo. Como já discutimos acima, em questão retórica, se a

gíria é parasitária e tem sua criação alicerçada na gramática da norma padrão e nas regras de combinações metafóricas de significado, ela não pode ser considerada vocábulo?

Se é vocábulo tem potência para adentrar ao léxico, o que nos leva às inúmeras novas entradas em dicionários, sendo, neste momento, aceita por toda a parcela social, mesmo por aquela parcela mais conservadora. Isso porque, como dissemos, o intercâmbio das variantes entre os moradores dos centros urbanos é demasiadamente complexo, pois os grupos se inter-relacionam com maior frequência e não há como prever quando a gíria passa ao estado comunal, mas podemos entrever o porquê na valoração do vocábulo gírio diante das relações estabelecidas pela linguagem. Nas palavras de Preti:

É preciso, porém, insistir que não existe uma gíria geral que se possa denominar de gíria da periferia ou da cidade. O que há são grupos sociais que criam determinadas gírias que, a princípio, restritas, posteriormente se espalham pelo convívio social com outros grupos e se generalizam. (PRETI, 2007, p.6).

Propomos que o *contínuo* da gíria exista nos microespaços da área urbana, passando dos grupos de maior apelo social para os de menor, sendo a linguagem praticada por grupos, vagarosamente, incorporada à fala de outros grupos, mas não de região central para periférica e vice-versa; consideramos, portanto, o fenômeno da troca linguística como efeito de múltiplos epicentros, numericamente idênticos aos grupos sociais que a compreendam.

Assim, do contínuo diatópico, estruturado de modo que os grupos de fala distribuídos horizontalmente apresentem modos peculiares e distintivos em sua linguagem (evidenciando o fato linguístico existente entre campo e cidade), passamos a considerar a gíria ocorrente em área urbana estruturada em um contínuo sociossituacional. Significa dizer que, pelas inter-relações dos diversos grupos sociais e pela necessidade de trocas linguísticas entre os componentes de grupos na dinâmica das grandes cidades, a gíria, mesmo de grupos mais restritos, é matéria linguística densa e valorosa nestas trocas, percorrendo os contextos plurais da cidade com o indivíduo que a utiliza como mais uma ferramenta, do mesmo modo que o faz com as variantes de prestígio.

### 3 SOBRE O BAIRRO JARDIM SÃO JORGE

Seguindo os procedimentos da sociolinguística, realizamos uma série de pesquisas a fim de levantar dados sobre a situação atualizada do bairro e da condição dos moradores. Não haveria de ser análise sociolinguística se não observássemos os elementos exteriores à linguagem que (re)criam possibilidades de aproximação entre a linguagem do sistema prisional e a comunidade deste bairro.

Assim, investigamos toda a contextualização da localidade pesquisada, bairro Jardim São Jorge, localizado na periferia da cidade de Londrina/PR, não apenas em sua condição estrutural, mas especialmente ao que concerne ao histórico de formação, situações e complicações vividas pelos primeiros moradores; situações estas que persistem, em parte, até os dias atuais. Adiantamos que, para o levantamento de dados sobre o contexto do bairro, além de muitas visitas, contamos com documentos do programa da Companhia de Habitação de Londrina, denominada COHAB/LD, a qual, em parceria com o Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Econômico e Social, ITEDES, elaborou rigorosa investigação, no ano de 2009, sobre os problemas enfrentados pelos moradores. Partindo, pois, dos dados fornecidos pelos órgãos acima citados, pudemos traçar as características do bairro e o perfil social de seus moradores dentro dos seguintes critérios: tempo de moradia no bairro; gênero e composição familiar entre chefes de família e dependentes; contribuição de renda entre chefes de família e dependentes; faixa etária, escolaridade e situação de trabalho dos chefes de família e dependentes, tratados, amiúde, em tópicos específicos do capítulo em questão.

Foi possível verificar a situação ainda vivida pelos moradores no recorte de tempo no qual foram aplicados os questionários para o levantamento das gírias do sistema prisional, conhecidas ou praticadas pela comunidade; gíria esta que advém de ambiente recluso e encerrado, mas que – devido a fatores sociais, educacionais e estruturais – pode acabar por ultrapassar os muros e adentrar as comunidades periféricas das grandes cidades. Partimos, pois, do princípio de que a língua tem relação dialógica imediata com os propósitos comunicativos, servindo às necessidades de produção e só desaparecendo quando não se faz mais essencial ou necessária, escapando contextualmente à ordem política, social ou linguística de

um grupo determinado.

### 3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

O estudo de uma comunidade localizada na periferia de Londrina foi trabalho que envolveu uma série de questões: conhecimento do contexto; aproximação da vida cotidiana e das rotinas de seus moradores; identificação de um ponto comum de encontro destes; observação dos vínculos, passeios públicos, religiosos, costumes e tradições; verificação das classes como trabalhadores, donas de casa, estudantes; infraestrutura, escola, posto de saúde, mercados, condução/locomoção/transporte, farmácia, bancos; circulação de material escrito, jornais do bairro, revistas, propagandas.

Neste sentido, entre as etapas fundamentais da pesquisa, destacamos o conhecimento do bairro, a situação nas quais se encontram as famílias, o nível de escolaridade, situação formal de trabalho, a infraestrutura, o acesso aos centros comunitários e a participação social dos moradores no bairro, pois entendemos que questões contextuais de informalidade laboral, baixa escolaridade, constituição familiar precária, abandono estatal, entre outros, podem contribuir para a utilização das gírias ou o uso da linguagem restrita ao sistema prisional.

Para o levantamento de dados desta etapa da pesquisa, contamos também com documentos do programa da Companhia de Habitação de Londrina, COHAB, a qual, em parceria o Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Econômico e Social, ITEDES, elaborou rigorosa investigação acerca dos problemas enfrentados pelos moradores visando à intervenção estatal para melhorias no bairro. A situação de coleta, finalizada em outubro de 2009, entretanto, foi elaborada por amostragem, mas conseguiu apreender 395 famílias que moram na localidade, o que corresponde a 51% dos moradores.

O bairro São Jorge está localizado na porção setentrional da cidade de Londrina, vizinho dos conjuntos residenciais conhecidos como Cinco Conjuntos, contando com a ocupação de menos de 200 mil metros quadrados, por

aproximadamente 800 famílias. O acesso à via principal, Avenida Saul Elkind, pelo bairro só pode ser feito por uma única entrada pavimentada, deixando o bairro sem outra saída para veículos, isolando seus moradores (COHAB/LD, 2009). Os moradores, entretanto, diante do vazio existente entre o bairro vizinho (Residencial Chefe Newton), fizeram caminhos estreitos por uma propriedade rural, verdadeiro vazio agrícola ao redor do bairro, diminuindo a distância para acesso aos mercados, padarias, transporte urbano.

A história do bairro é marcada, oficialmente, por invasão, assentamento e reivindicações. Segundo Melchior e Asari (2003), o atual Jardim São Jorge foi implantado primeiramente como assentamento em 1997, contando com 743 famílias, segundo os dados coletados em 1999 pela mesma companhia de habitação. Nesta época era uma das regiões com a pior situação infraestrutural, sem asfalto, água encanada, sem escola, posto de saúde, casas pequenas de madeiras.

Passados três anos como assentados, os moradores do Jardim São Jorge já tinham ampliado a invasão, ocupando e construindo barracos precários de madeira no terreno localizado à esquerda da via de acesso ao bairro, em área inutilizada, mas particular. Iniciada a nova invasão com 30 famílias em 2000, chegou a computar, nove anos mais tarde, um total de 205 famílias vivendo precariamente no espaço. Esse assentamento adjacente ficou conhecido como Nossa Senhora da Aparecida. Em 2012, devido à ação de reintegração de posse e a distribuição, pela COHAB/LD, de casas populares em bairros vizinhos aos moradores, o assentamento não existe mais (COHAB/LD, Pregão diagnóstico, 2009).

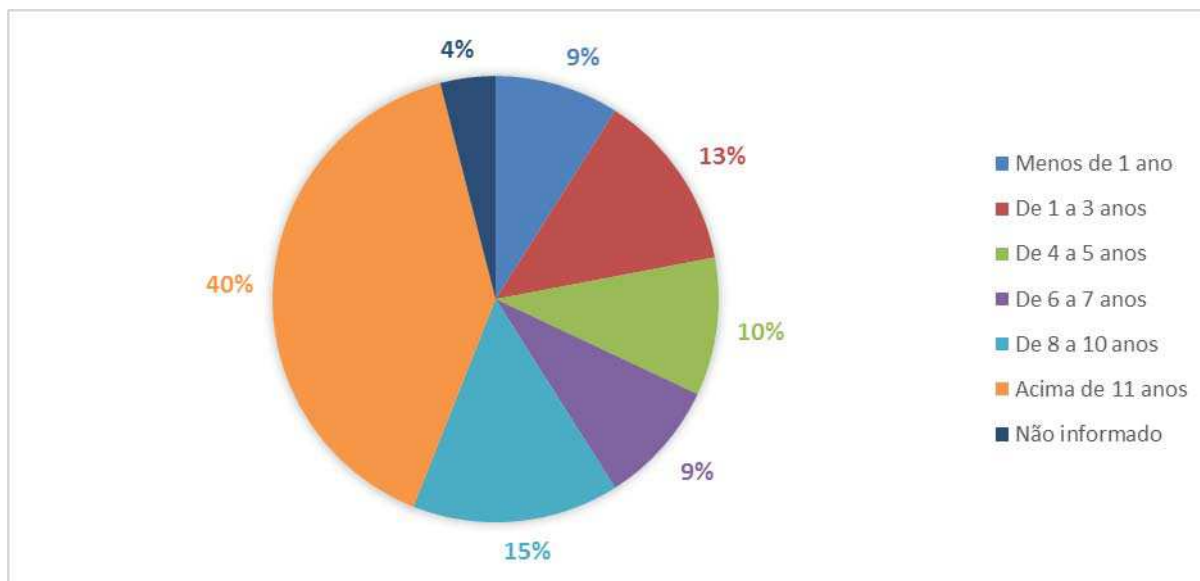
Vieira, Ferri e Costa (2011, p.7) observam que as lutas e reivindicações dos moradores não afetaram, contra senso, a primeira disposição na ocupação do solo, pois não houve abertura de novas vias pavimentadas, além da inicial, deixando-os isolados dos bairros ao redor e também limitados quanto aos serviços localizados na Avenida Saul Elkind. As pesquisadoras compreendem que o vazio agrícola ao redor e a distância entre os bairros vizinhos sugerem que se trata de *invasão combinada*, ou seja, ação deliberada entre o proprietário das terras e os *invasores* para o investimento posterior da administração pública em infraestrutura, pelas necessidades sociais básicas, levando à valoração dos lotes não *invadidos*.

Ao compararmos os dados entre 1997 e 2009 quanto ao número de famílias na localidade, verificamos que não houve grande mudança, passando de 743 a quase 800 famílias, segundo censo da COHAB/LD, em 2009. Entretanto, essa constatação não agrega dados de moradores que permaneceram por quase doze anos no assentamento paralelo, o que elevaria o número de famílias a quase mil em uma área de exclusão e pouco investimento.

Podemos supor que as condições precárias perduraram e levaram os primeiros moradores a abandonar a região assentada. A evasão dos primeiros moradores, entretanto, não modificou drasticamente o número de famílias, como dissemos acima, mas consolidou a dinâmica espacial e a apropriação do espaço destinado para as construções no Jardim São Jorge.

O bairro estudado, uma favela horizontal, limitada à primeira área de invasão, sem grandes transformações sociais e estruturais, contando apenas com a Cooperativa de Reciclagem para a providência das despesas do lar de inúmeros moradores, sem posto de saúde, sem escola que oferte ensino médio, compreendendo em sua grande maioria casas comunitárias simples e comércios informais – alguns bares, um mercadinho, duas padarias, oficina mecânica, armarinho – e veremos que, com baixos índices de escolaridade, mobilidade social, trabalho formal, investimento público em infraestrutura, concretiza-se um perfil de abandono e exclusão, conhecidos também como bolsão de pobreza.

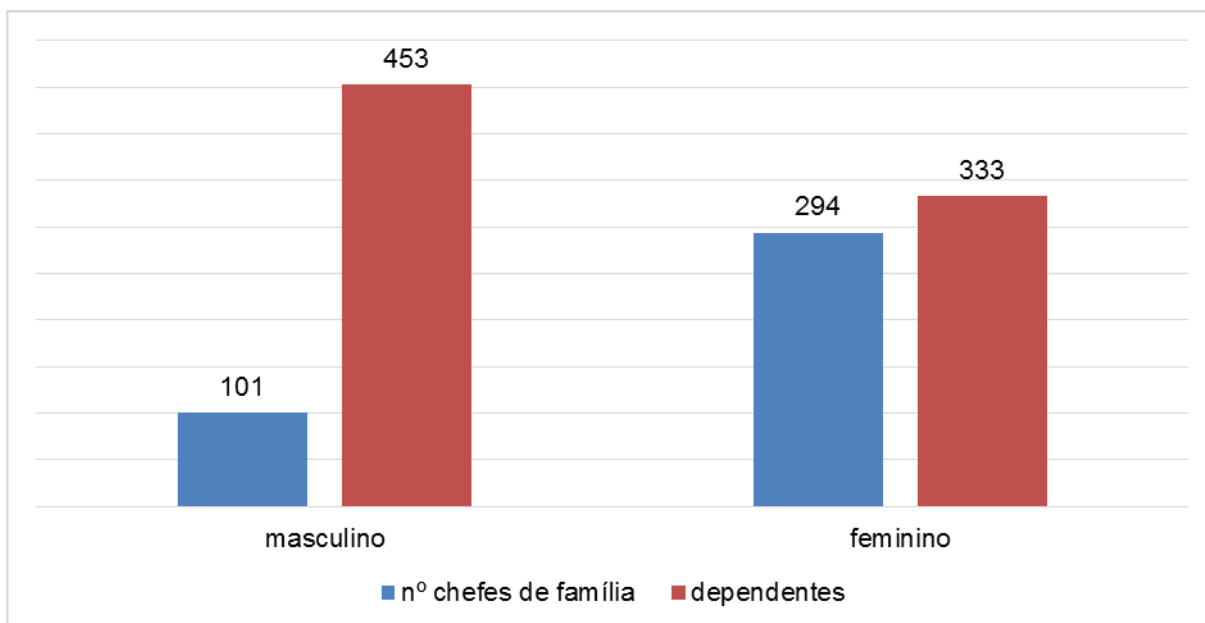
Para melhor compreendermos as características e a dinâmica do bairro, investigamos: (i) o tempo de moradia do bairro; (ii) o gênero e a composição familiar; (iii) contribuição de renda; (iv) faixa etária; (v) escolaridade; (vi) situação de trabalho; (vii) a dimensão espacial. Estes apontamentos serão discorridos em sequência.

**Figura 1 - Tempo de moradia no bairro**

**Fonte:** Elaboração do autor baseada em dados da COHAB/LD, 2009.

O cruzamento de diversos dados nos permitiu explorar valiosas questões relacionadas aos habitantes do Jardim São Jorge. O tempo de permanência, demonstrado na figura 1, foi fundamental para estipularmos o mínimo de dois anos de domicílio no bairro para seleção dos informantes. O tempo mínimo de dois anos teve como base a grande percentagem de moradores que são residentes do bairro a pelo menos oito anos, considerando, pois, o tempo transcorrido de quatro anos passados desde a pesquisa encomendada pela COHAB/LD, o que se nos apresenta como vantagem ao pensarmos que a pesquisa selecionou moradores de forma aleatória.

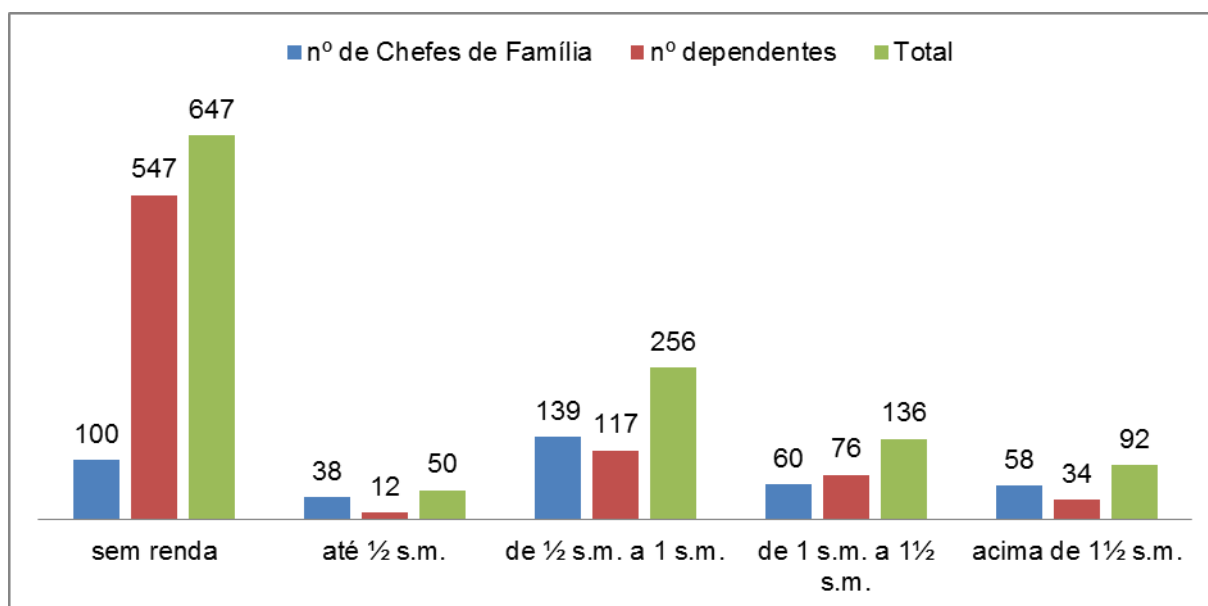
A figura a seguir (Figura – 2), deixa em relevo a comparação da composição entre os números correspondentes aos chefes de família e aos dependentes, permitindo-nos ponderar sobre a composição familiar no Jardim São Jorge, evidenciando a intensa participação das mulheres como chefes de família e a grande quantidade de dependentes do sexo masculino.

**Figura 2 - Gênero e composição familiar**

Fonte: COHAB/LD, 2009.

Nesta perspectiva, quase o triplo das mulheres responde diretamente pela administração familiar, pelo cuidado com a educação e bem-estar das crianças e adolescentes, pela provisão de alimentação e pelas responsabilidades inerentes à manutenção da residência. Isso leva a pressupor um grande impacto nas relações sociais, quando estas mulheres, chefes de família, precisam ausentar-se para o trabalho. Logo, os menores, com a ausência das mulheres chefes de família, necessitam de outros espaços para cuidados, tais como os escolares, de lazer ou familiares.

Os dependentes de sexo masculino ultrapassam os de sexo feminino permitindo entrever a paisagem humana diurna, implicando a facilidade de encontrarmos informantes do sexo masculino, embora menores.

**Figura 3 - Contribuição de renda**

Fonte: Elaborada pelo autor baseado em dados da COHAB/LD, 2009.

A figura 3 demonstra que, em 2009, 25% dos moradores chefes de família não contribuíam com a renda e que grande parcela destes, 45%, sobrevivia com até um salário mínimo. Quanto aos dependentes, o número de pessoas sem renda sobe para 70%, já que boa parte é jovem ou crianças, enquanto os demais 30% apresentam, em sua maioria, os mesmos índices de baixa renda.

A coluna verde do gráfico corresponde ao total, soma dos chefes de família e dependentes, resultando em 55% sem nenhuma renda. Em outras palavras, mais da metade das pessoas que participaram da pesquisa da COHAB/LD, em 2009, na localidade, não possui renda. Segundo os dados, 26% contribuem com renda que não ultrapassa um salário mínimo, restando 19% que percebem acima de um salário. Assim, dos 45% que contribuem com alguma renda, mais da metade provém dos chefes de família.

Postali e Mendes (2011), em estudo sobre a autoprodução da casa própria em ocupações irregulares em Londrina<sup>27</sup>, encontram dados aproximados, de modo que 47% das famílias sustentavam-se com até um salário mínimo e 21% das famílias estudadas resistiam com menos de um salário mínimo. Estes dados

<sup>27</sup> As pesquisadoras entrevistaram 120 famílias dos bairros Jardim São Jorge (zona norte) e São Rafael (zona leste), ambos ocupados, segundo as autoras, entre 1995 e 1998, respectivamente, revelando o descaso da administração pública em relação à construção de moradias populares.

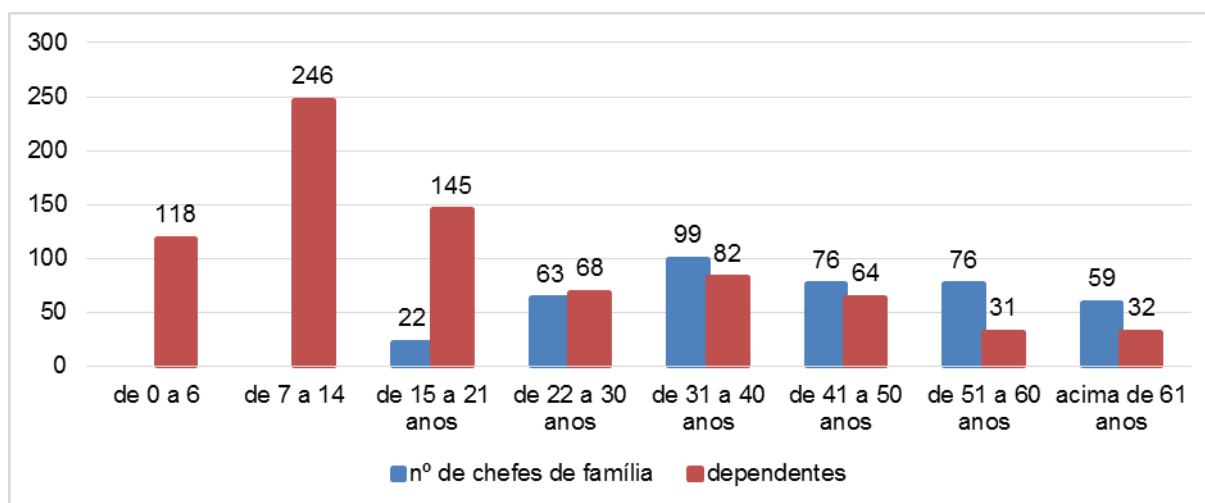
levaram-nas a destacar a exígua renda como motor principal que impulsiona as ocupações:

As razões que conduziram as famílias a participarem da ocupação do local encontram-se exclusivamente vinculadas à situação socioeconômica enfrentada pelas mesmas. [...] Foi observado que a falta de recursos financeiros para o pagamento do aluguel ou das prestações da casa própria resultantes, na maioria dos casos, do desemprego de forma inesperada, constituem-se nos fatores determinantes que motivaram as famílias a deixar o medo e a vergonha do ato de ocupação e realizar a necessidade do morar na cidade de Londrina. (POSTALI; MENDES, 2011, p.11).

Para Jacobi (1982), citado por Asari (2003), fatores como busca por condições mais favoráveis, oferta de trabalho informal, possibilidades aparentes de mobilidade social, dificuldade de acesso aos programas de moradias, mesmo aqueles voltados à parcela mais pobre da sociedade, são alguns dos elementos que levam famílias a suportar as condições absurdas enfrentadas nos assentamentos ao redor de Londrina, como é o exemplo do Jardim São Jorge.

Ao acirramento nas condições de remuneração soma-se um alto grau de rotatividade no trabalho o que gradativamente inviabiliza qualquer possibilidade de inserção nas formas convencionais de moradia na cidade. Portanto, baixos salários, desemprego, rotatividade e o desgaste a que está sujeita a força de trabalho – acrescidas do tempo de locomoção despendido nos transportes coletivos – são causas que direta ou indiretamente levam à favelização. (JACOBI, 1982, p.61, Apud ASSARI, 2003, p.551)

Em comparação com a faixa etária, Figura 4, distinguimos o motivo de mais da metade dos moradores não colaborarem com a renda familiar, pois boa parte deles, como dissemos, é ainda criança ou adolescente, o restante que complementa os 55% são aqueles que compreendem a grande massa de desempregados. Em outras palavras, dos constituintes familiares entre 0 a 14 anos, 46% dependem, exclusivamente, dos chefes de família. A possibilidade do trabalho formal, por força protetiva da legislação brasileira quanto à criança e adolescente, orienta a idade mínima de 14 anos para exercício do labor, considerado neste íterim como menor, permitido a este apenas o registro na condição de aprendiz, momento no qual principia a participar da divisão de despesas da casa.

**Figura 4 – Faixa etária**

**Fonte:** Elaboração do autor baseado em dados da COHAB/LD, 2009.

A presença de muitas crianças em áreas menos favorecidas é uma constante e a escassez de escolas, centros recreativos, espaços públicos destinados aos menores e cursos em contraturno escolar, p.e., levam, geralmente, os menores a buscarem alternativas na própria dinâmica do espaço em que vivem. Sem orientação dos chefes de família, que trabalham, ficam à sorte de todos os tipos de infortúnios, como o contato com a droga ou tráfico, além do acometimento de algumas ilicitudes.

Na Figura 4, relativa a faixa etária, notamos que há uma correspondência proporcional entre a grande faixa de dependentes, de 0 a 14 anos, e o crescimento no número de chefes de família, de 15 anos até o máximo de 40 anos. Pelos dados coletados, constatamos que 13% dos moradores com idade entre 15 e 21 anos, ou seja, jovens, já respondem como chefes de família, mesmo na adolescência<sup>28</sup>. Talvez este seja um dos fatores que mais comprometem a continuidade nos estudos dos mais jovens, uma vez que, por constituírem família, tornam-se responsáveis pela administração da habitação, seguindo o reflexo da maioria dos adultos entre a faixa dos 20 aos 40 anos.

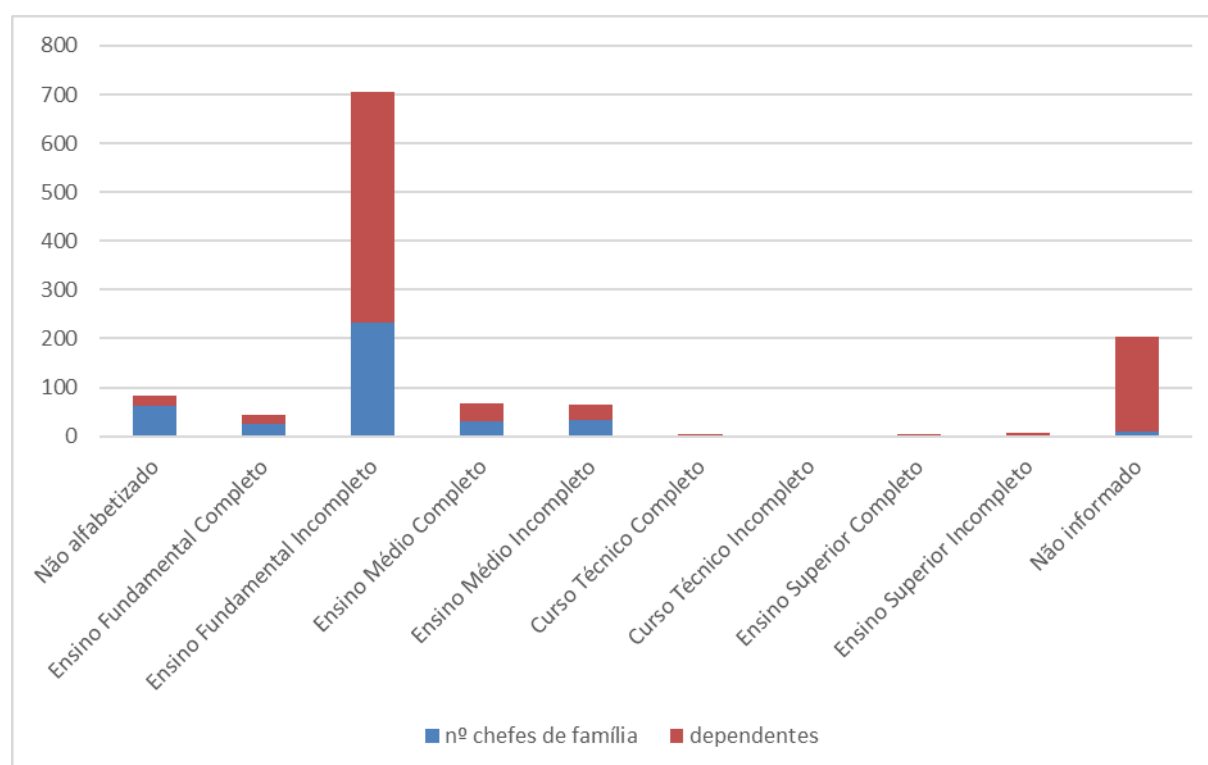
Foi possível observar, em nossa pesquisa de campo, o grande

<sup>28</sup> Este gráfico contribuiu para delimitarmos o grupo etário apropriado para os informantes.

número de adolescentes grávidas<sup>29</sup>. A ausência de planejamento e estrutura acaba por fazê-las viver junto aos familiares (avós, tios, mães), descendentes de uma história reiterada, eterno retorno de mazelas, dificuldades, ausências e privações.

A presença de jovens pais (sexo feminino e masculino) sem ensino fundamental completo teve bastante relevância quando ponderamos a confecção das células dos informantes. Assim, a Figura 5, Escolaridade, foi um dos mais impactantes para esta pesquisa por evidenciar o contexto cultural e socioeconômico do bairro Jardim São Jorge.

**Figura 5 – Escolaridade**



**Fonte:** Elaboração do autor baseada em dados da COHAB/LD, 2009.

A Figura 5 comprova que as necessidades pela manutenção da família e das obrigações inerentes ao dever do sustento, levam ao abandono da

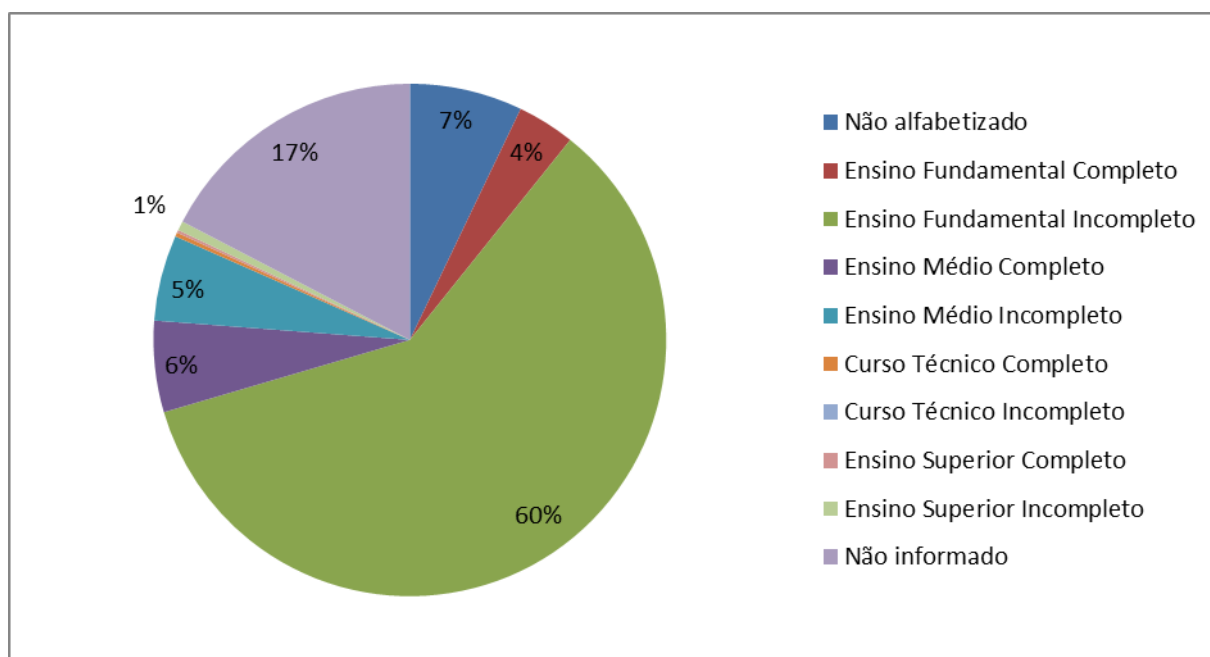
<sup>29</sup> A título de comparação: os resultados gerais da amostra oficial do Censo Demográfico de 2010, compilados pelo IBGE, demonstram que a taxa de fecundidade das mulheres menores de 30 anos representa 68,6% da fecundidade total, resultando na idade média de nascimento do primeiro filho, para o sul do país, em 27 anos. Em nossas entrevistas, apenas duas mulheres jovens (14 anos) não tinham filhos, de um total de 12 mulheres. Enquanto os homens, de um total de 10 homens, apenas dois (15 anos) não tiveram seu primeiro filho. Entretanto, em anotação de campo, observamos que entre as duas jovens, uma já estava em período de gestação.

educação formal que perdura até a fase adulta<sup>30</sup>.

Somando dependentes e chefes de família, notamos que neste contexto as privações estendem-se por todas as dimensões sociais, refletindo, principalmente, na baixa escolaridade, já que abandonam o ensino formal pelo mercado de trabalho.

Assim, 60% de pessoas sem o ensino fundamental completo (Figura 6) é resultado da soma entre dependentes e chefes de família; a análise que corresponde a dados *apenas* dos chefes de família chega a 75% de pessoas sem o ensino suficiente para o mercado formal de trabalho que exige, no mínimo, o ensino fundamental completo.

**Figura 6 - Escolaridade (A + B) 31**



**Fonte:** Elaboração do autor baseada em dados da COHAB/LD, 2009.

Para este resultado, computamos as pessoas que ainda não completaram o ensino fundamental e também aqueles que se declararam analfabetos, ou seja, excluídos, naturalmente os menores de 6 anos.

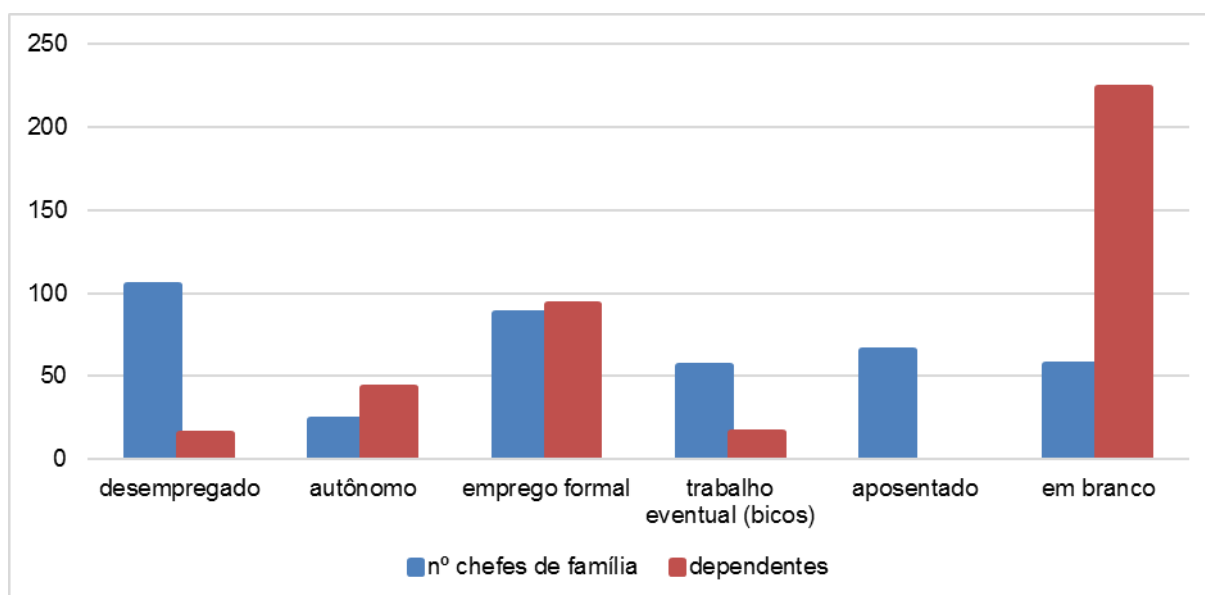
<sup>30</sup> Isto pode ser observado em visita à escola do bairro, local responsável pela oferta de Educação para Jovens e Adultos (EJA), e a presença maior de adultos do sexo feminino que frequentam o curso.

<sup>31</sup> A: nº chefes de família; B: dependentes.

Os dados de formação técnica ou superior não foram relevantes, pela ausência de pessoas formadas, o que nos leva a considerar que a educação formal ainda é um grande divisor de águas para auxiliar a mobilidade social, já que uma educação melhor acarreta melhores oportunidades no mercado de trabalho, e, por conseguinte, melhores condições para a família em ambiente diverso/próspero.

A seguir, optamos por apresentar o cruzamento de dados que demonstram a dinâmica das relações entre a natureza socioeconômica dos chefes de família e dos dependentes.

**Figura 7 - Situação de trabalho**



Fonte: Elaboração do autor com base de dados da COHAB/LD, 2009.

A situação de trabalho do bairro Jardim São Jorge, analisada em conjunto com escolaridade e faixa etária, garante um panorama de grandes dificuldades e luta diária por parte dos moradores. Os trabalhos informais resumem-se às ocupações de babá; venda e produção de miçangas, enfeites, fuxicos; coleta de material reciclável; costura; diarista; pintor; pedreiro; servente de pedreiro – que são atividades sazonais; ficando os trabalhos formais reservados às áreas da construção civil e prestação de serviços domésticos.

Dados semelhantes foram coletados por Postali e Mendes (2008, p.14). Em sua pesquisa, o índice de trabalhadores com carteira assinada, em região

considerada ocupação irregular, foi estimado em apenas 24,30%, ficando os demais à deriva do trabalho sem garantias e registros, ou à vida no contínuo desemprego.

Em nossas entrevistas, muitos disseram não terem continuado a estudar, principalmente, por questões de sustento da família e também a baixa oferta de oportunidades em sua localidade, alegando a grande distância entre bairro e escola e a dificuldade de acesso pela falta de dinheiro, sendo, portanto, obrigados a aceitarem quaisquer ocupações para obterem renda. Isso reflete-se ainda hoje nos filhos dos informantes que param de estudar sem completar o ensino fundamental ou pretendem parar após o 9º ano – fim do ciclo do ensino fundamental. Uma das queixas dos mais jovens está na falta de bens de consumo, no imediatismo da vida que antecede a adulta, nas comparações entre eles e classes mais abastadas.

Observe que a miscelânea de dados e fatores apresentados nos gráficos são apenas aparentemente heterogêneos, mas não estão isolados, pois convergem na máxima da exclusão social, repercutindo diretamente na experiência viva da língua falada, que no bairro é simples, não letrada, compartilhada pelos integrantes do bairro, próxima do rural.

Essa conjuntura de fatores nos auxilia a verificar a existência ou conhecimento da gíria de grupos marginalizados, pois como a linguagem não está apartada de seu meio de circulação, de modo que os fenômenos exteriores à língua falada contribuem para a existência e manifestação de fala peculiar, acreditamos que a exclusão e a precariedade contribuam simbolicamente como contexto similar aos dos presídios propiciando elementos para a circulação de seus signos.

Em outras palavras, estudar o bairro é, sobretudo, estudar as condições nas quais a gíria do sistema prisional, vocabulário discriminado, possa encontrar um ambiente ótimo para sua reprodução/produção, considerando, portanto, os dois espaços metaforicamente similares, ambos excludentes, delimitados, marginalizados, discriminados.

**Figura 8** - Vista aérea por satélite do bairro Jardim São Jorge



Fonte: maps.google.com, 2013.

Por fim, embora a situação do bairro venha se modificando, os moradores do bairro Jardim São Jorge podem ser considerados à margem não apenas por estarem localizados na periferia de Londrina, mas por não contarem com escola de ensino médio, posto de saúde, área de lazer, local para eventos coletivos. Uma breve visita ao bairro pode destacar o movimento desordenado das cidades, com barracos de madeira, ausência de iluminação pública, convivência com drogas e o tráfico, demonstrando descaso por parte do poder público ante as reclamações de seus moradores. Por isso, foi imprescindível estudá-lo enquanto infraestrutura e as relações diárias de seus moradores, antes de selecionarmos os informantes.

## 4 METODOLOGIA

Compreendemos que o caráter metodológico de qualquer pesquisa é responsável por ordenar os passos do pesquisador, coordenando o pensamento e os procedimentos necessários para chegar ao objetivo específico proposto no início de qualquer investigação. Desse modo, o conjunto de regras e coordenadas devem conciliar resultados e pressupostos teóricos.

A respeito do método científico Prodanov e Freitas (2013, p.24) o consideram como “conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação [...], a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa”. O próprio conceito de pesquisa, portanto, não é possível sem diretrizes de ordem metodológica. Entretanto, o procedimento desenvolvido a partir de roteiro prefixado, metodologicamente traçado, é completamente dependente dos resultados intermediários de suas etapas, queremos dizer que dentro do campo das ciências que estudam a linguagem situada, em nosso caso: fala viva em seu contexto social, muitos eventos não são previsíveis e podem resultar em enviesamentos dos resultados.

Este roteiro, pois, deve receber atenção desde a formulação e reformulação do instrumento inicial de coleta de dados (questionário), passando pela concretização do objetivo intermediário, qual seja o de reunir amostras relevantes para o exame, até a compilação da amostra total e sua posterior análise.

Na elaboração do questionário tivemos etapas intermediárias, não menos importantes, pois a ausência de uma interfere na etapa principal, são elas:

1. Selecionar o fenômeno a ser verificado, no caso, a gíria do sistema prisional;
2. Decidir as gírias que seriam utilizadas como base para a produção do instrumento de pesquisa, uma vez que estamos em ambiente diverso do ‘original’ e algumas restrições são necessárias;
3. Analisar o contexto do bairro a ser estudado;
4. Levantar o perfil de informante pretendido para a aplicação do questionário;

5. Decidir o número de membros a serem entrevistados, divididos em células específicas, uma vez que a coleta de amostra deve ser representativa da comunidade estudada;
6. Selecionar as variáveis extralinguísticas relevantes para a pesquisa;
7. Aplicar o questionário e testá-lo com os informantes;
8. Reelaborar o material de coleta de análise baseando-nos nas entrevistas-teste;

Como nossas orientações advêm de fontes sociolinguísticas, ou seja, pela obtenção de dados por meio da observação sistemática (LABOV, 2008, p.244), a aproximação com os membros da comunidade não foi tarefa considerada simples, principalmente quando não se faz parte das redes de relações do ambiente.

Assim, os dados linguísticos da gíria do sistema prisional coletados no bairro periférico londrinense Jardim São Jorge foram recolhidos em uma dinâmica estruturada, composta por uma série de passos, que transitaram (i) pela análise social, histórica e política do bairro; (ii) pelo levantamento de sua fundação segundo os documentos oficiais; e, posteriormente, (iii) pelas histórias recuperadas no momento da entrevista. Não deixamos de descrever, contudo, a situação atual de infraestrutura e as relações entre os moradores.

#### 4.1 QUESTÕES INICIAIS

O trabalho em campo envolve uma série de riscos, principalmente quando o objeto estudado é a língua em uso<sup>32</sup>. Dependendo do *animus* do informante, local adequado para o registro, encontrar o informante segundo os critérios da pesquisa, delimitar os pontos de coleta de dados e acesso a estes, finalmente contar com uma série de imprevistos, os quais podem até afetar gravações e perda de material significativo, faz com que nós, pesquisadores da fala em uso, adotemos rigor metodológico a fim de alcançarmos o objetivo sem vício nos dados.

---

<sup>32</sup> LABOV (2008) tece algumas considerações sobre o consumo de tempo nas pesquisas e a delimitação do campo de investigação advindas do gerativismo (competência), sobretudo dos problemas em lidar com a fala: agramaticalidade, a variação, os atos ouvir e gravar, e possibilidade de deparar-se com formas sintáticas inusitadas.

Isso se deve em grande parte para diminuir as interferências do pesquisador, minimizando o paradoxo do observador, preparando cuidadosamente o instrumento de coleta, elaborando estratégias para verificação da realização das variantes investigadas, a revisão do material coletado e a análise das relações existentes entre o fenômeno extralinguístico.

No caso deste trabalho, entre as questões primeiras, consideramos a viabilidade de aplicação de um questionário que foi instrumento para a coleta de gírias no sistema carcerário há mais de dez anos. Preti (1999; 2007) atenta para o fato de a gíria de grupos restritos, criptográfica, de conhecimento apenas de iniciados, pode vir a sair do grupo de referência no qual fora convencionada e passar à gíria comum.

Nesta perspectiva, os vocábulos gírios investigados, como advindos do sistema prisional, fora de seu ambiente de criação, podem vir a ser considerados comuns. Queremos dizer que os signos responsáveis pela composição codificada estão entrelaçados ao contexto ao mesmo tempo em que vinculam sua condição de existência. Assim, uma vez fora de seu contexto, deveria o vocábulo ser substituído, p.e., por outras variantes, sendo esta gíria ou não, imediatamente, necessário para a própria manutenção dos sentidos obscuros nas mensagens dos detentos. Alguns dos vocábulos, entretanto, passaram a fazer parte de gírias do bairro, em outro contexto, mas ainda mantendo o seu significado criptográfico original.

#### 4.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Normalmente, as orientações de pesquisas em campo estimulam, para conseguirmos nos aproximar dos informantes, e que, se possível, estes sejam apresentados por outra pessoa residente da localidade, ou seja, de algum modo, conhecido, a fim de evitarmos o estranhamento, impacto natural visto que o pesquisador se destaca, além de a própria entrevista de estudo de hábitos linguísticos ser gênero textual<sup>33</sup> incomum aos informantes. Porém, quanto ao argumento da forma de aproximação do informante, ao analisarmos atentamente o bairro, notamos que a dinâmica das relações é bastante aproximada. Além disso, os moradores estão na

---

<sup>33</sup> Gênero aplicado no sentido de prática linguística estruturada e compartilhada, assim como o diálogo, o discurso, o monólogo.

localidade faz muitos anos, sendo parte do processo de transformação desta área periférica, de área invadida à chegada de infraestrutura do município, ocorrendo poucas mudanças relacionadas ao movimento demográfico de deslocação, de modo que os afins residem muito próximos.

As distâncias entre os moradores, se não físicas, subsistem, basicamente, em questões ideológicas, de crenças, trabalho. Queremos dizer, pois, que os agrupamentos coexistem, o que nos leva a supor que devidos às afinidades, aos laços estreitos dos moradores com seu grupo de referência, não conseguiríamos nos distanciar do mesmo ciclo linguístico se prosseguíssemos apenas pelas indicações dos informantes entrevistados.

Assim, foi fundamental entender as relações interpessoais, de modo que a indicação evidentemente comprometeria os dados, já que a mostra de informantes muito próximos, geralmente de familiares e amigos, não nos permitia abranger diatopicamente o bairro em sua possibilidade de uso linguístico da gíria. Assim, optamos por selecionar informantes pertencentes a grupos diversos conferindo mais qualidade e validade ao material colhido.

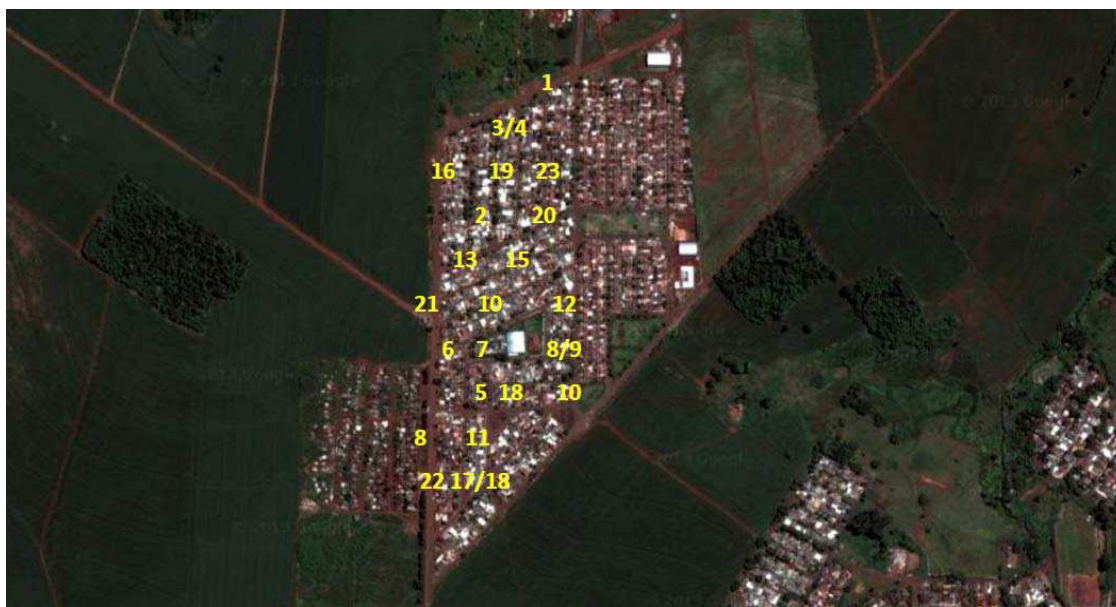
Em outras palavras, evitamos, pois, ao máximo as indicações diretas de parentes e amigos feitas pelos informantes, preferindo a 'indicação do indicado', ampliando as complicações da pesquisa, mas visando ao distanciamento entre as redes de relações linguísticas, aumentando a garantia de menor vieses na análise dos dados.

Essa metodologia na escolha do informante consiste na percepção dos processos de pertencimento de grupo que, por vezes, encerram, encarceram ou restringem a língua em uso, não nos permitindo observar a dinâmica das outras possíveis variantes, ou pelo menos, conhecê-las.

Amigos e parentes, geralmente, compartilham dos mesmos hábitos linguísticos, pela estreiteza dos laços, mantendo as características linguísticas, também por pertencimento ao grupo, produzindo mais um dos efeitos que poderiam direcionar os dados da pesquisa. Embora isso tenha dificultado a coleta, garantiu

melhor qualidade do material. Podemos observar, aproximadamente, a distribuição dos informantes na figura 9:

**Figura 9** - Rede de pontos de informantes



**Fonte:** Elaborado pelo autor. Imagem: maps.google.com, 2013.

A imagem, além de permitir observar os pontos onde habitam, possibilita-nos verificar a pequena dimensão do bairro. Ao redor, à esquerda, resquícios da invasão mais atual e de sua desapropriação (assentamento Nossa Senhora Aparecida); à direita, parte do programa de habitação popular do município com novas residências, alocando para estas casas pessoas da invasão mais atual. Esse bairro novo denomina-se Jardim Novo Horizonte.

Quanto aos vínculos entre grupos e suas redes de relações distantes do bairro, parte dos nossos informantes participa do movimento da cidade apenas pelas atividades laborais. Além do trabalho, não apresentam mobilidade e enlances com outros grupos, somente com os do próprio bairro, de modo que as atividades de lazer e culturais, ao frequentarem igreja, bares ou casa de amigos, encerram-se no mesmo espaço em que habitam. Boa parte da comunidade utiliza a norma linguística pertinente ao grupo de onde provém, com muito do registro coloquial, trazendo consigo marcas culturais e traços na fala utilizada tanto por seus familiares quanto por seus próximos, convergindo em uma única maneira de expressão quando coletivos. Queremos dizer que a língua falada pela comunidade não apresenta sentenças

elaboradas, há muita repetição do léxico, desvios de concordância pronominal, nominal e verbal, traços definitivos de uma cultura e tradição baseadas fundamentalmente no uso coloquial e compartilhado de variantes informais.

Compreendendo a dinâmica espacial, os enlaces com a situação de criminalidade, a ausência de infraestrutura e a diversidade nas tradições culturais (a qual, por exemplo, vê no tráfico de drogas uma atividade laboral já aceita como forma de renda de alguns adolescentes), foi-nos permitido caminhar, vagarosa e cautelosamente, até as portas de nossos entrevistados/moradores, sempre acompanhado de pessoa a ser entrevistada.

#### 4.3 CÉLULA DOS INFORMANTES

Seguimos o método denominado por Silva-Corvalán (2001) de *método de selección intencionada*<sup>34</sup>, no qual as características dos informantes/falantes foram prefixadas, de modo a diminuir as amostras ao acaso, até completarmos as células com o número estipulado, mas atentos também para as redes sociais do grupo social analisado (2001, p.51). Assim, nesta pesquisa foram entrevistados informantes de dois gêneros, homens e mulheres, moradores do bairro suburbano, entre a faixa etária de 14 a 70 anos, escolarizados, com maiores redes de relações sociais e, por isso, sujeitos à alternância, em hipótese, de maior matiz de variantes.<sup>35</sup>

Inicialmente esclarecemos que, para a coleta da fala em uso, havíamos estabelecido um total mínimo inicial de 6 pares de casais informantes, distribuídos segundo a idade, de 18 a 29 anos, de 30 a 49 anos e de 50 a 70 anos. Porém, devido à grande presença de jovens<sup>36</sup> com idade inferior a 18 anos, coletamos dados de adolescentes, de 14 a 18 anos. Assim, ao fim da pesquisa computamos 22 informantes, os quais responderam 112 questões contidas no Questionário, composto

---

<sup>34</sup> *Método intencional de selección* (Tradução livre).

<sup>35</sup> Tinoco (2008, p.84) observa que a escolha do informante é determinada pelo objetivo do estudo, por isso a configuração de nossa célula pode abarcar jovens de 14 a 18 anos a fim de constataremos a presença de gírias do sistema prisional e seu possível uso, uma vez que estes informantes participam ativamente das redes de relações do bairro, haja vista a quantidade considerável de jovens.

<sup>36</sup> Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) consideramos jovens pessoas com a idade entre 12 a 18 anos.

por 181 entradas de vocábulos gírios que resultaram em 3.982 ocorrências de dados tabulados.

A investigação da ocorrência de gírias na comunidade do Jardim São Jorge levou-nos a considerar uma faixa etária, como dissemos, mais jovem. A justificativa consistiu, primeiro, na constatação do grande número de adolescentes (entre 12 e 18 anos) que circulavam pelas ruas; segundo, porque observamos que a própria comunidade tem como marca de sua constituição histórica a conquista do espaço como moradia por inúmeras famílias, outrora desabrigadas, que vieram com filhos a tiracolo, criança esta, nos dias atuais, com idade máxima aproximada de 17 anos.

A seleção de faixa etária adulta composta em dois grupos, 19 a 29 anos e 30 a 50 anos, justifica-se pelo fato da constituição do bairro, ou seja, a localidade ter sido assentamento advindo de processo de invasão e ocupação da terra, para posteriormente haver investimento por parte do poder público, levando-nos a considerar que a população que enfrentara as primeiras investidas, compunha-se, majoritariamente, de adultos, entre 20 e 40 anos.

A tabela 2 demonstra claramente como ficaram estabelecidas as células não apenas constando o sexo, como outros fatores de ordem extralinguística:

**Tabela 2** – Célula de informantes

<b>Gênero/Idade</b>	<b>14 a 18 anos</b>	<b>19 a 29 anos</b>	<b>30 a 50 anos</b>	<b>51 a 70 anos</b>
<b>Homem (H)</b>	EF e EM	EF e EM	EF e EM	EF e EM
<b>Mulher (M)</b>	EF e EM	EF e EM	EF e EM	EF e EM

Fonte: Elaboração do autor.

Segundo orientações de Silva-Corvalán (2001, p.51) “Cualquiera que sea el método que el investigador emplee, deberá decidir qué factores extralingüísticos incluirá en el análisis. Los que se han considerado más frecuentemente han sido: edad, sexo, nivel educacional”.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> “Qualquer que seja o método que o investigador empregue, deverá decidir que fatores extralinguísticos incluirá em sua análise. Entre os mais comuns: idade, sexo, escolaridade.” (Tradução livre).

Desse modo, as células foram inicialmente compostas para incluir em cada uma delas os dois gêneros, a escolaridade específica, devendo a partícula e sempre ser analisada como excludente, jamais como alternativa, ensino fundamental (EF) e ensino médio (EM), mais a faixa etária determinada. A primeira célula, portanto, está estruturada com a seguinte condição: H + EF + 14 a 18 anos e H + EM + 14 a 18 anos, e assim por diante; Logo, cada célula corresponde ao mínimo de dois informantes, possibilitando, posteriormente, a comparação de dados diferenciados e cruzados de idade, sexo e escolaridade.

Além disso, todos os moradores selecionados para a entrevista mantiveram residência por, no mínimo, dois anos na localidade. Tempo que acreditamos pertinente para estabelecimento das redes sociais e constituição de laços afetivos no bairro.

Após a análise socioeconômica do bairro, além de dias entre suas ruas, a pé, observando o comportamento dos moradores, comprando o jornal à venda nos bares, circulando pela única linha de ônibus existente, aproximamo-nos neste momento de desconhecidos, possíveis informantes. Notamos, entretanto, que o primeiro contato que oferecia menor impacto, sendo, inclusive, mais seguro, era com os órgãos oficiais responsáveis pelo atendimento daquela comunidade. Neste caso, solicitamos à Secretaria Municipal de Educação permissão de acesso à única Escola Municipal Athanásio Leonel, a qual, no período noturno, mantém o curso de alfabetização de jovens e adultos (Ensino de Jovens e Adultos - EJA), voltados a todos moradores, sem restrição de idade. Assim, concedida permissão e após conversar com a coordenadora e professora responsável pelo EJA, pudemos ter o primeiro acesso, de fato, aos moradores-estudantes do bairro.

Como a Educação de Jovens e Adultos ocorre em período noturno e o bairro Jardim São Jorge ainda oferece alguns riscos a quem vem de fora, os alunos que frequentam o EJA-Noturno são, em sua grande maioria, da localidade. Pensamos que esta seria nossa grande oportunidade, entretanto, a apresentação pela professora-coordenadora da pesquisa e do estudo em andamento, somada à presença do pesquisador, presença esta estranha a todos os alunos, além da natural desconfiança em se encontrarem em situação de monitoramento de fala, gerou algum

desconforto para que eles se dispusessem a participar do estudo.

Por esse motivo, não nos surpreendemos quando apenas quatro alunos tiveram interesse em colaborar com a pesquisa. Fizemos agendamentos das entrevistas em dias diversos, com a coleta/gravação na biblioteca da própria escola, porém estes contribuíram, inicialmente, apenas para testar o questionário, não sendo contabilizadas suas respostas para os dados finais da pesquisa, mas contribuindo significativamente para reformulação do questionário inicial. Ressaltamos, porém, que foram de imenso auxílio, nos momentos seguintes à pesquisa, pelas indicações e contato com a comunidade externa à escola.

#### 4.3.1 Escolaridade

Quanto à escolaridade, conforme os ensinamentos de Kurath (1939-1943), citado por Chambers e Trudgill (1994, p.57-59), dividimos inicialmente os falantes em três categorias e fizemos adaptações, são elas: 1. Pouca educação formal, ensino fundamental/básico; 2. Educação formal mediana/ensino médio regular; 3. Educação superior. Simplificando as orientações e adequando ao nível de escolaridade pela realidade do bairro, determinamos dois grupos principais: Ensino Fundamental (completo ou incompleto) e Ensino Médio (completo ou incompleto); não descartando, porém, a possibilidade de encontrar um informante com graduação, o que não se efetivou até o encerramento da coleta em campo.

Inicialmente, nossa pesquisa contava com o informante de nível superior (cursando ou completo), mas se nossa maior dificuldade foi a de coletar dados e encontrar informantes com escolaridade do ensino regular médio incompleto/completo, fora maior ainda, encontrar sujeito com terceiro grau, cursando ou completo. Estes últimos, portanto, foram descartados devido à ausência de informantes no ensino superior.

Em sua maioria, nossos informantes, ou pararam de estudar no ensino médio, pois apenas 13,6% dos entrevistados têm a escolaridade acima do ensino médio completo, ou pararam de frequentar a escola antes da conclusão do ensino fundamental, uma vez que 63,6% dos entrevistados apresentaram ensino

fundamental incompleto (excluímos aqueles em idade escolar), enquanto que os demais terminaram o ensino fundamental completo.

**Tabela 3** – Relação gênero e escolaridade

<b>Sexo</b>	<b>Nº de informantes</b>	<b>%</b>
<b>Feminino</b>	<b>12</b>	<b>54,5</b>
Fundamental completo	2	9,1
Fundamental incompleto	8	36,4
Médio completo	2	9,1
<b>Masculino</b>	<b>10</b>	<b>45,5</b>
Fundamental incompleto	9	40,9
Médio completo	1	4,5
<b>Total Geral</b>	<b>22</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Elaboração do autor.

#### 4.3.2 Classe Econômica

Quanto à classe econômica não foi possível separar os indivíduos pela profissão, já que em sua maioria são desempregados ou empregados avulsos. Os informantes que trabalham poderiam ser divididos em Classe Trabalhadora Baixa (CTB) e Classe Trabalhadora Média (CTM), mas não baseados nas ocupações ou educação, conforme as orientações de Chambers e Trudgill (1994, p.98-9), e sim em emprego formal e emprego informal, de modo que adotamos o critério do exercício da atividade econômica ou renda contínua para classificá-los como *empregado*; e aos que não percebem remuneração ou declararam ausência de vínculo empregatício como *desempregados*. Desenvolvemos, pois, o conceito de ocupação econômica utilizando os termos antagônicos *empregados* e *desempregados*.

Uma radiografia dos dados ocupacionais de nossos informantes permite-nos explicitar melhor o pretendido acima. Os informantes são compostos por 17 pessoas em idade para o exercício laboral; entretanto, apenas sete informantes estavam em situação de emprego formal, resultando estatisticamente em 31,8% de informantes com ocupação econômica ativa: três deles como trabalhadores autônomos (dois ajudantes de pedreiro, costureira) e quatro deles em situação formal de emprego, i.é, com registro em carteira de trabalho (atendente de telemarketing, cozinheira, gari, atendente de balcão de padaria); e 10 informantes que se

autodeclararam desempregados, não percebendo qualquer tipo de vencimento; além de 5 informantes, um aposentado e 4 adolescentes, menores, com idade entre 14 e 18 anos, resultando na seguinte tabela:

**Tabela 4 – Ocupação laboral**

Situação econômica	Informantes	%
Desempregados	10	45,5
Empregados	7	31,8
Outros	5	22,7
<b>Total Geral</b>	<b>22</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta configuração acarretaria a perda da análise de dados de 22% dos informantes, designados como *outros*, por ficarem fora tanto do grupo que exerce atividade laboral (empregados) quanto aqueles que não a exercem (desempregados).

Segundo o critério que adotamos, de *atividade/ocupação econômica*<sup>38</sup>, incluímos os indivíduos classificados em situação econômica como *outros* ou entre os empregados, ou entre os desempregados. A justificativa consiste, principalmente, no fato de percepção de renda e na existência de programas que permitiriam ao adolescente participar da renda familiar, como o Menor Aprendiz (programa direcionado ao jovem a fim de levá-los ao mercado de trabalho, sem gerar riscos à escolarização). Entretanto, os adolescentes entrevistados dizem que a condição de trabalho do Menor Aprendiz na cidade tem muitas restrições e obrigações, preferindo permanecer em casa, ajudando os pais ou irmãos, logo, em situação de desemprego segundo os nossos critérios.

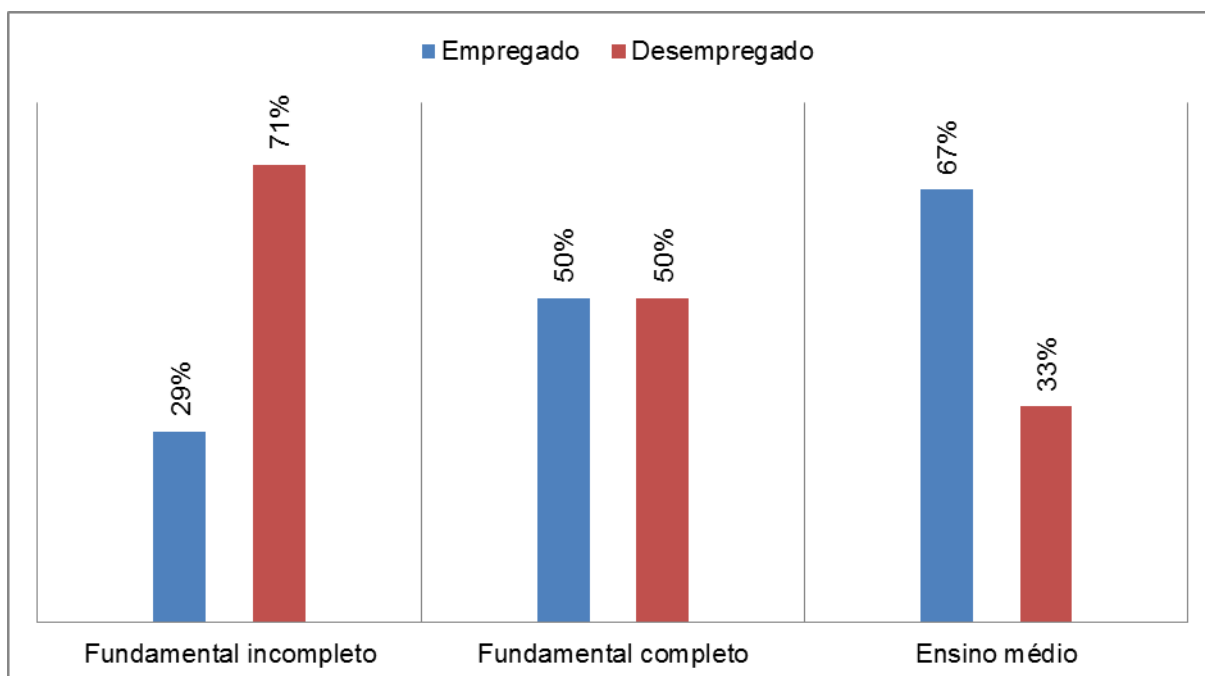
<sup>38</sup> Compreendemos que o termo 'atividade ou ocupação econômica' parecem não ser os mais ajustado, entretanto, os utilizamos com a finalidade de identificar informantes que têm possibilidade econômica para adquirir bens e menores complicações para manutenção do lar, além de maiores trocas linguísticas entre grupos linguísticos distantes daqueles do bairro estudado devido à maior mobilidade.

**Tabela 5 – Atividade econômica**

Situação econômica	Informantes	%
Desempregados	14	64%
Empregados	8	36%
<b>Total Geral</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração do autor.

Procurando conciliar os preceitos metodológicos quanto à classe econômica, a qual se baseia na ocupação profissional ou educação para a mensuração ou estabelecimento deste critério, analisamos a relação entre informantes que exercem atividade laboral formal com o nível educacional, seguindo nossos critérios para a delimitação de classe econômica, entre empregados e escolaridade, e constatamos haver correlação entre os informantes que detêm maior escolaridade e aqueles que estão no exercício de trabalhos formais, como também, informantes com menor escolaridade e sua relação com índices de desemprego.

**Figura 10 – Relação entre escolaridade e atividade econômica**

Fonte: Elaboração do autor.

A comparação entre os dados obtidos referentes à ocupação/atividade econômica e a escolaridade permite observar a estreita relação entre índice de educação formal e empregabilidade. Assim, no contexto do bairro Jardim São Jorge, considerando o exposto na *Figura 10*, quanto maior a escolaridade,

maior o nível de empregabilidade no mercado formal, observando um movimento ascendente destes últimos.

Entendemos, portanto, que existe correlação entre os fatores sociais ora expostos, de modo que a ocupação econômica, subdividida neste trabalho em *empregado* e *desempregado*, pode ser compreendida como fator extralinguístico que interessa ao estudo apresentado.

#### 4.4 QUESTIONÁRIO

O propósito das ciências linguísticas que têm a língua falada como objeto de pesquisa é o de descrever e analisar a língua não abstrata, ou seja, a língua em uso, em sua natureza comunicativa, e propor fundamentos e explicações para a variação e mudanças linguísticas em progresso encontradas. Para tanto, os especialistas desenvolvem uma série de recursos metodológicos, entre estes um roteiro de perguntas, o inquérito, o qual norteia as interpretações, fundamenta a teoria e justifica o paradigma participativo da metodologia.

Esse foi um dos primeiros desafios, como dissemos, com que nos deparamos: estipular o procedimento para coleta consistente dos dados no bairro Jardim São Jorge. A Geolinguística (CARDOSO, 2010), de acordo com a atividade pretendida, ofereceu-nos o procedimento metodológico mais ajustado, pois utiliza o questionário como instrumento para coletar os dados das diversas variantes dentro do sistema de variação na fala situada, possibilitando a análise dos fenômenos linguísticos e extralinguísticos devido às fundamentações teóricas e práticas consolidadas e reconhecidas.

A obtenção dos dados das diversas variantes, padrão ou não padrão, nos permite relacionar, examinar e identificar registros de falas estigmatizadas ou de prestígio, dentro de um recorte temporal, deslocamentos da língua no que se refere à postura conservadora ou inovadora ante os fenômenos linguísticos, e entre estes o vocabulário utilizado como recurso linguístico de grupos fechados, as gírias.

Tarallo (2000, p.21) reconhece que a entrevista, na figura do inquérito

e sua preparação, tem o propósito de minimizar efeitos negativos causados pela presença do inquiridor, estranho ao ambiente e ao contexto do qual se extraem os fenômenos linguísticos. Se de um lado há uma diminuição do impacto causado pelo pesquisador, de outro há um estudo prévio para tornar mais natural a situação comunicativa e ao mesmo tempo garantir um material de boa qualidade para análises futuras.

Chambers e Trudgill (1994) observam que, entre as vantagens do uso de inquéritos para o levantamento dos dados, o questionário “asegura que los resultados de todas las entrevistas realizadas en la encuestas sean comparables”<sup>39</sup> (1994, p. 46), além de permitir que a entrevista possa ser feita por outro pesquisador, embora não seja o caso, pois todas as entrevistas foram feitas pelo próprio pesquisador/entrevistador.

Importa esclarecer que os termos inquiridor/inquérito não têm nenhuma relação aos procedimentos legais ou sentidos pejorativos advindos do senso comum. As denominações embasadas na Geolinguística deslindam “o significado original de inquiridor: aquele que inquire [...], procura informações acerca de; investiga; pesquisa” (AGUILERA; SILVA, 2009, p.322). Desse modo, inquiridor e pesquisador, relativamente, são termos sinônimos, principalmente quando eles convergem na figura da mesma pessoa, enquanto que inquérito e entrevista são complementares devido à interdependência e ao escopo de assuntos abordados. Parece-nos que no inquérito as perguntas são mais restritas, objetivas, preocupadas com um vocábulo ou item lexical específico, enquanto na entrevista a proposta é mais aberta e subjetiva, possibilitando maior amplitude nas respostas. Mas preferimos adotar as duas palavras como sinônimos neste trabalho.

Assim, o instrumento de pesquisa, como o questionário/inquérito, permite o estudo dos fenômenos linguísticos tanto do ponto de vista da dimensão diatópica, observando o espaço e a localização dos diversos falares, quanto da dimensão social, verificando que a língua não pode ser considerada um sistema abstrato por estar em constante movimento e recriar-se de acordo com as situações

---

<sup>39</sup> *Assegura que os resultados de todas as entrevistas realizadas nas entrevistas são comparáveis.* (Tradução livre).

comunicativas devido a uma série de fatores extralinguísticos (sexo, idade, escolaridade, classe econômica).

Consideramos, pois, fundamental a padronização deste instrumento para a coleta e análise dos dados, seja para diminuir as implicações enquanto observador/pesquisador/inquiridor, seja para aperfeiçoar e criar condições mais favoráveis quanto ao tempo despendido nas entrevistas, ou, ainda, obter dados de modo sistematizado que nos permitam compará-los.

Seguimos as recomendações de Mota e Cardoso (2000, p.54), as quais observaram que o Questionário do Atlas Linguístico do Brasil (2001) oferece subsídios para as pesquisas que se utilizam de metodologias fundamentadas na dialetologia pluridimensional, pois ao mesmo tempo em que auxiliam a descrever a realidade linguística em nosso país, contribui, inclusive, com diversos outros campos de pesquisa devido ao imenso volume de dados coletados (MOTA; CARDOSO, 2000).

Cardoso (2010, p.95), ao descrever os tipos de questionário contidos no ALiB, oferece orientação para quem tem o foco na pesquisa da fala em uso, declarando que são a natureza da pesquisa e o objetivo pretendido os condicionantes do tipo de método a ser aplicado, adaptando-se, portanto, à área pesquisada e seus aspectos regionais.

Pensando nas recomendações, a produção de um questionário que tenha por objetivo verificar se a gíria, mais especificamente da linguagem contextual do sistema prisional, é praticada e conhecida por dada comunidade da periferia de Londrina nos levou a utilizar o ALiB para formular um único instrumento, subdividido em dois questionários, um de caráter semasiológico e outro onomasiológico, baseando-nos, para tanto, no glossário coletado por Remenche (2003c) dentro de duas penitenciárias paranaenses.

#### 4.4.1 Construção do Instrumento da Coleta

O ALiB prevê a seleção dos informantes conforme os fatores extralinguísticos faixa etária, sexo e escolaridade, indo ao encontro do estudo da

variação sociolinguística, o que lhe atribui característica pluridimensional. Desse modo, as pertinentes considerações sobre o uso, produção, padronização e reformulação do Atlas Linguístico do Brasil, em associação com outros instrumentos de pesquisa já utilizados dentro do sistema de carceragem paranaense, ofereceram recursos suficientes para a constituição de nosso instrumento de pesquisa.

Essas convenções serviram, inicialmente, de modelo para a formulação dos primeiros questionários aplicado à comunidade do bairro Jardim São Jorge, seguindo: a) uso de reticências (...), significando “como se chama?”, no início das questões, como no exemplo “... o objeto que utilizamos para saber das horas do dia?”; b) sugestão de gestos e atitudes para facilitar a compreensão pelo informante, em *itálico*, posposto à questão: “... objeto utilizado por policiais para imobilizar as mãos? *Aproximar ou estender as mãos como se estivessem algemadas*”; c) sugestões ou outras formulações sobre a mesma questão, caso houvesse incompreensão, entre colchetes: “... o acessório muito usado pelas mulheres para levar pertences? [Objeto de couro, sintético ou tecido no qual a mulher guarda documentos, maquiagem, celular, agenda?]”; d) em caixa alta, seguindo a numeração, adequando para vir primeiro o nome comum depois a gíria que queríamos conhecer/saber: “31. FACABICUDA/LAMPIANA/ ESTOQUE/SPIN”.

Atentamos, inclusive, para o modelo de como as questões foram distribuídas e apresentadas no Questionário do ALiB, sempre em conjunto significativo entre si, gerando expectativa no informante, ao mesmo tempo em que o orientava, preocupando-nos, sobretudo, com o desenvolvimento da entrevista, observando os elementos antecedentes e consequentes de modo a não interferir na postura adotada pelo informante e suas eventuais respostas, auxiliando-o quanto à concentração exigida para o tema muito mais que a própria fala, devido à delimitação em campos semânticos. Segundo orientações de Chambers e Trudgill (1994):

Una vez determinadas las unidades léxicas y las categorías gramaticales que se espera revelen variantes dialectales [sociais], se las agrupa en grupos semánticamente similares con la esperanza de que el informante se centre más en el tema que en la forma de sus respuestas. (1994, p.50).<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> “Uma vez determinadas as unidades léxicas e as categorias gramaticais, as quais se espera revelar as variantes dialetais [sociais], as agrupamos em disposições semanticamente similares com a

Destacamos que o fato de o informante focar no campo semântico e poder concentrar-se de modo mais aprofundado nas questões nos possibilitaria, em hipótese, melhor aproveitamento de tempo e maior praticidade na coleta dos dados. Porém, esta forma de arranjo do questionário concorreu negativamente ao trabalharmos com gírias de um grupo específico e estigmatizado, pois indicações do objetivo central da pesquisa ficavam em destaque, ou seja, o informante ao antever que investigávamos as gírias restritas de um grupo específico e marginal, sentia-se desconfortável, por vezes mudando seu comportamento na entrevista.

A reestruturação do método de coleta, portanto, foi essencial para, como já dissemos, criar um suporte que oferecesse condições ótimas a fim de diminuir o tempo para as entrevistas e fosse menos invasivo. Assim, baseando-nos, também, no instrumento de coleta de Remenche – questionário *subjetivo*, subdividido em 9 campos semânticos: *Objetos/Coisas, Dinheiro, Alimentação, Partes do Corpo, Ações/Atitudes, Pessoas/Características, Lugares/Ambientes* – utilizamos parte dos vocábulos gírios, excluindo completamente o campo lexical *Partes do Corpo* por conter itens lexicais considerados como gíria de uso comum e já estarem dicionarizados. É o caso de *juba* e *perseguida*, os quais significam, respectivamente, cabelo e o órgão sexual feminino<sup>41</sup>.

Acrescentamos os campos *Veículos* e *Crimes*, atentando para que o campo semântico ficasse ao fim da entrevista, de modo a não prejudicar o andamento do inquérito, causando menor desconforto ao informante, pois notamos nas entrevistas de teste que, quando chegávamos a esta etapa do questionário, no primeiro questionário elaborado, o informante tinha indícios suficientes de que pesquisávamos gírias de um grupo restrito.

Por fim, reunimos *Pessoas/Características* com *Ações/Atitudes*, eliminando vocábulos que tivessem relação apenas com o espaço/contexto prisional, para diminuir situações de constrangimento durante a entrevista.

---

esperança de que o informante concentre-se mais no tema do que na forma de suas respostas”. (Tradução livre).

<sup>41</sup> Academia Brasileira de Letras. *Dicionário Escolar de Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. p.759. “Ju.ba” (s.f.) 2. fig. Cabeleira volumosa e despenteada.

Entre os itens considerados fora de contexto e que poderiam constranger o informante, os mais expressivos eram<sup>42</sup>: (07) *bonde*, o carro que transporta preso; (55) *Rita*: colher entalhada/modificada nas paredes, chão ou muros da prisão que serve como faca; (56) *tatu*: buraco ou túnel para a fuga; (58) *Dona Tereza*: a corda feita de lençol usada para escapar; (69) *condena*: tempo de pena a ser cumprido; (70) *cabrito*: carro roubado; (82) *choca*: bebida fermentada feita no presídio; (94) *corridinha*: ato de aspirar cocaína; (96) *dichavar*: ato de desmanchar torrão de maconha.

Além dos exemplos listados acima, os itens lexicais que, de algum modo, poderiam expor o informante a uma situação embaraçosa, seja pelo conhecimento do crime ou conhecimento do criminoso, ou ainda revelar vícios, foram excluídos do Questionário Semasiológico (QS) e do Questionário Onomasiológico (QO), são estes: estuprador: *duque treze*; traficante: *doze*; latrocida: *latrô* (aquele que comete latrocínio); viciado: *dezesseis*; condenado: *ripado*; outros vocábulos referentes à homossexualidade, excluídos para preservar e prevenir polêmicas por parte dos entrevistados: *mariconna*, *menina*, *piá*, *puto*. Excluímos *pé-de-porco*, *porco* e *pé-preto* por criarem certa animosidade com a imagem policial, mas também para não fazer referências que poderiam prejudicar o andamento da entrevista; palavras depreciativas foram retiradas, como forma de evitar gracejos ou mau entendimento, por exemplo, *penosa*: mulher que sai com muitos homens.

Outros vocábulos foram excluídos pela generalização e uso comum: (60) *trampo*: trabalho; (62) *treta*: briga, problema; (93) *bode*: junto ao verbo ser, estar chateado, de mau humor; (97) *enquadrar*: intimar, tirar algum tipo de satisfação; (101) *fita*: transação, negócio, resolver um assunto (junto ao verbo fazer); (103) *geral*: revistar (locução com o verbo fazer); (107) *rangar*: comer; (108) *traçar*: ter/manter relações sexuais, também usado para comer algo; (118) *171 (um-sete-um)*: malandro (valor negativo), aquele em quem não se pode confiar, mentiroso; (129) *gambé*: policial; (140) *maluco*: variante de malandro (valor positivo), saudação. Ao todo foram retirados cerca de 30 vocábulos do questionário subjetivo da pesquisadora.

---

<sup>42</sup> Os números referem-se ao questionário subjetivo de Remenche, incluído no anexo de sua dissertação de mestrado. Compreendemos que estes itens lexicais poderiam constranger o informante, pois poderia revelar a relação íntima deste com o crime ou a proximidade com o ambiente criminoso.

A constituição de um instrumento de pesquisa com base em outros, elaborados com uma finalidade específica, obriga o pesquisador não apenas à padronização, seguindo metodologia adequada à área, mas implica uma série de mudanças, inclusive de ponto de vista. Recordamos, portanto, que em nosso instrumento de coleta a intenção é verificar e descrever a ocorrência da presença ou ausência da gíria, devido à incerteza do mesmo fato linguístico em uma comunidade que apenas ideologicamente recria as mesmas situações das prisões.

#### 4.4.2 Questionário Onomasiológico (QO)

Como dissemos, para a obtenção da denominação da palavra, do conceito e verificar o conhecimento ou não de determinados vocábulos, serviu de exemplo o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB para a constituição de nosso Questionário, subdividido em Questionário Onomasiológico (QO) e o Questionário Semasiológico (QS).

O questionário onomasiológico, que pretende, pelo conceito geral obter o vocábulo gírio, procurou recolher os itens lexicais específicos do sistema prisional, de modo que ao inquirirmos o informante, por exemplo, sobre o objeto usado para cortar os alimentos ou descasca-los (questão 31 do QO), esperávamos as seguintes respostas: *bicuda*, *lampiana*, *estoque*, *espin*, que são gírias utilizadas para *faca*.<sup>43</sup>

Fizemos uso de 10 questões-modelos proveniente do ALiB. Assim, empregamos e reformulamos, do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (com 202 perguntas, abrangendo 14 áreas semânticas), 7 questões, pois estas correspondiam ao mesmo item lexical por nós pesquisado: os vocábulos *pessoa sovina* (p.32), do campo semântico Convívio e Comportamento Social; *vaso sanitário* e *isqueiro* (p.35), do campo semântico Habitação; *pão francês* (p.36), do campo lexical Alimentação e Cozinha; *Cueca* (p.37), do campo semântico de Vestuários e

---

<sup>43</sup> Todas as gírias foram, pelo uso de dois modelos de questionário, investigadas. Assim, durante a aplicação do questionário semasiológico, o qual serviu também como instrumento de verificação, solicitávamos ao entrevistado conceitos de palavras contidas no questionário onomasiológico, p.e., de *espin*, *estoque*, *lampiana*, *bicuda*, notando tanto o conhecimento da gíria quanto da significação de cada vocábulo.

Acessórios; *ônibus* (p.38), do campo semântico Vida Urbana. Por último, do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), apenas três itens lexicais: *televisão* (p.7), *sal* e *colher* (p.9).

As perguntas para *cueca* e *ônibus* exemplificam a reformulação e o resultado das questões:

Do ALiB:

(QSL) 189. CUECA

... roupa que o homem usa debaixo da calça?

Do Questionário Onomasiológico:

(QO) 22. CUECA/CORUJA<sup>44</sup>

... o que o homem usa debaixo da calça?<sup>45</sup> [...peça íntima do homem?]

Seguindo exemplo, observe a ausência da palavra “roupa”, esta reformulação/adequação foi necessária devido ao termo da questão seguinte de nosso questionário ser este: (QO) 23. ROUPA/ NOS PANO/PANO. Caso contrário, invalidaríamos uma das perguntas ao dizer o vocábulo “roupa”, ao influenciar a resposta do informante. Outros exemplos de consideração do contexto:

Do ALiB:

(QSL) 200. ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

Do Questionário Semasiológico:

(QO) 44. ÔNIBUS/CONDUÇÃO/BAU<sup>46</sup>

... o veículo que transporta até quarenta passageiros sentados e, no máximo, quarenta em pé, passando sempre em horário regular?

<sup>44</sup> Além desse item, “freio de camburão” foi declarado em duas respostas de entrevistados.

<sup>45</sup> Deixamos as questões o mais próximo possível da fala coloquial.

<sup>46</sup> “Jardineira” foi um item registrado relacionado ao mesmo tipo de transporte em duas entrevistas. Além disso “busão/busos” foram itens lexicais citados, comuns entre os informantes.

O “ônibus” na zona urbana é o transporte mais utilizado para o deslocamento ao trabalho e estudo durante a semana. Assim, optamos “veículo” como sinônimo de “condução” para deixar, principalmente para quem mora na região estudada, a questão mais próxima da fala coloquial. Um dos primeiros passos para a formulação e reformulação das questões residiu no cuidado e preocupação em deixar menos artificial (menos distante da fala coloquial) possível a questão quando escrita, e também a seleção de vocabulário o mais próximo da realidade da zona urbana pesquisada.

#### 4.4.3 Questionário Semasiológico (QS)

O Questionário Semasiológico (QS), mais direto, indo do signo restrito para a tentativa de verificar o conceito conhecido pelo informante, i. é, da gíria ao conceito desta, procura verificar o conhecimento do falante sobre o vocábulo além de servir como instrumento de verificação, no caso de desconhecer ou não compreender alguma das questões do Questionário Onomasiológico (QO).

Queremos deixar claro que os questionários nos serviram como roteiro para as gírias pesquisadas, mas o utilizávamos de modo flexível, ora calculando as respostas do informante com base na descrição do objeto obtendo o significante (onomasiologia), ora oferecendo o significante e obtendo a descrição do objeto (semasiologia).

Nos primeiros testes, para ajustes do questionário (aplicado em quatro informantes), constatamos a dificuldade em incluir e formular questões para vocábulos e expressões na modalidade do QO, e que, embora hipoteticamente fossem ainda utilizadas, em uma situação formal não apareceriam, por isso foram adequadas para a modalidade do QS; são os casos de: “*bater caroço*”: jogar futebol; “*caçar um rato*”: tentar conseguir dinheiro “picado”, de baixo montante; “*dar um guento*”: furtar; “*ficar nobre*”: sob o efeito de drogas, p.e.

Muitos outros vocábulos e expressões careceram de reformulações para resguardar tanto ao informante quanto à concretização e finalização do

questionário. Em campos semânticos, as questões que mais careceram de atenção para elaboração foram: “expressões genéricas”, pela complexidade das locuções e sintagmas; “dinheiro”, tendo signos diferenciados para cada valor; e “drogas”, pela preservação da face e desconfiança. Observamos este comportamento nas entrevistas iniciais, pois os entrevistados desviavam do assunto ou se negavam a responder.

Por fim, concluímos o trabalho elaborando frases descontextualizadas, distanciando significação do ambiente de criação, para não influenciar as coletas e enviesar a pesquisa, resultando em:

Do questionário Semasiológico:

(QS) 68. CONSEGUIR DINHEIRO/CAÇAR UM RATO

Saí cedo para \_\_\_\_\_. (*caça um rato*)

(QS) 73. FURTAR/DAR UM GUENTO

Ele \_\_\_\_\_ no cinema. (*deu um guento*)

O resultado do Questionário Semasiológico (QS), quando não vai diretamente à denominação esperada por nós, leva o interlocutor/informante a pensar vocábulos que se aproximem da gíria ou expressão pretendida, contribuindo com nossa pesquisa por atualizar nossos dados, pois, caso não reconheça o item, pode-se depreender que não há mais utilização do vocábulo, ou que este nunca ultrapassou os limites de seu contexto, passando-se para a próxima questão sem prejuízo de tempo ou perda do foco do inquirido.

(QS) 83. FAVOR/ PEDRA

Você está me devendo uma \_\_\_\_\_. (*pedra*)<sup>47</sup>

Observamos, inclusive, que podemos obter a resignificação do vocábulo. No exemplo acima, a questão: “*Você está me devendo uma pedra*” leva o

<sup>47</sup> Observe que há uma mudança de gênero na gíria em questão.

interlocutor para duas possibilidades interpretativa/responsiva:<sup>48</sup> a) o informante reconhece *pedra*, atualmente compreendido na *gíria comum* como a droga *crack* e não aponta outros usos da palavra; b) o informante reconhece o uso restrito da palavra *pedra* e aponta para o uso de *favor*, além de dizer que hoje é usado também para a droga *crack*.

Usamos o método de construção onomasiológico, que, embora não traga de imediato uma gama de vocábulos vinculados a um conceito, como é o caso do QS, pelo menos permitiu verificar a ocorrência ou distinção do fato linguístico pelos falantes da comunidade estudada. A funcionalidade do Questionário Semasiológico é valorada também, como dissemos, por sua natureza de verificação, reconhecimento e objetividade.

Por fim, os dois questionários resultaram em questões apresentadas em um conjunto semântico significativo entre si, 112 questões, sendo 66 questões do Questionário Onomasiológico e 46 questões do Questionário Semasiológico, exclusivamente versando sobre a gíria do sistema prisional.

#### 4.5 POSTURA DOS INFORMANTES

É necessário retomar algumas questões sobre a formulação ou reformulação do questionário, sendo esta reformulação fruto da observação das entrevistas pré-testes, quanto a evento ocorrido com dois entrevistados/informantes<sup>49</sup>.

Destacamos acima a separação por campo semântico do questionário como forte orientador das respostas dos entrevistados. Ao falarmos que é possível entrever o objetivo da pesquisa pelo questionário, temos que relatar que em nossas entrevistas *iniciais*, ao perceberem que se tratava de um signo de grupo bastante restrito, pudemos identificar *não apenas* a surpresa ou ironia dos informantes, seguida de exclamações, por exemplo: “*Ah, você quer saber das fala, sobre as conversa dos*

---

<sup>48</sup> De ação e participação.

<sup>49</sup> As entrevistas iniciais ocorreram na Escola Municipal Athanásio Leonel, após a primeira aula (7h50), de modo que não atrapalhasse as aulas, já que ficariam cientes das recomendações da professora quanto ao conteúdo da matéria do dia; tivemos intervalo de quinze minutos depois das 8h30 e retomamos a entrevista em seguida.

*mano* – *essa daí não conheço não!*” (PT-I3)<sup>50</sup>, mas valorações estigmatizadas quanto àquela linguagem específica.

Desse modo, os fatores extralinguísticos convergem em relações identitárias e desnudam o distanciamento entre grupos sociais: “*as conversa dos mano*”, ou seja, *as deles*, de outro grupo que não ao que pertencia a informante PT-I3, deixando evidente o reconhecimento de fala especial e também da observação de ocorrências desse tipo de fala situada, seja pelos meios de comunicação, seja pela ocorrência no local estudado.

Quando não eram seguidas de expressões verbais, evidenciavam a descoberta da pesquisa linguística em expressões faciais. Foi possível verificar *dois* comportamentos linguísticos: o primeiro era o de afirmação da identidade linguística, evidenciada quando o informante gradualmente passava a utilizar mais vocábulos e expressões gírias, acompanhado de relaxamento da postura, cabeça voltada levemente para trás, braços não entrecruzados, sobrepostos às coxas ou por cima da mesa, olhar mais atento, sem tensão aparente nos ombros e pernas.

Neste caso, a postura e a linguagem acompanhavam o informante e quando este compreendia o teor do trabalho tornava-se mais senhor de suas palavras e mais confiante, denotava mais conhecimento, menos apatia à entrevista e mais curiosidade<sup>51</sup> quanto aos próximos termos e trabalho da pesquisa, incluindo geralmente breve conversa no final da entrevista. Nessas conversas demonstravam a surpresa de que na universidade também se estuda gíria. Assim, a velocidade na fala e participação também se tornavam mais acentuadas e pitorescas, mais envolventes.

A segunda postura era completamente antagônica, como os PT-I3 e PT-I4, que abandonaram a entrevista no meio do inquérito, recusando-se a continuar após breve intervalo e conversa com os companheiros. Duas situações idênticas: o movimento corporal tornava-se mais inquieto, arredio; os olhos vagavam pela sala ao

---

<sup>50</sup> Pré-teste informante 3 (PT-I3) – mulher, idosa, ensino fundamental I. Em ‘anotação livre’ do entrevistador: a mesma informante, após o retorno do intervalo, recusou-se a continuar a entrevista.

<sup>51</sup> Três informantes tiveram o mesmo tipo de comportamento linguístico, seguido do relaxamento corpóreo, ao perceberem que não se tratava de responder certo ou errado, mas da língua em uso.

responderem alguma questão, reprovando o conhecimento da palavra ou declarando desconhecimento antes de completada a questão, tornando o discurso cada vez menos natural, monitorando a fala e aumentando as hipercorreções. A gíria questionada era motivo de avaliação negativa, frisavam que não a utilizavam, mas já tinham escutado o vocábulo, sem, contudo, falar mais a respeito.

Assim, organizar o questionário em grupos semânticos pode geralmente favorecer o pesquisador, tornando o contexto de questões mais dinâmico e eficiente em ações de pergunta e resposta. Mas em nossa pesquisa, que trabalha especificamente com a fala em uso, contendo aspectos particulares de gírias de grupo restrito, estigmatizada por alguns informantes, sobretudo idosos, foi imprescindível delicadeza, sutileza e preparação para minimizar os impactos, também, do paradoxo do observador.

Ao desistirem das entrevistas, os informantes PT-I3 e PT-I4, por perceberem que investigávamos a gíria do sistema prisional, declarando alguma aversão a este tipo de vocabulário, demonstraram, como dissemos, pela negativa e ímpeto, o conhecimento de que este vocabulário é praticado por determinado grupo e há existência da gíria no meio em que vivem. Salientamos que os dois são religiosos, frequentadores da mesma “assembleia”, comungando dos mesmos valores e com idades bastante próximas. Ambos pertenciam à mesma célula: homem/mulher, 50 a 70 anos, primeiro grau incompleto. Supomos que, durante a pausa de quinze minutos do intervalo escolar, os dois possam ter conversado com os amigos, e além do motivo destacado, os influenciaram na continuidade da entrevista.

O informante PT-I4, nos primeiros momentos do inquérito, demonstrava conhecimento de alguns vocábulos, mas diminuiu o ritmo da entrevista consideravelmente quando passamos do campo semântico “crimes” (QO), para o campo semântico “expressões genéricas”, “drogas”, (QS). Isso significa que as questões contidas nos questionários (QO) já orientavam as informações que pretendíamos obter, mas com menor impacto e direcionamento na linguagem, enquanto que quando chegávamos ao (QS), de respostas mais precisas e com questões mais diretas, o informante imediatamente demonstrava seus valores, colaborando ou esquivando-se, por meio de sua postura de linguagem oral e gestual.

#### 4.6 ENTREVISTA

Após as entrevistas-teste, momento no qual foi possível refletir sobre nossa postura como entrevistador, enumeramos considerações indispensáveis, tais como: observações quanto ao primeiro contato e aos comentários prévios, antes mesmo das entrevistas, pois, ao ficarem atentos ao que dizíamos, por ventura, seria possível influenciar o informante em suas respostas; avaliação de nossas expressões diante de seus hábitos e costumes, não demonstrando qualquer animosidade, por exemplo, em entrevistá-los na rua, calçada, em frente às casas; e apreciação quanto ao estado emocional do entrevistado (ansioso, nervoso, alegre, chateado, assustado, deprimido, tranquilo), flexibilizando a velocidade entre pergunta e resposta, por exemplo.

As entrevistas ocorreram pessoalmente, face a face. Os entrevistados responderam a ficha contendo iniciais, data de nascimento, escolaridade, entre outras, partindo-se do modelo da Ficha do Informante contido no Questionário do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), incluindo também a autorização expressa na gravação para o inquérito. Sampieri et al. (2007, p.176) recomenda este modo de aproximação do informante é mais conveniente, chamando estas questões de *perguntas demográficas* (abrangendo estado civil, sexo, idade, ocupação profissional, nível de escolaridade, religião, etc.), pois permite diminuir os embaraços costumeiros de pesquisas participativas, tranquilizando os interlocutores e acostumando-os ao ambiente linguístico monitorado, propiciando, por isso, maior concentração do informante às questões posteriores, mais específicas e fundamentais ao nosso trabalho. Estes dados nos auxiliaram a considerar o perfil do informante e o arranjo das células.

Para cada informante foram feitas perguntas indiretas (QO), que demandaram mais tempo, pois suscitam mais de uma resposta, e perguntas diretas (QS), mais objetivas. Não seguimos sempre a ordem crescente das questões, ora retornando a alguma questão não respondida, ora para confirmar a resposta, estendendo o tempo de reação do informante. Estas medidas nos permitiram verificar o conhecimento atualizado do vocábulo ou expressão gíria, além de contribuir como teste de verificação, não desperdiçando resultados importantes.

Diante das recomendações de Denzin e Lincoln (2006), não houve problemas em administrar características de pesquisas qualitativas e quantitativas, uma vez que o trabalho é em campo, de cunho etnográfico, com intenções que escapam à mera descrição dos eventos linguísticos.

Amparado pela Geolinguística e pela pesquisa variacionista da linguagem foi possível observar a confluência de elementos que perpassam pelo processo quantitativo dos questionários e aproximam-se dos recursos interpretativistas, quando orientados pela visão estendida da necessária voz dos pertencentes à comunidade alvo.

#### 4.6.1 Circunstantes

O bairro Jardim São Jorge tem como moradores uma parcela bastante pobre da população londrinense, com baixa escolaridade e em sua maioria trabalhadores do setor de serviços, não estando, pois, habituados com pesquisas ou pesquisadores, mesmo tendo a Universidade Estadual de Londrina (UEL) bastante relevância na cidade. Muitos desconhecem as práticas ou trabalhos de cunho acadêmico. Por isso, a recepção por parte do entrevistado era sempre de cautela. Assim, muitas das entrevistas foram feitas, como dissemos, diante das residências, nas calçadas, ou nos quintais, acompanhados sempre de algum parente ou amigo, durando aproximadamente uma hora e meia.

Entre os problemas, além do desconforto, o maior era o de manter o interesse do entrevistado na continuidade da pesquisa. Por isso, quando havia algum desânimo, tínhamos que conversar sobre outros assuntos, tais como a situação do bairro, família, estudo. Entre os entrevistados, muitos confundiram-me como pertencente ao Centro Regional de Assistência Social (CRAS), muito embora não fosse apresentada documentação vinculando-me a este, apenas a carteira de identificação da universidade e alguns motivos da pesquisa quando havia interesse.

Situações como barulhos de animais, choro de crianças, automóveis circulando, visitas de pessoas curiosas, pausas para refeição, e muitas outras, eram

comuns, obrigando um condicionamento e paciência por parte do entrevistador para a continuidade e qualidade da entrevista. Apesar destas questões, as quais entendemos como naturais pelo inusitado, pelo desconhecimento de pesquisas em campo, pela dinâmica do próprio bairro, as gravações não sofreram prejuízos quanto ao teor das respostas, em geral.

#### 4.6.2 Gravação

Naturalmente, a entrevista gravada tem alguns problemas, carecendo da sensibilidade do entrevistador para reduzir a aflição ou desconforto causado em uma situação de fala que pode ser considerada artificial, uma vez que não é costume gravarmos conversação (SILVA-CORVALÁN, 2001, p.55). Optamos, pois, pelo celular, pela praticidade e pelo menor desconforto provocado no informante, já que muitos estão acostumados com estes dispositivos. O telefone celular<sup>52</sup> ficou localizado sempre o mais próximo possível do informante e, apesar das contingências e circunstâncias, como barulho de automóveis, animais e ruídos de crianças, os dados foram tabulados, para em seguida elaborarmos as estatísticas, cruzarmos os dados e gerarmos os gráficos.

Cada entrevista foi gravada no mesmo aparelho celular, o qual contava com software específico para gravação de áudio de voz em formato WMA<sup>53</sup> (Windows Media Áudio) devido, principalmente, à compatibilidade deste com os players de áudio de computadores com sistema operacional Windows. O aplicativo utilizado na gravação, denominado de Easy Voice Recorder (em sua versão paga), é executável em aparelhos com sistema operacional Android, a partir da versão 4.0, oferecendo ótimo recurso para a captação de voz.

Antes da gravação, por questão metodológica, informávamos aos participantes que estávamos registrando a história, os acontecimentos do bairro, além

---

<sup>52</sup> Smartphone Galaxy Note, com sistema operacional Android 4.0, da empresa Samsung.

<sup>53</sup> Após os pré-testes, efetuados em participantes na Escola do bairro, percebemos que o formato de áudio que estávamos utilizando gerava alguns problemas de compatibilidade com o software Audacity, usado para tabularmos os dados, por isso mudamos o formato da gravação de MPEG-4 Parte 14, com a extensão .mp4 para o WMA.

de alguns hábitos linguísticos da comunidade, da fala espontânea,<sup>54</sup> de modo que combinávamos os encontros não apenas com o entrevistado, mas com quem nos tinha apresentado a este também. Alguns, entretanto, como dissemos, achavam que éramos do Centro Regional de Assistência Social (CRAS) e a entrevista seguia um curso diverso devido às reclamações quanto à infraestrutura, ausência dos programas sociais e de políticas públicas, o que fazia com que nos detivéssemos mais nestas questões visando aos resultados mais naturais.

#### 4.7 FORMAÇÃO DO *CORPUS*

Para Fernández (2012, p.310), o método empregado na pesquisa sociolinguística visando à composição do *corpus* deve perpassar por três princípios gerais: quantificação, responsabilidade e representatividade. O primeiro determina que, para estabelecer relações entre variáveis linguísticas e variáveis sociais, o pesquisador precisa quantificar o fenômeno estudado; o segundo princípio estabelece que tanto os dados de registro da presença de uma variante quanto aqueles que demonstram sua ausência devem, ambos, ser compilados. Por fim, o princípio da representatividade assevera que a amostra deve evidenciar as características de fala do grupo social estudado ou da comunidade.

Seguindo estes princípios, consideramos:

- a) As questões aplicadas aos informantes e a quantidade de dados necessários para validar a pesquisa;
- b) O método menos invasivo e mais produtivo, por meio dos questionários QO e QS, no sentido de cotejo das gírias conhecidas e/ou praticadas pelos integrantes da comunidade do Jardim São Jorge;
- c) Os experimentos e procedimentos para transformar as amostras em dados comparativos para a produção de tabelas ou gráficos.

---

<sup>54</sup> Baseamos este procedimento em Silva-Corvalán (2001, p.51), a qual atribui ao pesquisador/investigador a modalização da entrevista, sendo, portanto, o resultado dependente de sua habilidade para propiciar uma atmosfera amena, cômoda e cordial, a fim de gerar resultados mais espontâneos e aproximados da fala não monitorada.

Avaliamos o material final, composto de amostras de 22 informantes, com um questionário composto por 112 questões, mas que pela atualização dos vocábulos permitida pelas entrevistas, chegamos ao resultado de 2.464 respostas, que resultaram em duas tabelas principais devido a: 1) O acervo de 4.136 ocorrências, uma vez que muitas questões apresentam mais de uma entrada vocabular, sendo incluídos os dados extralinguísticos; e 2) 3.982 ocorrências, com entradas de dados apenas de vocábulos gírios restritos aos questionários aplicados, os quais foram compilados, acuradamente, e depois passaram por processo de revisão e comparação das tabelas.

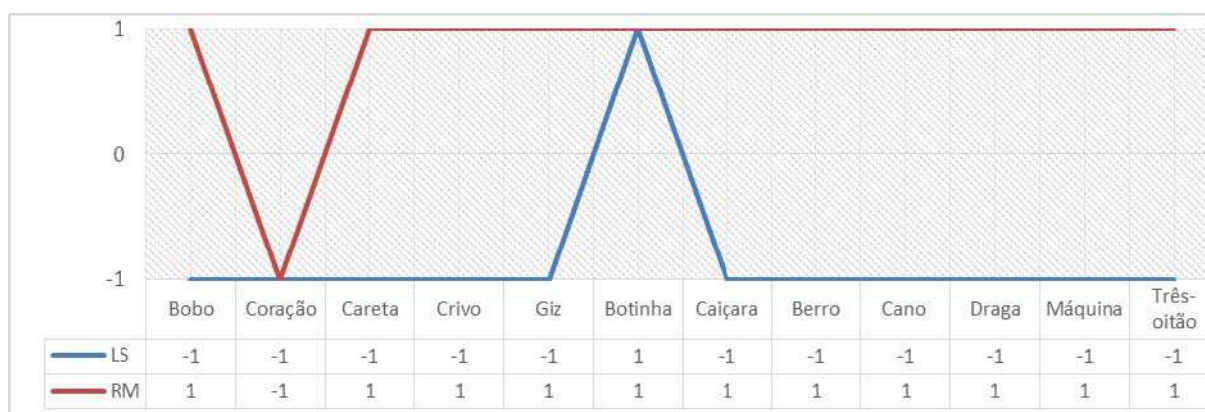
Para chegar aos números descritos acima, fizemos uma série de experimentos no software Excel 2013, da Microsoft, e também no software OriginPro8, da empresa OriginLab, ambos utilizados para processar dados, cada qual com suas peculiaridades. Encontrando resultados aproximados diante das mesmas experiências efetuadas nos dois softwares, optamos pelo Excel 2013, simplesmente por uma questão de praticidade, já que o software da Microsoft é mais intuitivo e de fácil aprendizado quando precisamos nos aprofundar nas ferramentas de comparação e filtro.

Pensamos em computar os dados de modo binário, atribuindo valor [1] para respostas positivas, quando o informante denotava conhecimento ou uso do item pesquisado, e valor [0] para o desconhecimento, mas este método, binário, implicaria ausência de uma questão que nos interessa: como verificar a estabilidade do vocábulo gírio? Em outras palavras, entendemos que seria relevante observar com base nos dados obtidos a prevalência de algumas ocorrências e o comportamento linguístico tendendo ao valor médio, ou seja, tendendo ao valor de estabilidade que nos sugerisse, diante do cruzamento das variáveis, forças sociais aplicadas aos vocábulos gírios visando a sua presença/continuidade ou extinção/descontinuidade.

Optamos, pois, pelos valores [+1] e [-1] para constatação da possível estabilidade. Esta metodologia não desconstrói os princípios orientadores de Fernández (2012), e sim garante a quantificação, a responsabilidade e a representatividade das amostras, ora demonstrando a ocorrência [+1], ora demonstrando sua ausência [-1].

Como exemplo, podemos observar o resultado desse procedimento graficamente, com dados obtidos de dois informantes, verificando as gírias específicas para relógio (bobo/coração); cigarro (crivo, giz, botinha, caiçara) e arma de fogo (berro, cano, draga, máquina, três-oitão): IRM, homem, 18 a 29 anos, ensino fundamental incompleto e ILS, mulher, 18 a 29 anos, ensino fundamental incompleto.

**Figura 11** - Exemplo de gráfico com base na tabulação dos dados



Fonte: Elaboração do autor.

A Figura 11 mostra que, para cada entrada de vocábulo gírio, teremos um valor advindo dos informantes, ao qual damos o nome de ocorrência. Fica evidente o desconhecimento dos itens lexicais pela informante LS, exceto a ocorrência de *botinha*, com valor positivo, como sinônimo gírio de cigarro; de modo inverso, o informante RM reconhece todos os vocábulos, exceto *coração* como gíria de relógio. Não pretendemos antecipar a análise dos dados, apenas demonstrar o procedimento para a produção de material para a etapa posterior, a de análise.

Investimos também em outra questão, como computar os dados de modo a possibilitar a análise individual dos informantes, dos vocábulos, das variáveis extralinguísticas e do cruzamento desses materiais? Ou seja, como elaborar um plano de análise dos fatores extralinguísticos e suas minúcias, quando nosso objeto de análise é o léxico restrito utilizado por sujeitos diversos de onde o vocábulo circula?

Para que fosse possível reunir todos os dados sem perder alguns dos fatores, produzimos uma série de bases de dados diferentes, invertendo os eixos de análise e as prioridades conforme o enfoque. Assim, elaboramos uma base voltada à análise individual, ou seja, da apropriação e conhecimento dos itens lexicais

particularmente para cada informante, conforme expomos na Tabela 5, que nos serviu, principalmente para a composição da média de conhecimento dos vocábulos gírios auxiliando no arranjo de outra tabela, voltada para os fatores extralinguísticos, estabelecendo filtros que compreendiam: informante, idade, profissão, gênero, escolaridade, estado civil; uma tabela, pois, contendo organização de dados que nos oferecia possibilidade de trabalhar com os vocábulos de forma individual, com o objetivo de verificar a maior ou menor ocorrência, fundamental para a análise em campos semânticos das recorrências; e, finalmente, o aglomerado de diversos dados pelo critério de uso, critério este baseado em todas as palavras que tiveram resultado percentual maior e diferente de 50%, conforme os fatores sociais analisados. A compilação, portanto, constitui-se de inúmeras tabelas principais, que se subdividiram conforme o objetivo demonstrativo da análise.

**Tabela 6** – Amostra de uso individual dos itens lexicais

Vocábulos e expressões <sup>55</sup>	RM - EFI - 18 a 30 anos	LS - EFI -18 a 30 anos
	Homem	Mulher
	Conhecimento	Conhecimento
1.1 BOBO	1	-1
1.2 CORAÇÃO	-1	-1
2.1 CARETA	1	-1
2.2 CRIVO	-1	-1
2.3 GIZ	-1	-1
2.4 BOTINHA	1	1
2.5 CAIÇARA	1	-1
3.1 BERRO	1	-1
3.2 CANO	1	1
3.3 DRAGA	1	-1
3.4 MÁQUINA	1	-1
3.5 TRÊS-OITÃO	1	1
...	...	...

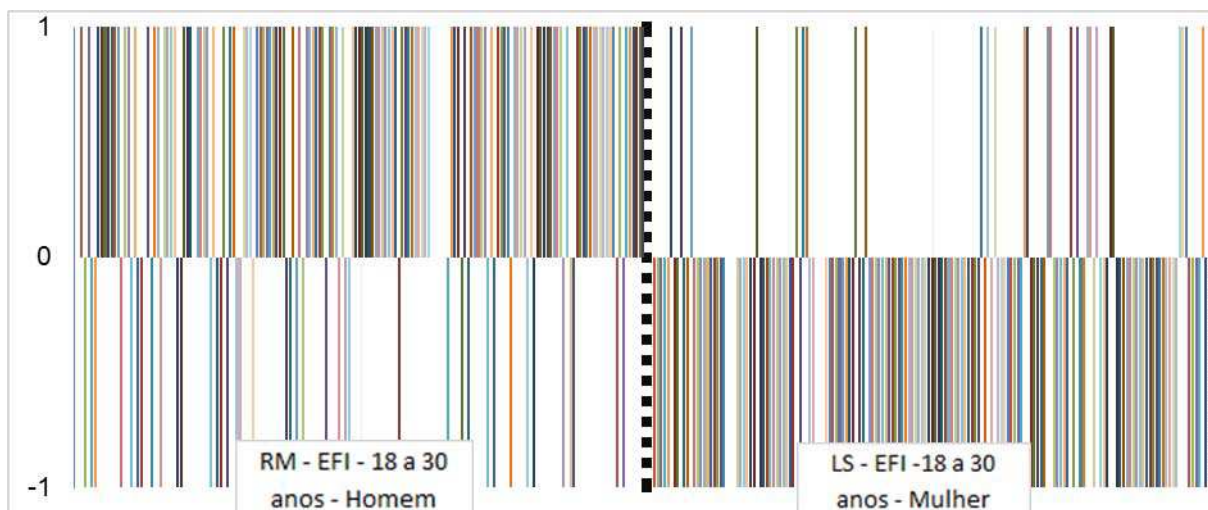
Fonte: Elaboração do autor.

A tabela 6 permitiu-nos elaborar gráfico específico, ao qual atribuímos o caráter de *espectro do conhecimento da gíria pelo informante*, resultando em dados *individualizados* e passíveis de comparação entre os componentes das células. Em outras palavras, viabilizamos, graficamente, mecanismo que nos ofereceu recurso para a verificação independente por vocábulo e também por indivíduo, permitindo analisar qualitativamente o conhecimento de vocábulos gírios. Entretanto,

<sup>55</sup> Os vocábulos gírios significam: (1) Relógio; (2) Cigarro; (3) Arma de fogo, respectivamente; para verificar o significado de todas as entradas, consulte os questionários no anexo 1 desta pesquisa.

ressaltamos que nos serviu apenas para direcionar a análise, uma vez que o objetivo consiste mais em apresentar os dados quantitativos, partindo destes para a explicitação dos motivos de conhecimento ou adoção da gíria pelos informantes ou moradores.

**Figura 12** – Espectro de reconhecimento de gírias de dois informantes<sup>56</sup>



Fonte: Elaboração do autor.

Caso o intuito fosse o da análise qualitativa por vocábulo em relação ao uso/reconhecimento por informante, a disposição gráfica (Figura 12) possibilitaria a análise de todos os vocábulos gírios, dispostos massivamente em linha reta, sendo cada ocorrência correspondente a um único ponto/barra no eixo de valor [0], representado pela linha acima [+1] (usa/reconhece o vocábulo gírio) ou abaixo [-1] (não usa/desconhece o vocábulo gírio). De modo mais abrangente, podemos comparar e analisar o conhecimento das gírias de cada informante, ou mesmo, pela combinação das amostras, de grupo estratificado específico. Revelamos, neste caso demonstrado (Cf. Figura 12 e Tabela 7), que o informante RM reconhece 124 itens lexicais, ou seja, 72% do vocabulário pesquisado; enquanto LS identifica 28 vocábulos, apenas, e inversamente, 80% de respostas negativas quanto ao conhecimento das gírias pesquisadas. O gráfico torna interessante a observação, inclusive de forma visual, pelo contraste de ocorrências, mas não permite a análise estatística por fatores estratificados do conjunto de critérios adotados.

<sup>56</sup> A linha preta tracejada demonstra o quadro comparativo de cada informante, segundo os mesmos conjuntos de vocábulos gírios pesquisados.

**Tabela 7** – Exemplo descritivo de gírias reconhecidas pelos informantes

	<b>Conhece (S)</b>	<b>%</b>	<b>Desconhece (N)</b>	<b>%</b>	<b>Não respondidas</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>RM</b>	124	72	40	23	7	4	171	100
<b>LS</b>	28	16	137	80	6	3,5	171	100

**Fonte:** Banco de dados do autor

Este procedimento, portanto, permite verificar o reconhecimento ou desconhecimento das gírias, de forma massiva, para a análise individual de cada vocábulo, sua ocorrência (maior ou menor), pois quanto maior resultado positivo [+1] entre as amostras, maior expectativa e probabilidade de continuidade e manutenção do uso da gíria pelo informante pesquisado, enquanto que valores negativos demonstram a ausência de ocorrências, significando extinção do vocábulo gírio, ou mesmo, sobre a ausência de condições de existência em meio externo, ou seja, fora do sistema prisional.

Para a combinação entre diversos fatores, como sexo, escolaridade, idade e situação econômica a fórmula de soma (ou de análise por espectro e individual, como ficou demonstrado acima) entre os vocábulos gírios não seria adequada e traria resultados incoerentes. Observe que, ao utilizarmos a fórmula de soma, tivemos o cuidado de apenas construir um exemplo gráfico para cada informante, excluindo os demais fatores.

Dessa maneira, o eixo das ordenadas (eixo de y), que neste trabalho é o eixo que representa tanto o reconhecimento (correspondente ao valor positivo [+1]) quanto o desconhecimento do informante (representado pelo valor negativo [-1]), diante do cruzamento com o eixo das abscissas (eixo de x), o qual faz referência a uma gíria determinada e individualizada em cada ponto contínuo.

O principal problema consistiu, justamente, na individualização de cada entrada de vocábulo e o tratamento particular para cada um deles. Nos experimentos iniciais obtivemos resultados viesados devido à ausência deste procedimento, que foi sanado na medida em que nos debruçávamos com mais profundidade sobre as fórmulas estatísticas.

Assim, para cada grupo de fator extralinguístico, utilizamos fórmulas

de contagem individual para cada ocorrência positiva e negativa, basicamente, fórmulas do Excel conhecidas por *conte.ses* ou *conte.se*, presentes em ambos os softwares de estatísticas destacados acima; em seguida, retiramos as respectivas porcentagens. Esse recurso garantiu a integridade dos dados e nos auxiliou na verificação da probabilidade de continuidade do uso dos vocábulos pelos grupos de fatores extralinguísticos elencados.

Pela necessidade de adotar um critério para o possível uso das gírias pesquisadas, estipulamos, nas análises, que todas as tabelas e figuras deveriam apresentar, tão-somente, informações de gírias obtidas com valores *maiores e diferentes de cinquenta por cento*, por representar ponto mediano entre conhecimento e desconhecimento, nas estatísticas. Deste modo, quanto maior o conhecimento de uma gíria diante dos fatores sociais, maior a possibilidade de os vocábulos servirem como meio de comunicação na localidade.

## 5 ANÁLISE

No capítulo metodológico, expusemos os procedimentos de tabulação e composição do material coletado no interior da variável coletiva. Nesta seção, estruturamos a análise, primeiramente, demonstrando o resultado geral do conhecimento da gíria pelos moradores da comunidade em destaque, criando mecanismos que nos auxiliaram na observação do fenômeno diante dos fatores extralinguísticos; em seguida, evidenciamos o resultado com estimativas em tabelas e gráficos voltados a cada fator social, sempre em relação à presença ou conhecimento dos vocábulos gírios.

Recordamos, pois, que investigamos exaustivamente a relação existente entre os principais fatores sociais que mais contribuem para o delineamento de um perfil que faça uso ou reconheça o modo de expressão particularizado pelos vocábulos gírios do sistema prisional paranaense. Por outras palavras, no decorrer da análise pretendemos traçar o perfil do grupo que seja o possível responsável pela manutenção, conhecimento e disseminação das gírias do sistema prisional, tornando-se, assim, o grupo de referência desta forma peculiar de expressão.

Incluimos neste ponto uma questão quanto ao tempo e à efemeridade da gíria, sendo possível verificar com a pesquisa atual se o vocábulo ao sair de seu contexto de circulação original se desgastou com o passar dos anos, e transformou-se em gíria comum, isto é, quanto maior o percentual de reconhecimento/uso, maior a probabilidade de inclusão da gíria na esfera social comum, ou seja, do uso por pessoas que não pertençam ao círculo criminoso.

### 5.1 ANÁLISE GERAL

A análise geral procura demonstrar dados relacionados a todos informantes sobre conhecimento ou desconhecimento das gírias do sistema prisional deste trabalho, incluídas no Questionário Semasiológico e Questionário Onomasiológico.

Observaremos adiante, com base na figura 13, a qual sintetiza o

conhecimento ou o desconhecimento da gíria, os resultados obtidos para: (i) a *média* de conhecimento e desconhecimento, baseada nos percentuais estatísticos dos dados obtidos com a tabulação de cada gíria; (ii) discussões sobre as gírias com maiores valores percentuais, partindo do critério de uso, sendo estes resultados maiores e diferentes de cinquenta por cento; (iii) e observações quanto à distribuição do campo semântico mais utilizado. O resultado da *média geral* do conhecimento das gírias, portanto, torna-se parâmetro de comparação neutro, pois reflete apenas as respostas aos questionários, desconsiderando os fatores sociais de escolaridade, gênero, exercício de atividade econômica e idade.

A Figura 13 foi planejada para deixar em evidência as porcentagens de respostas dos informantes quanto ao conhecimento/desconhecimento dos vocábulos. Nesta, podemos dizer que comprovamos, parcialmente, a hipótese inicial de que a gíria restrita de grupos minoritários ‘escapa’ aos muros do sistema prisional e tem alguns de seus vocábulos reconhecidos pela comunidade periférica estudada, embora não possamos afirmar que seja utilizada, haja vista o modo sistemático como fora coletada<sup>57</sup>. Em outras palavras, torna-se significativo o fato linguístico, principalmente, por compreendermos a proveniência do vocábulo (presídios) e os elementos criptológicos atribuídos a este, e a promoção da reflexão sobre a *sobrevivência* dos vocábulos distantes do ambiente de origem.

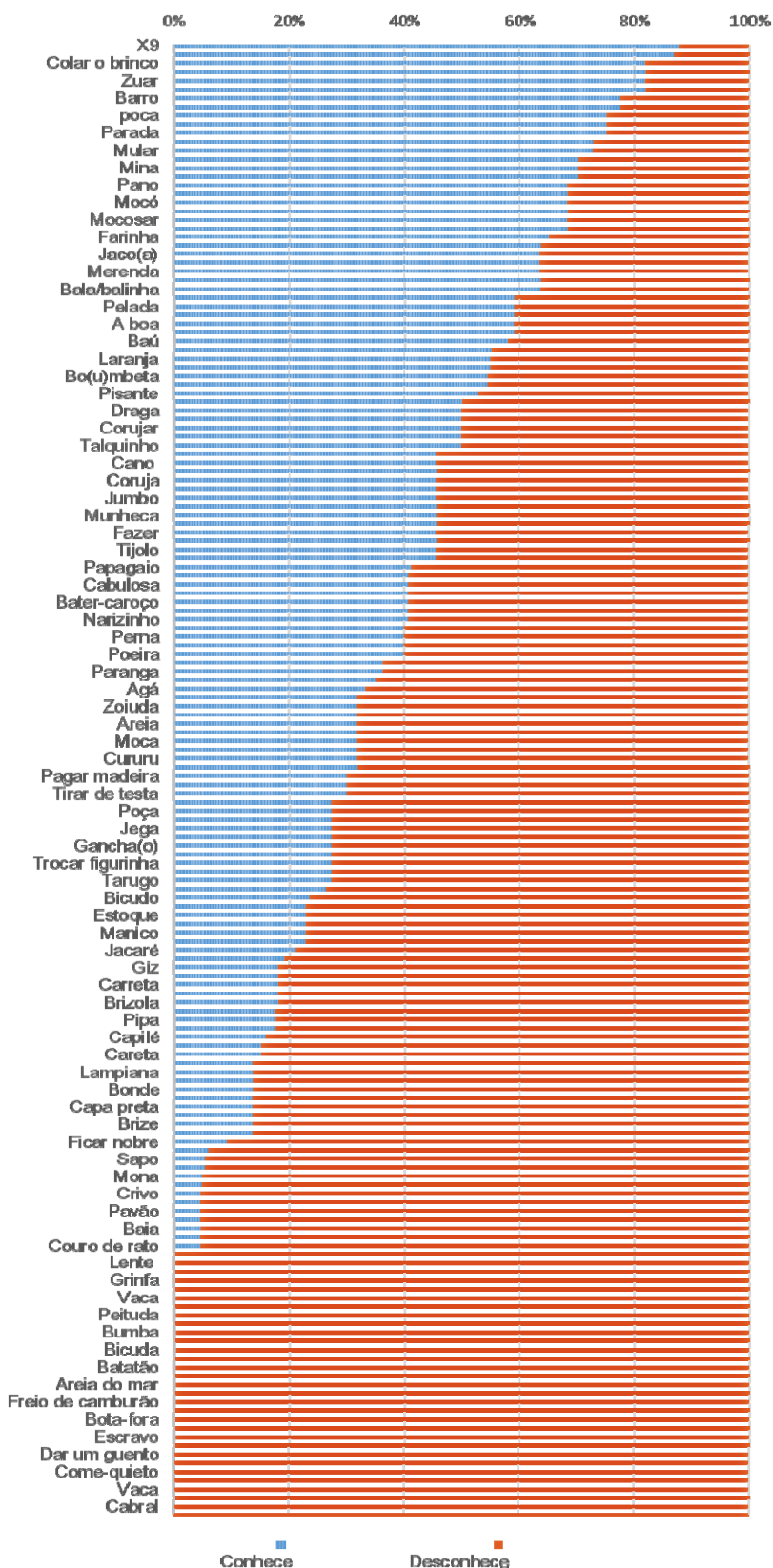
**Tabela 8** – Média geral de reconhecimento e desconhecimento de gírias pelos informantes

<b>Critério</b>	<b>Vocábulos gírios</b>	<b>Média</b>
Reconhece	58,14	34%
Desconhece	112,86	66%
<b>Total</b>	<b>171</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Banco de dados do autor.

<sup>57</sup> Acreditamos que se houvesse possibilidade de coleta não sistemática, sem o uso do questionário, seria possível cotejar gírias de uso comum, permitindo-nos, inclusive, refletir a dimensão linguística de tempo-espço de cada item lexical; porém, devido à brevidade de tempo, este trabalho concentra-se em gírias do sistema prisional já coletadas, cabendo a nós a probabilidade de uso a partir dos dados obtidos.

Figura 13 – Média geral de conhecimento/desconhecimento da gíria



Fonte: Banco de dados do autor.

Com base nos dados, estes demonstram uma estimativa de conhecimento de ao menos um vocábulo em cada três para cada informante, ou seja, segundo a *média*, em um universo de 171 gírias, o informante conhece, estatisticamente, cerca de 60 vocábulos gírios restritos a um grupo específico e determinado, ou seja, encarcerados que deles fazem uso.

Entretanto, a comparação da Tabela 8 com a Figura 13, permite-nos constatar que, diferentemente do desconhecimento, não há vocábulo gírio que compreenda 100% de conhecimento. Isso nos leva a considerar que os dados obtidos a partir da *média geral* não correspondam realmente ao uso indiscriminado, sem propósito, de cada vocábulo pelos informantes do bairro Jardim São Jorge.

Seria, portanto, incoerente pressupor a homogeneidade dos informantes diante do reconhecimento/desconhecimento dos itens lexicais pesquisados que os fizessem adotar o comportamento linguístico idêntico quanto à quantidade de 60 vocábulos conhecidos entre o universo de gírias pesquisadas.

Quanto às recorrências, dentro da média da Tabela 9, entre as gírias com maior porcentagem de conhecimento, destacam-se as do campo semântico “características de pessoas, comportamentos, ações e atitudes”, que de 24 vocábulos gírios, 19 são reconhecidos pelos informantes. Seguem as designações para drogas, com conhecimento de 6 vocábulos, de um universo de 21 vocábulos; e 6 do campo de objetos que compreende 36 vocábulos.

Supomos que os vocábulos com dados superiores a 50%, uma vez considerado o resultado intermediário como estável, tenham relevância maior dentro do grupo estudado, de modo que resultados acima deste índice aumente a probabilidade de ocorrência. Por este motivo, as demonstrações da Tabela 9 procuram dispor os dados partindo deste resultado intermediário. Queremos, com isso, propor que, embora não seja possível provar o uso do vocábulo na comunidade pelos informantes, a probabilidade deste uso possa ser demonstrada baseando-nos em dados a partir dos resultados obtidos.

**Tabela 9 – Gírias mais conhecidas pelos informantes**

<b>Gíria</b>	<b>Conhece</b>	<b>Desconhece</b>	<b>Gíria</b>	<b>Conhece</b>	<b>Desconhece</b>
<b>X9</b>	88%	12%	<b>Pisar</b>	68%	32%
<b>Mosca</b>	87%	13%	<b>Farinha</b>	65%	35%
<b>Colar o brinco</b>	82%	18%	<b>Boi</b>	64%	36%
<b>Trocar ideia</b>	82%	18%	<b>Jaco(a)</b>	64%	36%
<b>Zuar</b>	82%	18%	<b>Xepa</b>	64%	36%
<b>Bagulho</b>	82%	18%	<b>Merenda</b>	64%	36%
<b>Barro</b>	77%	23%	<b>Passarinho</b>	64%	36%
<b>Back</b>	77%	23%	<b>Bala/balinha</b>	64%	36%
<b>Poca</b>	75%	25%	<b>Três-oitão</b>	59%	41%
<b>Loque</b>	75%	25%	<b>Pelada</b>	59%	41%
<b>Parada</b>	75%	25%	<b>Trocar um procede</b>	59%	41%
<b>Brasa</b>	73%	27%	<b>A boa</b>	59%	41%
<b>Mular</b>	73%	27%	<b>Mesclado</b>	59%	41%
<b>Xadrez</b>	70%	30%	<b>Baú</b>	58%	42%
<b>Mina</b>	70%	30%	<b>Xiz</b>	55%	45%
<b>Bem bolado</b>	70%	30%	<b>Laranja</b>	55%	45%
<b>Pano</b>	68%	32%	<b>Cavala</b>	55%	45%
<b>Dragão</b>	68%	32%	<b>Bo(u)mbeta</b>	55%	45%
<b>Mocó</b>	68%	32%	<b>Mocó</b>	55%	45%
<b>Viajar na maionese</b>	68%	32%	<b>Pisante</b>	53%	47%
<b>Mocosar</b>	68%	32%			

Fonte: Banco de dados do autor.

## 5.2 FAIXA ETÁRIA<sup>58</sup>

Amparados em relatos narrados pelos informantes, conseguimos compor a história não oficial do bairro, pois, parte dos informantes habitam o espaço desde o início e são pais da primeira geração nascida na comunidade. Estes não ultrapassaram os 50 anos, resultando em grande presença de adultos, descendentes dos primeiros migrantes, e jovens, advindos do relacionamento dessa nova geração.

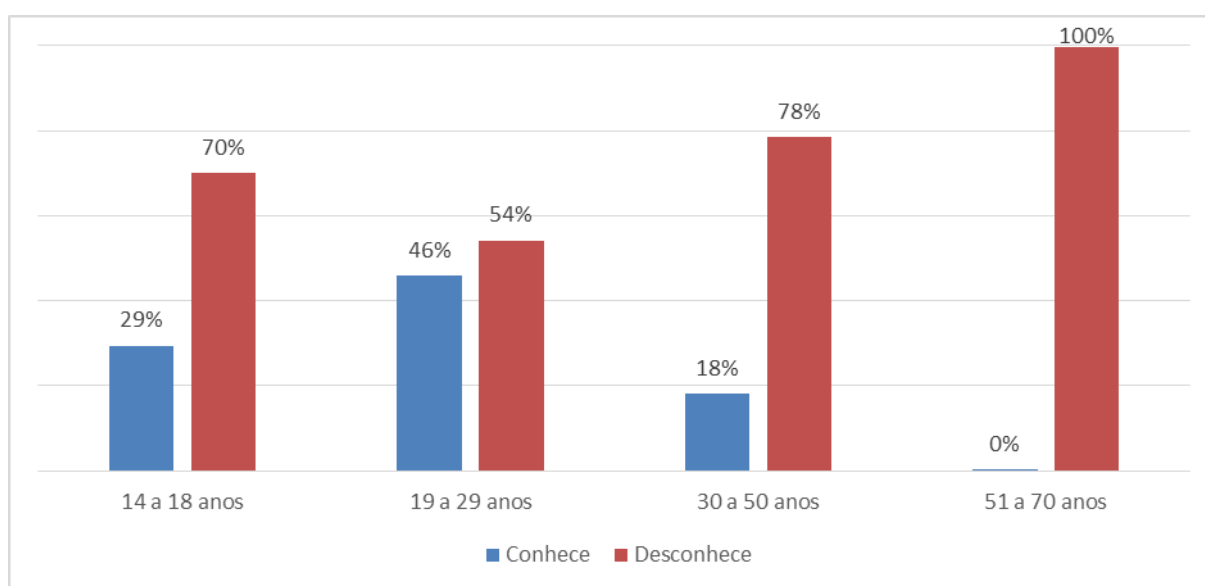
Quanto aos idosos, a presença física, pelos caminhos trilhados no bairro durante a coleta de dados, não é sensível. Motivo que nos levou a procurar demoradamente informantes entre a faixa etária compreendida de 51 anos a 70 anos. Pensando, posteriormente, nas características peculiares do bairro, alteramos a célula de adultos, que passou à configuração presente (vide Tabela 2 – Célula de

<sup>58</sup> Vide seção 'Célula dos informantes'.

informantes), mas que se subdividia, inicialmente, apenas em jovens, adultos e idosos.

Sabemos da importância da questão etária para a pesquisa, pois é notório o fato de que há diferenças entre a fala de jovens, adultos e idosos, mas nos questionamos se dentro de um conjunto de vocábulos específicos e restritos ainda restariam estas diferenças. Vejamos os dados da Figura 14:

**Figura 14** – Média de conhecimento e desconhecimento da gíria por faixa etária



Fonte: Elaboração do autor.

Como primeiro fator extralinguístico apresentado, interessa o exame das estatísticas de ocorrência do fenômeno de conhecimento das gírias entre as células que compreendem a parcela mais jovem e a mais idosa da pesquisa, destacando-se tanto o aparecimento dos dados de conhecimento quanto daqueles de desconhecimento<sup>59</sup>.

Em comparação com o resultado geral, o qual apontava uma média de conhecimento dos vocábulos gírios em 38%, o que correspondia ao conhecimento

<sup>59</sup> Observe que o resultado de alguma das porcentagens não corresponde a 100%. É devido ao fato de, pelas entrevistas serem feitas, muitas vezes, em ambiente ruidoso, não conseguirmos registrar as respostas de alguns vocábulos, que são em seu conjunto, não prejudiciais ao resultado final do trabalho. Preferimos, portanto, atribuir valor nulo (0) para não prejudicar a fidelidade dos dados. Assim, os vocábulos gírios permanecem na tabulação, podendo ser identificados, mas sem valor real a ser considerado na estatística.

aproximado de 60 vocábulos, podemos observar que os vocábulos gírios são distribuídos de modo desigual em relação às idades, o que nos leva ao resultado de, em média, 50 gírias conhecidas pelo grupo mais novo; 79 itens lexicais entre os de 19 e 29 anos; caindo para 31 vocábulos entre aqueles de 30 a 50 anos; até total desconhecimento pelos mais idosos.

De outro modo, a faixa etária que mais reconhece os vocábulos gírios, na proporção de aproximadamente um vocábulo a cada dois, é a de 19 a 29 anos. Este fato torna-se curioso quando observamos que a faixa etária precedente, de 14 a 18 anos, conhece um vocábulo gírio a cada três; a seguinte, de 30 a 50 anos, reconhece um vocábulo a cada cinco, enquanto a mais idosa, segundo nossos dados, desconhece em sua totalidade, sendo completamente alheia ao vocabulário proveniente do sistema prisional.

Aplicando uma linha de tendência<sup>60</sup>, verificamos que quanto maior a faixa etária maior a probabilidade de condicionamento da gíria a situações e estilos específicos, o que reforça o entendimento de que a gíria tenha valia e continuidade apenas quando vinculada ao grupo de referência ou ao ambiente de origem. Desse modo, ela deve ser considerada como parasitária da linguagem em sentido lato, pois em sentido restrito, uma vez que possa vir a fazer parte do vocabulário do indivíduo, deixa de ser parasita para tornar-se componente das variantes do indivíduo diante de seu grupo.

Como exemplo, os idosos, embora possam, aparentemente, não aceitar os novos vocábulos, possivelmente conservem gírias de sua época, utilizando-as entre os coetâneos, de modo que, pela dimensão temporal, estas não sejam adotadas pelas novas gerações. Assim, os mais jovens, reconhecem as gírias do sistema prisional na proporção de um vocábulo a cada três, evidenciando provável adoção por considerarem a faixa etária seguinte como grupo de referência.

---

<sup>60</sup> A linha de tendência é utilizada nas análises para demonstrar uma relação de constância entre os dados e a probabilidade de um evento ser contínuo. Utilizamos, na figura 17, linha de tendência linear para expor a tendência média decrescente da relação entre uso/reconhecimento das gírias e escolarização.

A gíria, neste sentido, é menos parasitária e uma forma de expressividade de um grupo. Acreditamos, portanto, que o grupo de referência seguinte influencie o comportamento linguístico no uso da gíria e, conseqüentemente, seu conhecimento, ou vice e versa.

As faixas etárias estão sempre em maior relação interpessoal com a faixa precedente e a posterior, carecendo a manutenção de um mínimo de vocabulário que ainda os caracterizem como pertencentes e membros da comunidade. Esse fenômeno aparentemente não afeta a faixa etária de 51 a 70 anos. Possivelmente seja uma questão identitária de valorização da fala de outrora, somada à ausência de participação nas atividades da comunidade, menor círculo de relações entre as faixas etárias mais jovens, além de preconceito, por parte da parcela mais idosa, diante de vocabulário sabidamente proveniente de grupos marginalizados.

O resultado do fator etário demonstra ser realmente incorreta a possibilidade de a gíria ser conhecida de forma homogênea e, possivelmente, utilizada pelos informantes, de modo geral. Como afirmamos acima, no tópico reservado ao quadro geral, a distribuição de conhecimento de pelo menos um vocábulo gírio em cada três não tem evidências de ocorrência na célula de 51 a 70 anos.

Na tabela seguinte, expusemos 42 vocábulos gírios das três faixas etárias que apresentaram dados expressivos.

Tabela 10 – Relação entre idade e vocábulos gírios mais conhecidos

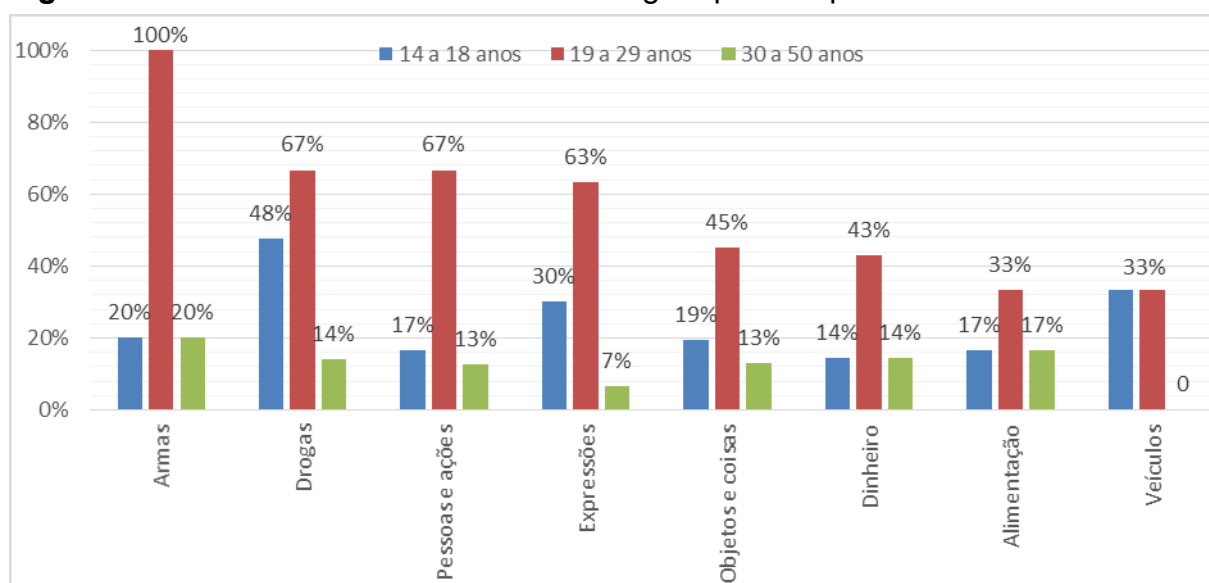
14 a 18 anos		19 a 29 anos		30 a 50 anos	
Gíria	Conhecimento	Gíria	Conhecimento	Gíria	Conhecimento
Barro	100%	Poca	100%	Talquinho	100%
Boi	100%	Mosca	100%	Poca	100%
Pano	100%	X9	100%	Pipa	100%
Dragão	100%	Colar o brinco	100%	Coração	67%
Brasa	100%	Trocar ideia	100%	Bumba	67%
Baú	100%	Bem bolado	100%	But	67%
Mocó	100%	Zuar	100%	Cascuda	67%
Xadrez	100%	Bagulho	100%	Bo(u)mbeta	60%
Mosca	100%	Barro	91%	Mocozar	60%
X9	100%	Viajar na maionese	91%	Cano	60%
Loque	100%	Mocozar	91%	Catatau	60%
Colar o brinco	100%	Mular	91%	Marrocos	60%
Trocar ideia	100%	Back	91%	Moca	60%
Parada	100%	Parada	90%	Cascão	60%
Zuar	100%	Pano	82%	Picho	60%
Mular	100%	Dragão	82%	Branca	60%
Pisar	100%	Brasa	82%	Chupando bala	50%
Farinha	100%	Xepa	82%	Pedra	50%
Bagulho	100%	Merenda	82%	Batizada	50%
Back	100%	Mocó	82%	Ganso	50%
Três oitão	75%	Passarinho	82%	Encolhido	50%
Coruja	75%	Laranja	82%	Xadrez	40%
Jaco(a)	75%	Loque	82%	Cavala	40%
Pisante	75%	Mina	82%	Barro	40%
Jumbo	75%	Pelada	82%	Brasa	40%
Xepa	75%	Trocar um procede	82%	Três oitão	40%
Merenda	75%	Pisar	82%	Boi	40%
Mina	75%	A boa	82%	Dragão	40%
Viajar na maionese	75%	Bala/balinha	82%	Pescoço	40%
Corujar	75%	Mula	82%	Pisar	40%
Mocosar	75%	Farinha	80%	Farinha	40%
Galo	75%	Draga	73%	Grampo	40%
Talquinho	75%	Três oitão	73%	Pega-louco	40%
Narizinho	75%	Boi	73%	Mula	40%
A boa	75%	Jaco(a)	73%	Crivo	40%
Bala/balinha	75%	Bo(u)mbeta	73%	Grinfa	40%
Mesclado	75%	Xadrez	73%	Areia	40%
Botinha	50%	Xiz	73%	Bonde	40%
		Pescoço	73%	Baia	40%

Fonte: Elaboração do autor.

Apesar de considerarmos relevantes os resultados com porcentagem superior a 50, com finalidade apenas demonstrativa, mantivemos na Tabela 10 dados abaixo do critério estabelecido para a faixa etária de 30 a 50 anos, uma vez que esta faixa etária apresenta número reduzido de conhecimento de vocábulos gírios com resultados acima de 50%. Retiramos uma série de vocábulos com porcentagem dentro dos critérios de análise para os dados da faixa etária de 19 a 29 anos, basicamente por falta de espaço, embora os dados sejam recuperados e analisados.

A distribuição da gíria segundo os campos semânticos<sup>61</sup> demonstra que os informantes que pertencem ao grupo de 19 a 29 anos apresentam conhecimento de todos os vocábulos gírios de *arma* (de fogo), seguidos dos dados de conhecimento de 67% de itens lexicais gírios para *drogas*, idêntica porcentagem para *pessoas e ações*, e conhecimento de 63% das gírias coletadas dentro do sistema prisional compreendidas por *expressões genéricas*.

**Figura 15** – Faixa etária e conhecimento da gíria por campo semântico



Fonte: Elaboração do autor.

Os campos semânticos em destaque possibilitam considerar um cenário em que a faixa etária de 19 a 29 anos não apenas reconheça maior número de vocábulos, mas, provavelmente, faça uso de alguns deles em contextos de fala

<sup>61</sup> Destacamos, na figura 15, os vocábulos gírios variantes de arma de fogo como novo campo semântico, devido ao resultado de conhecimento de todos os itens lexicais pelos informantes com faixa etária de 19 a 29 anos.

específicos.

Relevante, inclusive, é o resultado comparativo entre o reconhecimento de 48% das gírias do campo semântico *drogas* dos informantes de idade entre 14 e 18 anos e a faixa etária seguinte. Presumimos, com base nos dados, que a faixa etária tenha como base da formação de seus vocabulários os grupos que a precedem ou sucedem, imediatamente. Podem, pois, constituir suas identidades refletindo os valores adquiridos dos grupos e, assim, desenvolver os signos de pertencimento a certa comunidade.

No bairro Jardim São Jorge foi possível observar a existência do tráfico e de menores que passam parte de seu tempo nas ruas do bairro, em contato constante com o crime, adquirindo valores provenientes das ações ilegais que ocorrem em sua comunidade. Verificamos que na localidade o tráfico não é considerado ação delituosa, mas sim uma atividade comum, aproximada das relações de trabalho oficial, ou como modo de ocupação. Repercutem nos dados coletados o contato dos jovens, menores de 18 anos, com as atividades ilícitas, devido ao significativo conhecimento das gírias demonstrado pelos dados.

De um total de 21 itens lexicais pertencentes ao campo semântico *drogas*, 14 deles conhecidos pelos informantes de 19 a 29 anos, apenas cinco gírias não foram reconhecidas pelos entrevistados de 14 a 18 anos. Isso nos leva a avaliar o contato existente entre o primeiro grupo e o segundo e a pouca distância entre ambos diante do campo semântico das drogas, corroborando para o fato de valores e linguagem estarem imbricadas e servirem os mais velhos de referência vocabular aos mais novos, haja vista o percentual de conhecimento das gírias para o grupo com menor idade.

No tópico seguinte analisamos o resultado do reconhecimento das gírias segundo as médias distribuídas pelo fator social de sexo e os campos semânticos em destaque.

### 5.3 SEXO

A análise segundo o fator social sexo contribui com mais um critério de observação do percurso de conhecimento das expressões e vocábulos gírios do sistema prisional. Lembramos que a maioria dos chefes de família são do sexo feminino; a maioria que tem ocupação econômica regular e maior nível de escolarização também é do sexo feminino. Além destas questões tratadas em tópico no qual levantamos as características sociais do bairro, retomamos Labov (2008) ao identificar que o sexo feminino é mais sensível às inovações e também tem maior consciência do prestígio social das palavras.

**Tabela 11** – Média de reconhecimento e desconhecimento das gírias segundo sexo

	Mulher		Homem	
	Vocábulos gírios	Média	Vocábulos gírios	Média
Reconhece	31	18%	83	49%
Desconhece	140	82%	88	51%
<b>Total</b>	<b>171</b>	<b>100%</b>	<b>171</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração do autor

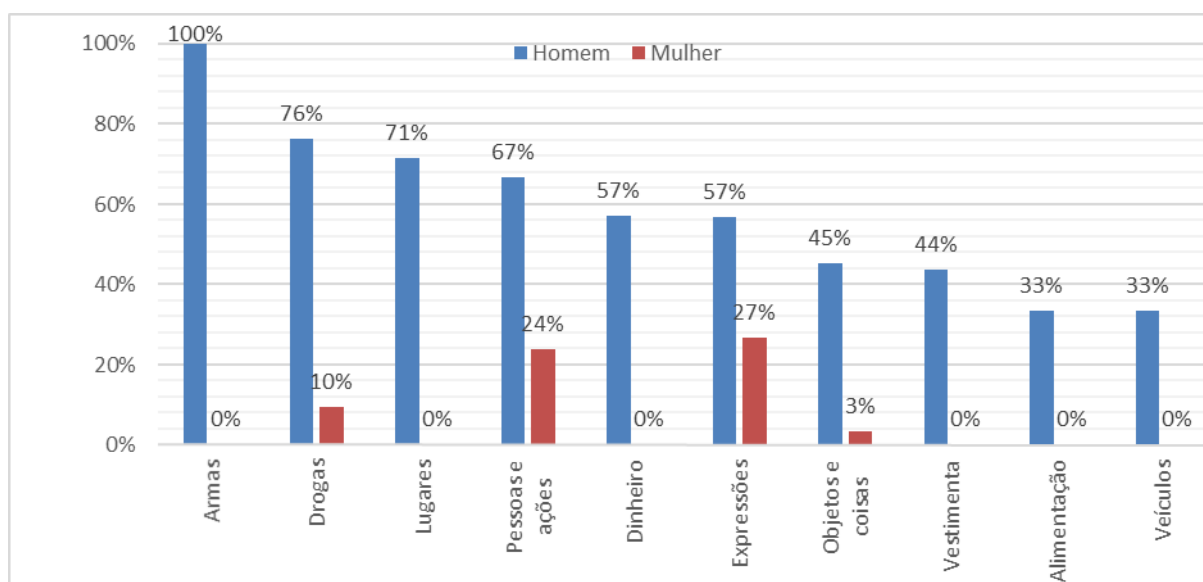
Diante desses argumentos, observamos que alguns outros elementos merecem relevo, por exemplo, os informantes do sexo feminino, por terem maior sensibilidade às variantes de prestígio, podem reagir de modo conservador quando se deparam com vocábulos discriminados ou pertencentes a um grupo específico. Labov (2008, p.348) considera que, somando-se ao exposto, existem convenções, vocabulário e modos de expressão, que determinam a postura linguística específica para cada gênero, ou seja, acordos sociais de comportamento linguístico mais apropriado para cada sexo.

Assim, embora a média apresente um reconhecimento de 31 vocábulos pelo sexo feminino, na linguagem em uso quase não se verifica a presença deste tipo de vocabulário, pois é dependente ou condicionado a um contexto bastante singular para sua manifestação. Se as mulheres são mais sensíveis ao prestígio das palavras, também são mais sensíveis para o caráter estratificado no uso social das gírias. Além disso, contribui o fato de terem maior escolaridade que os homens, pois, dominando melhor o léxico, podem optar por variantes menos discriminadas. A gíria

do sistema prisional, portanto, não pode ser considerada como inovadora do léxico, caso contrário seria reconhecida pelas mulheres, já que estas têm maior habilidade para o uso de formas novas.

Ao ponderarmos acerca do valor médio de 18% de conhecimento devemos considerar, sobretudo, o campo semântico. Na figura 16, abaixo, notamos que o conhecimento das mulheres sobre as gírias fica restrito a 3 campos: *drogas*, *pessoas e ações*, *expressões*.

**Figura 16** – Sexo e conhecimento das gírias por campo semântico



Fonte: Elaboração do autor.

Por um lado, não podemos descartar a existência, dentro das convenções admitidas para o uso vocabular de cada sexo, que a mulher pode não estar “autorizada” ao uso de gírias do sistema prisional para os demais campos semânticos. Nesta perspectiva, as informantes teriam sido solidárias aos que se utilizam das gírias por dizerem conhecê-las, mesmo não praticando esta forma de linguagem. Porém, não se confirma esta possibilidade devido ao papel indispensável que a mulher desempenha na comunidade, sendo ao mesmo tempo chefe de família e provedora do lar, em sua grande maioria. O que nos leva a concluir que, devido ao grau educacional mais elevado, às redes de relações ampliadas pelo exercício do labor, sendo este um fator importante para o trânsito e deslocamento das mulheres pela cidade londrinense, e a autonomia assegurada pelas estruturas do bairro, a mulher não prescinde de “autorização” para o uso de vocabulário, mas tenha

preferência, dentro dos parâmetros de prestígio, não utilizá-la.

Outra possibilidade, plausível, seria identificar o uso majoritário pelos homens dos vocábulos gírios como processo vinculado ao estilo de fala. Não seria, pois, a menor escolaridade dos informantes masculinos ou a pequena participação no mercado formal, por exemplo, mas uma escolha consciente das variantes advindas do sistema prisional como forma de compartilhar valores e cultura destacada como fala da periferia. Nesta ótica, a forma especial de comunicação demonstra um contrapoder, forma de agredir simbolicamente os sujeitos distantes da realidade complexa vivida nos bairros mais afastados dos grandes centros urbanos. Entretanto, este entendimento nos levaria ao erro pelo retrato homogêneo no qual os homens, em sua maioria, adotariam e reconheceriam a linguagem criptográfica.

De fato, apenas podemos constatar que os dados sugerem que os homens conhecem mais de vocábulos gírios relacionados às armas, drogas, lugares, adjetivos e sinônimos para pessoas, verbos e expressões; com possíveis usos devido às estimativas que ultrapassam 50% das gírias investigadas.

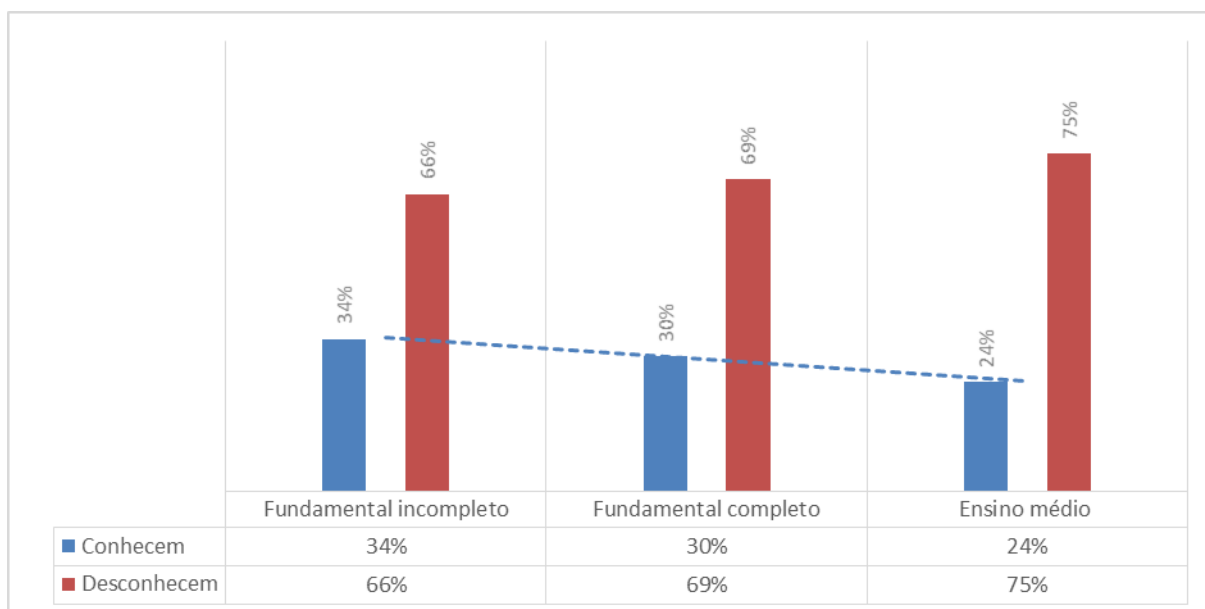
#### 5.4 ESCOLARIDADE

Como dissemos, as complicações durante a pesquisa para obtermos informantes com nível de escolaridade do ensino fundamental completo e ensino médio foram grandes. No início, pensávamos em ampliar as células de informantes, incluindo nestas, nível educacional superior, porém, não foi possível encontrar informantes com este perfil; tampouco encontramos informante com ensino técnico. Restando apenas dividir em dois grupos: aqueles que conseguiram terminar o ensino fundamental e aqueles que ainda não o terminaram.

O fator social de escolaridade parece ter notável repercussão no conhecimento dos vocábulos provenientes do sistema prisional. A média extraída dos entrevistados com ensino fundamental incompleto demonstra que há uma diferença percentual simétrica quando consideramos uma linha de tendência até os dados dos informantes do ensino médio sobre o conhecimento da gíria, de modo que, segundo os dados, não existe um distanciamento dramático entre os informantes pertencentes

ao grupo do ensino fundamental, mas torna-se cada vez mais acentuado quando caminha para a progressão escolar.

**Figura 17** – Escolaridade e porcentagem de conhecimento de vocábulos gírios



**Fonte:** Elaboração do autor.

Em outras palavras, a linha de tendência (tracejada) revela o declínio do conhecimento da gíria pesquisada quando o sujeito detém maior escolaridade. O que nos leva a considerar que, se tivéssemos um nível de escolaridade técnico ou superior, o desconhecimento seria ainda mais acentuado.

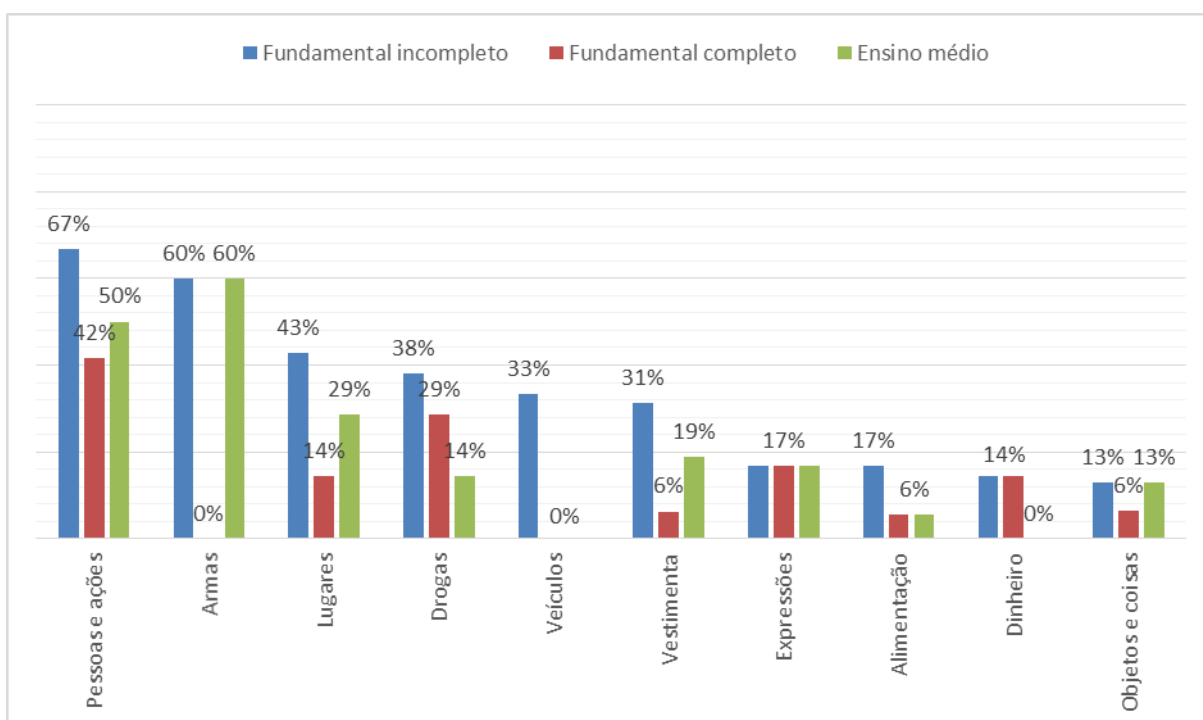
Comparando com a tabela *Média geral* (Tabela 8), reconhecer um vocábulo a cada três, como ocorre com os informantes do fundamental incompleto, é fenômeno significativo, principalmente se considerarmos que as gírias pesquisadas fazem parte de um cotejo anterior, em investigação desenvolvida há dez anos, nas penitenciárias paranaenses. Isso pode sinalizar que a gíria possivelmente não tenha, de fato, um limite espacial e se prolonga, enquanto recurso linguístico, por tempo maior do que acreditamos. Além disso, constatar que há uma proporcionalidade entre escolaridade e a quantidade de gírias reconhecidas pelos indivíduos nos permite inferir que a continuidade dos vocábulos esteja, do mesmo modo, relacionada à ausência de formação educacional.

Porém, a inferência acima não se sustenta quando analisamos, segundo o campo semântico, o conhecimento das gírias com índice maior e diferente de 50%. Nesta perspectiva de análise, os dois grupos com maior possibilidade de uso

das gírias são aqueles que possuem ensino fundamental incompleto e ensino médio, mas *apenas* porque o critério adotado para a exposição segue vocábulos com *índices maiores e diferentes de 50%*. Significa dizer que a figura 18, analisada individualmente, poderia nos fazer supor que a escolaridade não seria fator extralinguístico plausível na adoção ou conhecimento de vocábulos advindos dos presídios.

Entretanto, neste caso específico, é importante a mudança de critério de conhecimento dos vocábulos gírios para *igual ou maior de 50%*, o que nos permite reexaminar a contagem dos vocábulos do ensino fundamental completo que passa de 28 dados maiores de 50% para 74 quando iguais a 50%, enquanto o grupo de ensino médio passa de 34 vocábulos gírios para 38 quando incluídas as porcentagens específicas. Por esse motivo, os resultados variam de forma exagerada.

**Figura 18** – Escolaridade e reconhecimento de gírias por campo semântico



Fonte: Elaboração do autor.

Demonstrado o porquê do resultado da figura 18, acentuamos que não podemos mais afirmar o uso dos vocábulos em sua completude, mas seu conhecimento por parte dos informantes que pertençam ao fator social de escolaridade com ensino fundamental completo e ensino médio, uma vez que

consideramos mais provável o uso a partir do critério *diferente e maior de 50%*, sendo maior a probabilidade quanto maior o índice de porcentagem. Por isso, fica evidente a permanência do critério de uso aos informantes com ensino fundamental incompleto.

Apesar das questões levantadas, importa sublinhar que os campos semânticos em destaque continuam sendo *pessoas e ações, armas, lugares e drogas*, acompanhando os resultados dos outros fatores apreciados.

## 5.5 ATIVIDADE ECONÔMICA

Quanto ao próximo fator social analisado, registramos a correlação existente entre escolaridade e empregabilidade, uma vez que a formação educacional influencia diretamente a ocupação econômica, já que permite aos indivíduos maior oportunidade de participar do mercado formal de trabalho e, conseqüentemente, ampliar as redes de relações linguísticas, expondo-o a novas redes sociais, favorecendo um conhecimento maior de variantes.

**Tabela 12** – Relação entre atividade econômica e escolaridade dos informantes

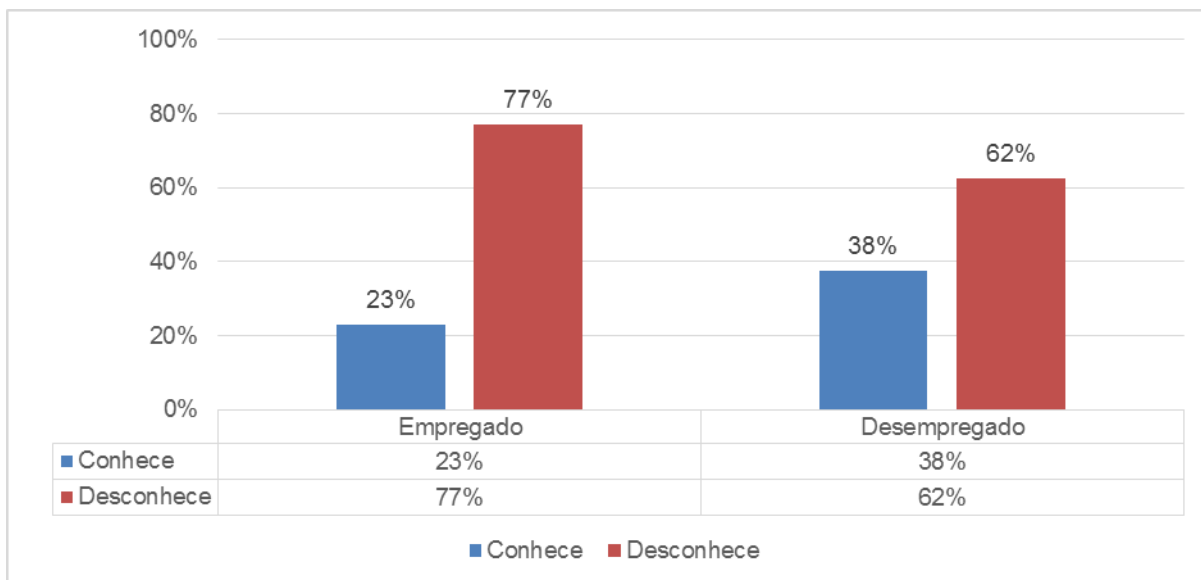
<b>Atividade econômica</b>	<b>Fundamental incompleto</b>	<b>Fundamental completo</b>	<b>Ensino médio</b>
Empregado	29%	50%	67%
Desempregado	71%	50%	33%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Elaboração do autor.

Se é certo de que maior escolarização do indivíduo oferece melhores condições de empregabilidade, possibilitando, inclusive, o trânsito de novas palavras entre grupos linguísticos diversos, contribuindo ambos, escolaridade e emprego, para o aumento do vocabulário, também é correto refletir que a ausência de um ou de outro concorre para a diminuição das potencialidades de aumento do vocabulário do indivíduo, ou ainda, criar indiferença contra as palavras com maior prestígio pelo desconforto de não as compreender integralmente. Desse modo, qualquer item lexical novo, gírio ou palavra comum, compreendido dentro da comunidade, é recebido e propagado dentro do grupo específico como mercadoria, como reflexo do consumo hodierno e costumeiro e da necessária mudança que sofre a língua em uso. Com isso, pode, naturalmente, revelar os valores sociais, sendo o vocabulário gírio objeto de

estudo das desigualdades sociais, como demonstrado na Figura 19.

**Figura 19** – Média de reconhecimento de gírias segundo a atividade econômica

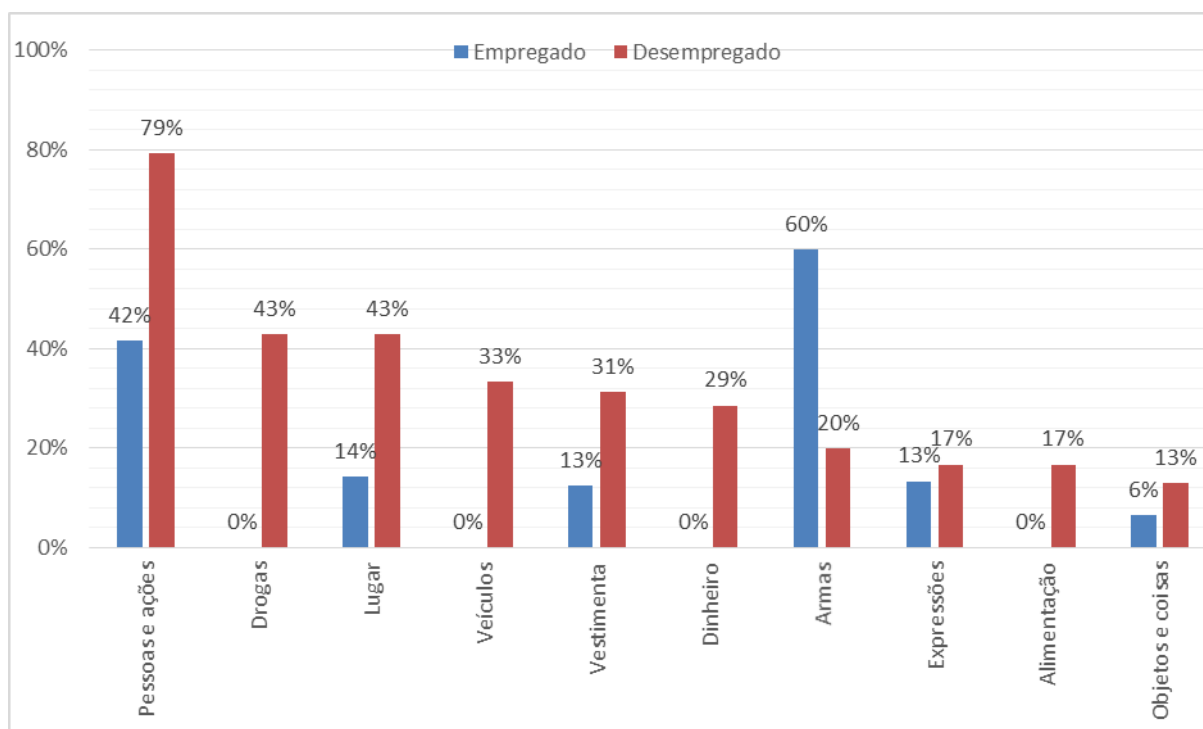


Fonte: Elaboração do autor.

A Figura 19, apresentando a correlação entre o conhecimento e desconhecimento das gírias conforme a prática de atividade econômica, permite verificar que o desemprego, responsável por manter os informantes com menor deslocamento e com maior contato entre as estruturas sociais do bairro, indica uma diferença de 15% de conhecimento das gírias *maiores e diferentes de 50%* com relação aos empregados.

Porém, cruzando dados de escolaridade e atividade econômica, podemos distinguir que o conhecimento médio da gíria estudada entre estes dois fatores sociais é bem aproximado. Estes dois fatores, portanto, contribuem para um maior conhecimento do vocabulário pesquisado por terem impactos no distanciamento social do falante, representando o nível social no qual se enquadra, embora não possam, isolados, descrever o perfil social do usuário da gíria resultante do sistema prisional.

A Figura 20 mostra as estatísticas de reconhecimento de gírias por campo semântico em relação à atividade econômica, empregado ou desempregado, do informante.

**Figura 20** – Atividade econômica e reconhecimento de gírias por campo semântico

Fonte: Elaboração do autor.

A análise segundo o campo semântico, baseado no critério de probabilidade de uso, pode demonstrar que os informantes do grupo *desempregado* além de reconhecerem, provavelmente utilizem parte do vocabulário dos campos *pessoas e ações*, *drogas*, *lugar*, *veículos*, *vestimenta*, ao passo que ao grupo *empregado* ocorra fato idêntico aplicado ao campo semântico de *armas* e *pessoas e ações*.

É relevante o resultado estatístico que demonstra que os desempregados conhecem gírias de todos os campos semânticos, enquanto os empregados partilham conhecimento significativos de *armas*, *pessoas e ações*. Isso porque estamos diante de um recorte que considera apenas o fator extralinguístico da ocupação econômica. Recordemos que as gírias podem ser apreendidas não apenas pelo meio, no bairro, mas pelos veículos de massa, que exploram o uso de sinônimos gírios para as formas de prática do crime e também dos sujeitos que cometem os crimes. Além disso, usamos apenas os dados que compreendem o critério de uso, excluindo os que tangenciam o valor mediano de 50%, fato idêntico ao ocorrido no fenômeno da escolaridade.

## 5.6 RECORRÊNCIAS

Nossa pesquisa coletou uma razoável quantidade de dados pretendendo demonstrar o conhecimento, pelos moradores de um bairro da periferia londrinense, das formas peculiares de expressão e vocabulário empregados pelos detentos. Adentrando à indagação de conhecimento, adotamos estatísticas baseadas em contagens de cada ocorrência de dados para, em seguida, considerar o produto percentual que sustenta a probabilidade de uso para cada uma das gírias.

Assim, preferimos basear as recorrências nos resultados dos campos semânticos, que é geral, coletivo, comum, uma vez que os dados individuais de todas as ocorrências continham valores maiores de 50% e correspondiam ao critério de verificação para as gírias mais conhecidas pelos informantes, ou seja, com possíveis ocorrências comunicativas situadas.

Ao conferirmos os fatores extralinguísticos, tornou-se mais evidente o fator etário, de maneira que retiramos da contabilidade de manifestação dos vocábulos, as entradas relacionadas aos idosos, de 50 a 70 anos, devido à ausência de valores positivos significativos.

Sendo assim, reservamos todas as ocorrências de dados de cada um dos fatores sociais, elaboramos uma única planilha e contamos todos os vocábulos gírios que apareceram nos campos semânticos já apresentados, o que significa dizer que, para o fator idade, com quatro planilhas específicas, aproveitamos dados compostos pelos grupos de *14 a 18 anos*, *19 a 29 anos*, *30 a 50 anos* e *51 a 70 anos* – estes últimos excluídos da contagem, como dissemos.

Para o fator escolaridade empregamos as três planilhas estruturadas para o *ensino fundamental incompleto* (EFI), *ensino fundamental completo* (EFC) e *ensino médio* (EM); o fator social de atividade econômica serviu-nos com os dados *empregado* e *desempregado*; o gênero contribuiu com os dados para o sexo *feminino* e o sexo *masculino*; computando, por fim, o total de dez planilhas individuais, agora dispostas em único plano para demonstrar as ocorrências vocabulares mais recorrentes.

Com base nesta dinâmica de análise, chegamos ao resultado de 84 vocábulos gírios que obtiveram valores diferentes de zero (cf. tabela 13), significativos, pois todos foram compilados a partir do critério de validade de uso, ou seja, valores acima 50%. Porém, apenas sete encontram-se dentro do critério de uso: *mosca*, com 90% de ocorrência entre todos os fatores sociais; seguido por *X9* e *parada*, em 80% das amostras; *back* e *mocó*, com resultado de 70%; por fim, *loque* e *jaco(a)*, em 60%, o que nos permite concluir que estas são gírias consideradas comuns, pois são conhecidas por todos e com maior probabilidade de uso, independentemente do fator social.

O resultado pode parecer demasiadamente baixo, apenas 4% do total de gírias pesquisadas, entretanto, estamos diante da análise de recorrências e não traçando o perfil de quem faça mais uso desse vocabulário. Trata-se de falantes que habitam uma comunidade complexa, com problemas estruturais severos e que transita entre o mundo organizado pelas leis e o mundo que infringe estas leis por inúmeros fatores. Com tal característica, os moradores também são expostos à linguagem prisional e, paulatinamente, vão incorporando ao seu vocabulário, ao modo particular de expressão individual, os vocábulos gírios. Isto demonstra que os resultados obtidos nos campos semânticos são possíveis pelo contato direto dos informantes com a dimensão estrutural e social da comunidade, autorizando aos informantes, pois, o uso social da linguagem, mesmo não pertencendo a qualquer grupo que cometa ilicitudes.

Também são relevantes os valores medianos, abaixo do critério de uso, pois representam eventuais entradas percentuais nos resultados tanto do campo semântico quanto da média de reconhecimento dentro dos fatores sociais. Merecem destaque os vocábulos gírios *barro*, *bagulho*; e a expressão *colar o brinco e trocar ideia*.

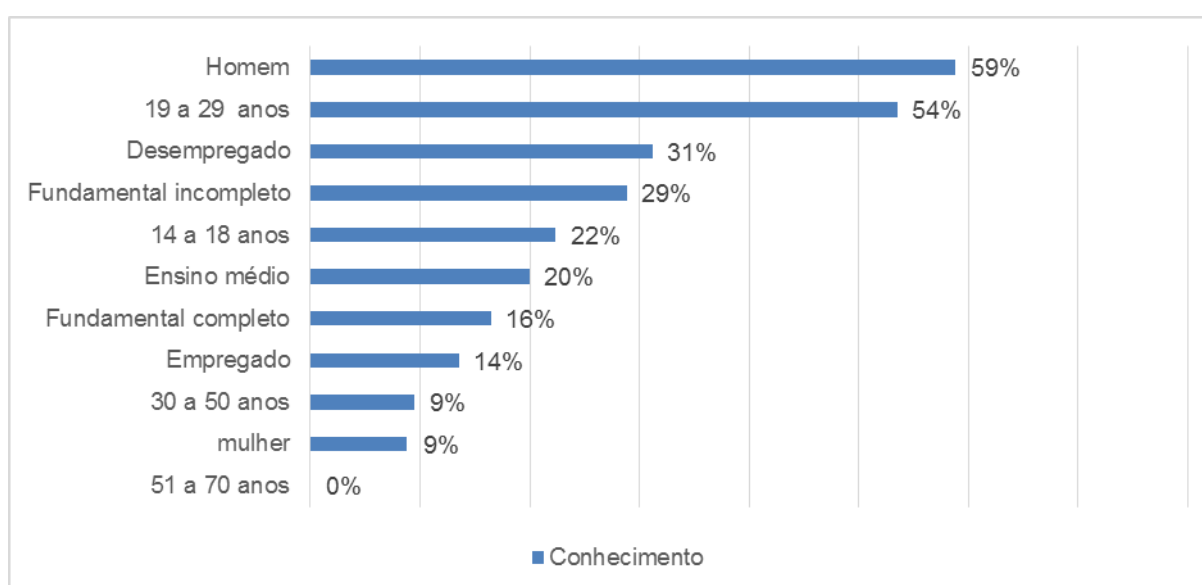
**Tabela 13** – Resultado para recorrências baseadas em valores maiores e diferentes de 50%

Recorrências	%	Recorrências	%	Recorrências	%	Recorrências	%
Mosca	90%	Laranja	20%	Draga	0%	Breque	0%
X9	80%	Cano	20%	Pescoço	0%	Sapo	0%
Parada	80%	Máquina	20%	Tijolo	0%	Porvinho	0%
Back	70%	Galo	20%	Agá	0%	Lousa	0%
Mocó	70%	Talquinho	20%	Micha	0%	Crivo	0%
Loque	60%	Mocó	20%	Cururu	0%	Chico-doce	0%
Jaco(a)	60%	Cabulosa	20%	Dar um pão	0%	Pavão	0%
Barro	50%	Mancoso	20%	Quina	0%	Baia	0%
Colar o brinco	50%	Bater-carço	20%	Narizinho	0%	Ficar nobre	0%
Trocar ideia	50%	Corujar	20%	Bicudo	0%	Couro de rato	0%
Zuar	50%	Fazer	20%	Pagar-madeira/madeira	0%	Coração	0%
Bagulho	50%	Batizada	20%	Chupando bala	0%	Lente	0%
Mina	40%	Poeira	20%	Caiçara	0%	Luna	0%
Brasa	40%	Berro	20%	Tela	0%	Grinfa	0%
Cavala	40%	Falante	20%	Catatau	0%	Picho	0%
Boi	40%	Tirar de testa	20%	Pipa	0%	Vaca	0%
Xepa	40%	Mular	10%	But	0%	Nuncha	0%
Merenda	40%	Trocar um procede	10%	Giz	0%	Peituda	0%
Viajar na maionese	40%	Peita	10%	Grampo	0%	Peitosa	0%
Cagueta	40%	Pedra	10%	Pá	0%	Bumba	0%
Munheca	40%	Milha	10%	Manico	0%	Palheta	0%
Mesclado	40%	Perna	10%	Jurão	0%	Bicuda	0%
Xadrez	30%	Branca	10%	Jacaré	0%	Bitá	0%
Pano	30%	Papagaio	10%	Capilé	0%	Batatão	0%
Dragão	30%	Bobo	10%	Cristalina	0%	Cascuda	0%
Passarinho	30%	Areia	10%	Funça	0%	Areia do mar	0%
A boa	30%	Paranga	10%	Careta	0%	Carrifa	0%
Bala/balinha	30%	Mula	10%	Cabriteiro	0%	Chorro	0%
Xiz	30%	Sukita	10%	Lampiana	0%	Freio de camburão	0%
Bo(u)mbeta	30%	Careta	10%	Estoque	0%	Murrinha	0%
Pisante	30%	Poça	10%	Espin	0%	Mona	0%
Botinha	30%	Doca	10%	Bonde	0%	Bota-fora	0%
Coruja	30%	Jega	10%	Carreta	0%	Cascão	0%
Jumbo	30%	Zoiuda	10%	Toca	0%	Escravo	0%
poca	20%	Gancha(o)	10%	Encolhido	0%	Feinha	0%
Bem bolado	20%	Marrocos	10%	Capa preta	0%	Dar um guento	0%
Mocozar	20%	Moca	10%	Caçar um rato	0%	Dormir no braço	0%
Pisar	20%	Cachanga	10%	Brizola	0%	Come-quieto	0%
Farinha	20%	Ganso	10%	Brize	0%	Espiantar	0%
Baú	20%	Trocar figurinha	10%	Brizoleta	0%	Muguear	0%
Três-oitão	20%	Chacoalhar	10%	Pelota	0%	Vaca	0%
Pelada	20%	Tarugo	10%	Pega-louco	0%	Picho	0%

**Fonte:** Elaboração do autor.

O que podemos deduzir é que quanto maior o valor percentual da gíria, mais próximo do perfil do sujeito que faça uso dessa linguagem. Para delimitar este perfil, investigamos quais fatores extralinguísticos mais se destacaram no decorrer da pesquisa quanto ao volume de gírias conhecidas. Recorremos às planilhas individuais para produzir os valores percentuais com base nos valores numéricos reais do maior cômputo de ocorrências, seguindo o critério de uso.

**Figura 21** – Perfil de conhecimento das gírias com base nos fatores sociais



**Fonte:** Elaboração do autor.

Obtivemos, conforme a Figura 21, o perfil social que mais faz uso das gírias pesquisadas: a) 100 vocábulos para o fator social homem; b) 91 vocábulos para a faixa etária entre 19 e 29 anos; c) 53 vocábulos para o critério desempregado; d) 49 vocábulos para informantes com ensino fundamental incompleto. Os valores numéricos de gírias acima do critério de uso permitem-nos, pois, identificar o perfil aproximado dos informantes que realmente fazem uso desse vocabulário específico no bairro pesquisado.

Pensando no perfil obtido: homem, entre 19 e 29 anos, desempregado e com ensino fundamental incompleto, procuramos os possíveis motivos para que, entre tantos fatores sociais, este fosse o grupo de referência para a manutenção das gírias fora de seu contexto de criação.

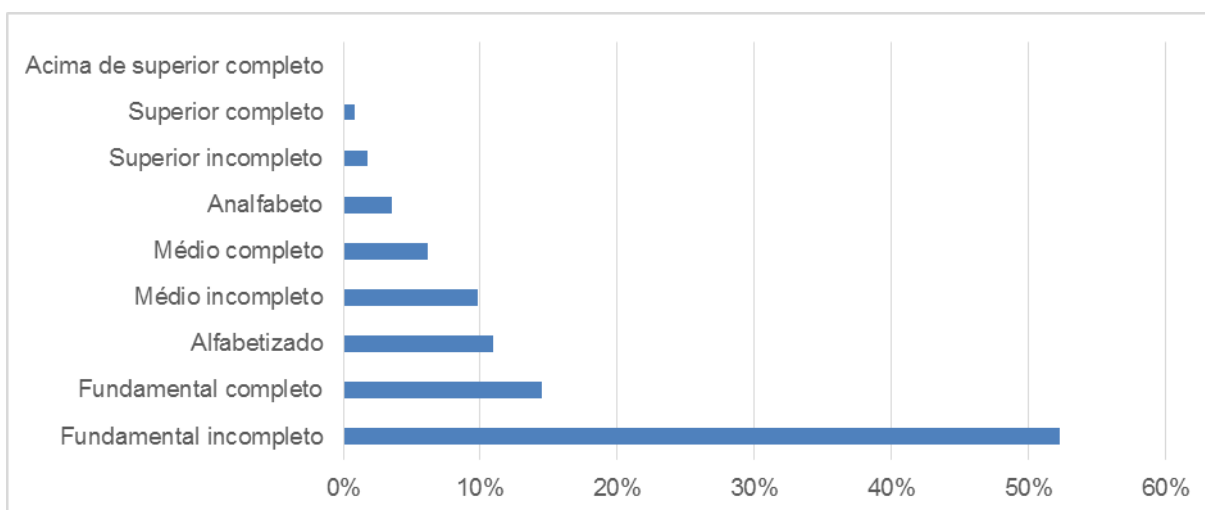
Porém, não encontrando argumentos plausíveis que justificassem o porquê deste grupo utilizar gírias procedentes do sistema prisional, considerando a persistência dos vocábulos gírios no tempo e na diversidade de espaço, fizemos, pois, movimento inverso, passando a questionar qual seria o perfil majoritário de quem habita as penitenciárias e faz uso da linguagem dali proveniente.

Com essa intenção, ou seja, descobrir elementos que fundamentassem o perfil do falante das gírias no bairro Jardim São Jorge, procedemos com a triangulação dos dados, cruzando nossos resultados com os dados do perfil do encarcerado do sistema penitenciário do Departamento Penitenciário Nacional do Paraná (DEPEN/PR).<sup>62</sup>

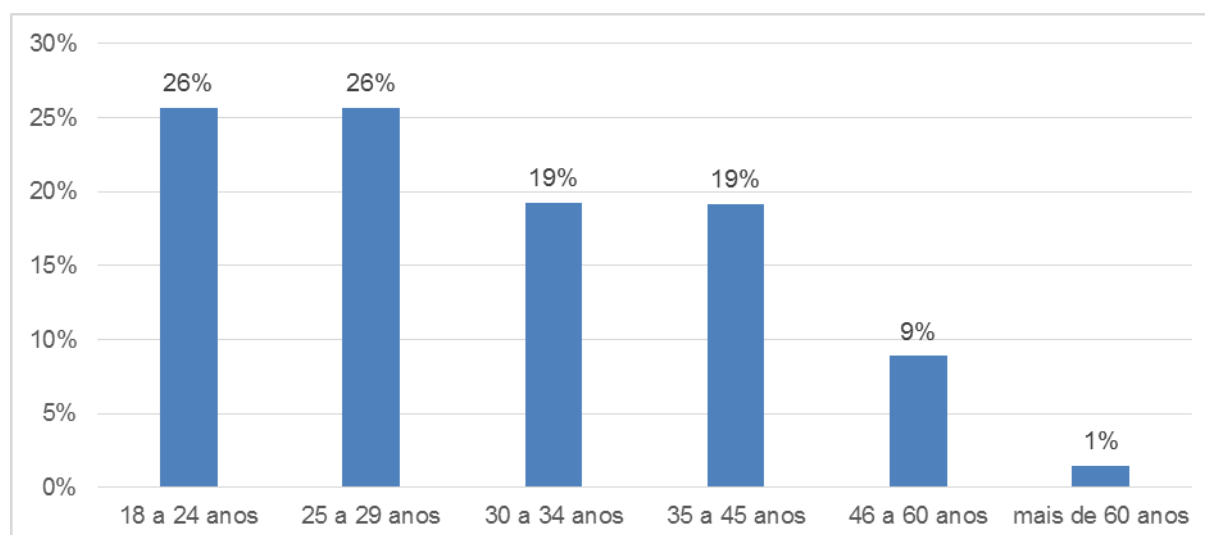
Considerando os dados fornecidos pelo documento, que contém grande quantidade de material compilado, constatamos, pelo processo de triangulação com os dados do DEPEN/PR, que o número de presos internados atualmente corresponde a 90% de homens e 10% de mulheres encarceradas; quanto à faixa etária, a maioria dos detentos encontra-se no grupo entre 18 e 29 anos, correspondendo a 51% dos encarcerados; e com relação à escolaridade, 52% dos detentos possuem o ensino fundamental incompleto.

---

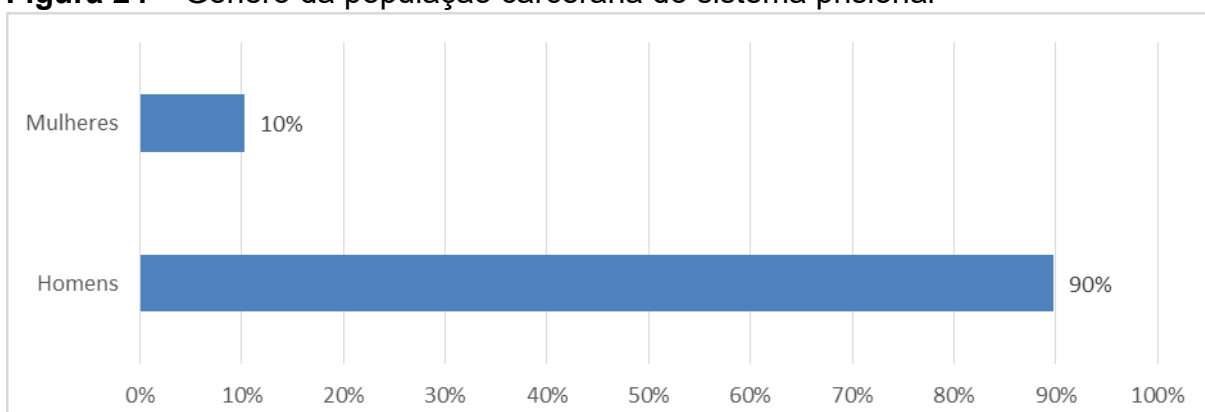
<sup>62</sup> Os dados estão disponíveis para consulta na internet e fazem parte do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias, denominado InfoPen. No documento consultado, com referência de abril de 2012, tivemos acesso aos formulários de categoria e indicadores do sistema prisional paranaense.

**Figura 22** – Nível de escolaridade da população carcerária do sistema prisional

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados consolidados DEPEN/PR 2012.

**Figura 23** – Faixa etária da população carcerária do sistema prisional

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados consolidados DEPEN/PR 2012.

**Figura 24** – Gênero da população carcerária do sistema prisional

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados consolidados DEPEN/PR 2012.

## CONCLUSÃO

Se, no início da pesquisa, defendemos a relação identitária existente entre a expressividade particular da gíria e o meio sociocultural necessário para a sua manutenção, durante as análises dos fatores sociais não foi possível afirmar que exista, de fato, um reflexo, mesmo que ideológico, do universo da instituição prisional e a condição sob as quais vivem os moradores da periferia. Acaso comprovássemos o fato diante da atuação das variáveis sociais, todos os moradores teriam comportamento similar durante a fase de coleta dos dados.

Desse modo, entre os objetivos principais obtidos pela pesquisa, destacamos a pretensão de coletar material suficiente que nos permitisse verificar o conhecimento das gírias do sistema prisional pela comunidade denominada Jardim São Jorge. Consoante a este primeiro, estava o de analisar o resultado com base nos fatores extralinguísticos: sexo, escolaridade, idade e atividade econômica, com a finalidade de oportunizar meios para identificar o perfil social de quem, provavelmente, utilizasse as gírias como meio de expressão em ambiente diverso do local de procedência.

A hipótese inicial era a de que a comunidade, em sua integralidade, fazia uso ou tinha conhecimento dos itens lexicais pesquisados. Baseando-nos, sobretudo, em questões de pertencimento e valores compartilhados, de modo a constituir laço simbólico de solidariedade concretizado pela linguagem, esta hipótese não se confirmou completamente, denotando, inclusive, que os mais idosos não têm conhecimento das palavras criptológicas, ou reagiram ao tipo específico de linguagem com preconceito, indicando, pela ausência de respostas positivas, indiferença ou repúdio às gírias. Das duas maneiras, portanto, indicaram que não compartilham dos vocábulos praticados pelos detentos.

Outro grupo etário que apresenta, em valores reais de entrada de dados, apenas o conhecimento das gírias comuns que circulam pelo bairro, são aqueles com idade entre 30 a 50 anos. Os dados retirados das recorrências demonstraram que este grupo conhece apenas 9% das palavras, estando dentro do grande grupo que exorta a linguagem do sistema prisional como fala comum, gíria

comum, praticada no bairro e não gíria específica de grupo. Acreditamos que esse distanciamento para com a fala marginal ocorra devido às responsabilidades deste grupo com a família e a uma aproximação maior com a faixa etária antecedente, mais próximos dos valores e costumes dos mais velhos.

A análise cruzada das recorrências, com os dados selecionados entre os fatores extralinguísticos e os campos semânticos específicos, demonstrou que 4% dos vocábulos obtiveram valores acima de 50% dentro de todas as categorias. Isso faz supor que estes vocábulos não apenas sejam reconhecidos por todos os informantes, mas passaram da gíria marginal para a gíria comum. Como a pesquisa tem base em glossário coletado a dez anos, consideramos que, embora as gírias do sistema prisional tenham sido modificadas/atualizadas durante o decurso tempo, alguns vocábulos resistiram a este tempo com sua significação aproximada. Entre esses vocábulos, alguns passaram para a esfera da fala cotidiana, com uso desvinculado do grupo de referência.

As mulheres, por sua vez, possivelmente devido à mobilidade, às ocupações com o sustento familiar, além de questões particulares como estilo, adotam um comportamento mais conservador com relação à gíria estudada, reconhecendo apenas os vocábulos mais recorrentes.

Pela abordagem qualitativa, fizemos o cruzamento entre as variáveis sociais que possibilitaram delinear o perfil do informante que mais reconhece a gíria, derivando deste reconhecimento o possível *uso* do vocabulário gírio. Esta abordagem de análise, somada à triangulação das estatísticas socioeconômicas dos detentos do estado do Paraná, advindas do Departamento Penitenciário Nacional, possibilitou a comparação com o perfil do aprisionado.

Por outras palavras, ao procurarmos demonstrar que parte do vocabulário pesquisado é conhecido e utilizado pela grande maioria dos moradores, verificamos que a gíria é, em verdade, utilizada por indivíduos distintos que se enquadram em perfil específico: homem, com ensino fundamental incompleto, na faixa etária entre 19 a 29 anos e desempregado, ou afastado do mercado formal de trabalho; os quais coincidem com o perfil do encarcerado no sistema prisional

paranaense.

Porém, o resultado da triangulação, ou seja, da comparação entre o perfil de uso/reconhecimento de nossos informantes com o perfil do apenado paranaense, demonstra que há mais relação entre o perfil social de sujeitos envolvidos ou expostos a ambiente e atividade criminosa com a variante lexical pesquisada, sugerindo o uso como recurso entre pares afinados com as atividades praticadas.

Assim, a comprovação de dados que demonstram continuidade, conhecimento e uso das gírias situadas, apesar de não permitir a afirmação de que ela esteja incorporada ao vocabulário dos moradores da comunidade estudada, por valores e cultura compartilhados, de algum modo nos permitiu entrever que os vocábulos gírios encontram refúgio em perfil social específico, indicando que, possivelmente, estas palavras especiais refletem ações, modo de viver, sentir e refletir uma realidade contínua entre o mundo interior dos presídios e o mundo exterior dos informantes.

Admitimos que não seja fruto de coincidência que a gíria pesquisada no bairro seja utilizada pelo mesmo perfil social predominante nos presídios paranaenses, baseando-nos principalmente na comparação dos dados obtidos em nossa pesquisa com as estatísticas atualizadas do Departamento Penitenciário Nacional do Paraná. O que nos leva à conclusão de ser, entre outros fatores, pelo contato contínuo, da exposição natural aos vocábulos gírios, que o sujeito absorve a fala contextual do presídio, levando-a aos contextos exteriores dos muros da prisão. Porém, assumida como veículo de comunicação criptográfica por aqueles que ou praticam o crime, ou estão envolvidos pelas práticas delituosas, mesmo que obrigados pelo convívio, como observamos no bairro pesquisado. A gíria, desse modo, permanece com seu caráter criptográfico, encerrada no grupo de referência como fator cultural compartilhado entre aqueles que, de algum modo, tenham contato com o contexto ilícito.

A gíria do sistema prisional, não obstante tenha sua terra natal, caminha autônoma, como forma dominante de expressividade, estilo e identificação entre os indivíduos circunscritos pela linguagem marginal, para, eventualmente, entrar

em contato com a fala comum e diluir-se entre as mudanças de valores sociais, políticos e culturais.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. 2ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. p.759.

AGUILERA, Vanderci A. **Crenças e Atitudes Linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 37 (2): 105-112, maio-ago. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf)>. Acesso em: 22 de Jun. de 2013.

ALBUQUERQUE, Gilberto. **Dicionário de Nordestinês: o dicionário de termos nordestinos**. Disponível em: <<http://meuromeu.files.wordpress.com/2012/01/dicionario-de-bolso.pdf>>. Acesso em: jan. de 2013.

ALVES, Ieda M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004, 2ª ed.

ANDRADE, Oswald. Vício na fala. In: **Obras Completas: poesias reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 7, 1971, p. 89.

ARAGÃO, M. S. S. **A Linguagem Regional-Popular no Nordeste do Brasil: Aspectos Léxicos. IX Simpósio Internacional de Comunicación Social - Actas I**. Cuba: Centro de Linguística Aplicada - Santiago de Cuba, 2005. v. I. p.457-459. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/Trabalho2.pdf>>. Acesso em: 12 de ago. de 2012.

AULETE, Caldas. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 3ªed. São Paulo: Lexikon, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 37ª ed., 2009.

BELINE, Ronald. *A Variação Linguística*. In: FIORIN, J. Luís. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria Da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional, 1976.

BILL, MV.; ATHAYDE, Celso. **Falcão: mulheres e o tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BILL, MV.; ATHAYDE, Celso. **Falcão: meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BORBA, Francisco S. (org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Problemas de Comunicação Interdialetal**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, n. 78/79, p.9-31, dez. 1984.

BORTONI-RICARDO, S. M. O Português Brasileiro. In: **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella M. A variação linguística como processo identitário. In: BORTONI-RICARDO, Stella M. **Nós chegemos na Escola, e Agora?**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 175-180.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008.

CABELLO, Ana. R. G. **Processos de Formação da Gíria Brasileira**. Alfa (ILCSE/UNESP), São Paulo - São Paulo, v. 35, p. 19-53, 1991. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3856/0>>. Acesso em: fev. de 2013.

CABELLO, Ana. R. G. Gíria: cor social e/ou associada. In: **L Seminário do GEL - Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**. Resumos: São Paulo, SP: F.F.L.C.H., USP (Universidade de São Paulo), 2002a. v. 1. p. 55. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci022.htm>>. Acesso em: fev. de 2013.

CABELLO, Ana. R. G. **Linguagens Especiais: realidade linguística operante**. UniLetras, v. 24, p. 167-182, 2002b. Disponível em: <[www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletas/article/download/242/238](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletas/article/download/242/238)>. Acesso em: fev. de 2013.

CALVET, Luis-Jean. **Sociolinguística, uma Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto. **A Variação Linguística**. São Paulo: SE/CENP, 1988. v.1, p. 29-41.

CARDOSO, Suzana A. M. **A Dialectologia no Brasil: perspectivas**. D.E.L.T.A., vol. 15, nº especial, 1999 (233-255).

CARDOSO, Suzana A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana A. M. **A Geolinguística no Terceiro Milênio: monodimensional ou pluridimensional?** Disponível em: <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_12.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf)>. Acesso em: 10 de Julho de 2012.

CARVALHO, Nelly. M. **O Que é Gíria?** In: CARVALHO, Nelly. M. Crônicas do Cotidiano. 1. ed. Recife - Pernambuco: Coleção e Letras - Edições Eletrônicas, 2010. v. 1. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/ebooks/ebook-nelly-carvalho.pdf>>. Acesso em: fev. de 2013, p. 91-5.

CASTILHO, Ataliba de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 27-36.

CERANTO, Yamamoto. **A Formação de Palavras e o Estrangeirismo em Propagandas Femininas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2009.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMPANHIA DE HABITAÇÃO DE LONDRINA – COHAB/PR. **Programa: urbanização, Regularização e Integração de Assentamentos Precários**.

Disponível em:

[http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/cohab/licitacoes/pregao\\_presencial/PREGAO-002-2011-PTTS-3.pdf](http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/cohab/licitacoes/pregao_presencial/PREGAO-002-2011-PTTS-3.pdf). Acesso em: jun. de 2012.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AtlasNacionais>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

CORRÊA, J. C. **Gíria: o universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná**. Dissertação de Mestrado – UEL. Londrina. 2008.

CRYSTAL, David. **Diccionario de Lingüística e Fonética**. Barcelona: Octaedro, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007, p. 9 - 35.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.

GARCIA, Elisa F. A obrigatoriedade do idioma português. In: **As Diversas Formas de Ser Índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa**. Tese. Universidade Federal Fluminense. 2007. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007\\_GARCIA\\_Elisa\\_Fruhauf-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_GARCIA_Elisa_Fruhauf-S.pdf)>. Acesso em: fev. de 2013.

GOH, Simone S. Gíria. In: **Metalinguagem e Marcas de Oralidade em Monteiro Lobato**. Dissertação de Mestrado: USP – São Paulo. 2004. p. 53-72.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 10. ed., 2005.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **II O Brasil Monárquico: reações e transações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. v. 5, p. 274-296.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2ª ed., 2004.

HWANG, Álvaro David. **O valor depreciativo em vocábulos e expressões gírios**. Acta Scientiarum, v. 21, nº 1, 1999. p.51-56. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/4186/2850>. Acesso em jan. de 2013.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LABOV, William. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: Dino Preti. (Org.). **Léxico na Língua Oral e na Escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, v. 6, p. 17-45.

LE MOS, José Monteiro de. **Para Compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MELCHIOR, Lirian; ASARI, Alice Y. **Ocupações Urbanas de Londrina-Pr e as Migrações Internas**. Geografia, vol. 12, n.1, jan/jun. 2003. p.545-57. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/6714/6058>. Acesso em fev. 2013.

MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERNÁNDEZ, F. Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 2012, 4ª ed.

MOTA, J. Andrade; CARDOSO, S. Alice. **Dialectologia Brasileira: o Atlas Linguístico do Brasil**. Rev. ANPOLL, n. 8, p. 41-57, jan./jun. 2000.

MOTA, J. Andrade & CARDOSO, S. Alice. *A Construção de uma metodologia dialetal: Para uma avaliação do andamento do projeto ALiB*. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niteroi: EdUFF, 2008. p. 158-169.

MURATA, Elza K. N. N. **Gíria: vocábulo de identificação e autodefesa**. João Pessoa: Temática, v. I, p. 48-57, 2008. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2008/16.pdf>. Acesso em: fev. de 2013.

NUNES, Zeno C.; NUNES, Rui C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2010, 12ª ed.

OLIVEIRA, Maria L. T. **A Gíria dos Internos da Febem**. Dissertação. PUC. 2006

PAIM, Marcela. M. T. Norma Urbana, Identidade Social e Variação a partir do Projeto Atlas Linguístico Do Brasil (ALiB). In: **Congresso Internacional de Filologia e Linguística Românica**. 2010, Valencia. v. I. p. 106-126. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg44/06.pdf>>. Acesso em: jan. de 2013.

POSTALI, Valéria Barreiro; MENDES, César Miranda. **A importância do circuito inferior na (auto) produção da casa própria em Londrina/PR/BR**: estudo de duas ocupações urbanas irregulares. Revista Geográfica de América Central. Número especial EGAL, Costa Rica, 2011. p.1-17.

PÓVOA, Liberato. **Dicionário tocantinense de termos e expressões afins**. Em: <[http://www.dno.com.br/\(liberato%20povoa\)DICIONARIO%20TOCANTINENSE.pdf](http://www.dno.com.br/(liberato%20povoa)DICIONARIO%20TOCANTINENSE.pdf)>. Acesso em: jan. de 2013.

PRETI, Dino. A Sociolinguística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. Dialeto sociais e níveis da fala ou registros. In: PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Nacional, 1982, p. 1-41.

PRETI, Dino. Gíria e agressividade social. In: KOCH, I.; BARROS, K. de (orgs.). **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: UFRN, 1997.

PRETI, Dino. A gíria: um capítulo da história social da linguagem. In: MONTEIRO DE BARROS, K. S. (Org.). **Produção Textual: interação, processamento, variação**. Natal: EDUFRN, 1999, p. 37-44.

PRETI, Dino. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, Dino. **Fala e Escrita em Questão**. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 240-57.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETI, Dino (org.). **Léxico na língua oral e escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 46-67.

PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.

PRETI, Dino. **O Léxico na Linguagem Popular: a gíria**. 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/02.pdf>>. Acesso em: jan. de 2013.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** (ebook). Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013, 2ª ed.

REMENCHE, M. L. R. **Diferenças Regionais na Gíria do Sistema Penitenciário do Paraná**. In: Seminário do CELLIP, 2003a, Londrina. Políticas de Linguagem para o Brasil: O que querem e o que podem os profissionais de Letras. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2003b. v. XVI. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/12452-12453-1-PB.pdf>>. Acesso em: fev. de 2013.

REMENCHE, Maria de Lourdes. **As Criações Metafóricas na Gíria do Sistema Penitenciário do Paraná**. Dissertação de Mestrado – UEL. Londrina. 2003b.

REMENCHE, Maria de Lourdes. **As Criações Metafóricas na Gíria do Sistema Penitenciário do Paraná**. Dissertação de Mestrado – UEL. Londrina. Anexos, 2003c.

REUILLARD, Patrícia C. R. **Neologismos Lacanianos e Equivalências Tradutórias**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

SAMPIERI, Hernández R.; FERNÁNDEZ-COLLADO, Carlos; LUCIO, Pilar B. **Metodología de la investigación**. 4ª ed. México: McGrawHill, 2007.

SANTOS, Salete R. P. **O Radicci no Contato Italiano-Português da Região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2275/000317092.pdf?sequence=1>

>. Acesso em: 27 de jun. 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHULTZ, Benilde Socreppa. **Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceituais**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2007.

SECRETARIA DA JUSTIÇA, CIDADANIA E DOS DIREITOS HUMANOS: DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL. **Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – InfoPen: relatório de abril, 2012**. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=46>. Acesso em nov. de 2013.

SEVERO, Cristine G. **A questão da Identidade e o Lócus da Variação/Mudança em Diferentes Abordagens Sociolinguísticas**. Revista Letra Magna, ano 4 n. 07, 2º semestre, 2007.

SILVA, Greize A. da; AGUILERA, Vanderici de A. **Os Atlas Linguísticos Brasileiros e o Inquiridor: em busca de uma metodologia adequada**. SIGNUM: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 317-341, jul. 2009.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística y Pragmática del Español**. Washinfton, D.C: Georgetown University Press. 2001.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.

TINOCO, Antonio R. **Los Informantes en las Encuestas de Variación Léxica**. Dialectología: Revista eletrônica. 2008, nº 1. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Dialectologia/article/view/198808>>. Acesso em: out. de 2012.

VIEIRA, M. S. **O Gênero e os Fenômenos de Variação na Fala**. In: Fazendo Gênero 9, 2010, Florianópolis. Fazendo Gênero 9, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278282124\\_ARQUIVO\\_Ogeneroeosfenomenosdevariacaonafala.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278282124_ARQUIVO_Ogeneroeosfenomenosdevariacaonafala.pdf)>. Acesso em: fev. de 2013.

VIEIRA, Viviane S.; FERRI, Caroline M.; COSTA, Daniele Regina F. **Londrina: a Grande Cidade Latino-americana em um Estudo de Caso baseado no Livro "O Espaço Urbano"**. II Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. v.2, 2011. Disponível em: <http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2011/XI-005.pdf>. Acesso em: fev. de 2014.

ZERNOVA, Yelena. **Algunos factores diferenciadores del habla masculina y femenina**. San Petersburgo, 2013. Disponível em: <http://hispanismo.cervantes.es/documentos/zernova.pdf>. Acesso em fev. 2013.

**ANEXOS**

## ANEXOS

### Anexo A

#### QUESTIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO (QO)

Como você chama...

#### OBJETOS/COISAS (36 vocábulos gírios)

1. RELÓGIO/ BOBO/ CORAÇÃO

... o objeto colocado no pulso para não nos atrasarmos?

2. CIGARRO/ CARETA/ CRIVO/ GIZ/ BOTINHA/ CAIÇARA

... o objeto que é confeccionado com papel e tabaco?

3. REVÓLVER/ BERRO/ CANO/ DRAGA/ MÁQUINA/ TRÊS OITÃO

... o objeto que é responsável pelo disparo de bala de fogo?

4. PEDAÇO DE PAU, PORRETE, CACETE/ CHICO DOCE

... o instrumento usado para se proteger ou machucar alguém, feito de um pedaço de madeira improvisado?

5. RÁDIO/ FALANTE/ PAPAGAIO

... o aparelho que pode funcionar com pilha, mas geralmente é colocado na tomada e que através dele ouvimos músicas, além de receber as notícias diárias?

6. CARTEIRA/ POÇA

... o objeto usado para guardar documentos e dinheiro?

7. DOCUMENTO/ DOCA

... aquilo que é exigido para comprovar o nome das pessoas e alguns dados pessoais?

## 8. ÓCULOS/ LENTE/ LUNA

... o objeto composto por uma armação de plástico ou metal que se apoia no nariz e nas orelhas usado para corrigir a visão e também para protegê-la do sol?

## 9. SERINGA/ GRINFA

... o instrumento feito geralmente de plástico que se adapta a uma agulha para aplicar injeções?

## 10. CAMA/ JEGA

... o móvel que usamos pra deitar o corpo ou descansar, composto por um colchão, estrados e cabeceira?

## 11. DINHEIRO/ PICHÓ

... aquilo que usamos para comprar mercadorias, pagar dívidas?

## 12. BILHETE/ PAPAGAIO/ CATATAU/ PIPA

... aquela mensagem curta, escrita em um pequeno pedaço de papel?

## 13. SERRA/ JACARÉ

... o instrumento cortante feito de metal utilizado geralmente para romper barras de aço?

## 14. TELEVISÃO/ TELA/ PAVÃO/ ZOIUDA

... o aparelho que recebe imagens via satélite e é considerado um dos maiores veículos de comunicação?

## 15. BOLA/ PELOTA

... o objeto redondo usado nos jogos de futebol, sem o qual não pode haver o jogo?

## 16. SIRENE/ VACA

... o instrumento que emite um som alarmante usado pelos bombeiros, pela polícia ou pela ambulância para exigir passagem e atenção em situações de risco?

## 17. FEZES/ BARRO

... aquilo que fazemos no banheiro?

## 18. VASO SANITÁRIO, LATRINA, PATENTE/ BOI

... o objeto no banheiro responsável por levar os excrementos pelo esgoto?

## 19. ALGEMAS/ GRAMPO

... o objeto usado por policiais para imobilizar as mãos das pessoas?

## 20. CADEADO/ SAPO

... o objeto usado juntamente com correntes para impedir o acesso de pessoas em algum lugar privado ou ainda em armários de vestuários, portões, armários de bibliotecas ou do trabalho para proteger objetos pessoais?

## 21. CHAVE FALSA/ MICHA

... o objeto improvisado usado para abrir portas de carros?

**VESTIMENTAS (16 vocábulos gírios)**

## 22. CUECA/ CORUJA

... a roupa íntima usada por homens?

## 23. ROUPA/ PANO

... o conjunto de peças que usamos para cobrir o corpo?

## 24. CALÇA/ GANCHA/ GANCHO

... a parte do vestuário que usamos da cintura para baixo e podemos usar com cinto?

## 25. BOLSA/ NUCHA

... o acessório muito usado pelas mulheres para guardar seus pertences pessoais, tais como a carteira com documentos, instrumentos de maquiagem, celular, agenda?

## 26. CAMISETA/ PEITA/ PEITUDA/ PEITOSA

... a peça básica do vestuário usada na parte do tronco confeccionada em algodão ou poliéster, entre outros tecidos?

## 27. AGASALHO, JAQUETA/ JACO(A)

... a peça que colocamos por cima da camiseta quando estamos com muito frio?

## 28. CALÇA DE AGASALHO/ PEGA-LOUCO

.... aquela parte do vestuário usada frequentemente no frio, tanto por homens e mulheres, que encobre as pernas?

## 29. BONÉ, BOINA/ BO(U)MBETA /BUMBA /PALHETA

... o objeto que utilizamos na cabeça como adorno, mais usado pelos adolescentes?

## 30. SAPATO, TÊNIS/ BUT/ BREQUE/ PISANTE

... os objetos usados para proteger os pés do chão e que usamos para sair?

**ALIMENTAÇÃO/CULINÁRIA (18 vocábulos gírios)**

## 31. FACA/ BICUDA/ LAMPIANA/ ESTOQUE/ ESPIN

... o instrumento que se usa para cortar alimentos ou descascá-los?

## 32. ISQUEIRO/ DRAGÃO/ BRASA

... o objeto usado para acender o gás do fogão?

## 33. MANTIMENTOS/ JUMBO

Qual nome podemos dar para sacolas que contém muitas mercadorias, como bolacha, suco, bolo, pão, comida?

## 34. COLHER/ PÁ

... o utensílio doméstico que utilizamos para levar à boca alimentos líquidos ou sólidos?

## 35. COMIDA/ XEPA/ BITA/ BATATÃO/ MERENDA

... o alimento que está pronto para ser servido?

## 36. PANELA, VASILHA/ CASCUDA

... o objeto usado para fazer comida e cozinhar os alimentos?

## 37. AÇÚCAR/ AREIA

... a substância que usamos para adoçar bebidas e alimentos?

## 38. SAL/ AREIA DO MAR

... a substância que usamos para salgar os alimentos?

## 39. SUCO, REFRESCO/CAPILÉ/ PORVINHO

... a bebida que consumimos para matar a sede ou aliviar o calor, que geralmente é feito de frutas ao qual acrescentamos água?

## 40. ÁGUA/ CRISTALINA

... a bebida que consumimos para matar a sede ou aliviar o calor, mas que não possui cheiro, cor e sabor?

## 41. PÃO/ MARROCOS

... o alimento feito de farinha, fermento e água, que geralmente consumimos no café da manhã e é vendido na padaria?

## 42. CAFÉ/ MOCA

... a bebida escura e estimulante, que geralmente tomamos quente durante o café da manhã ou após as refeições?

**VEÍCULOS (3 vocábulos gírios)**

## 43. VIATURA, CAMBURÃO/ BONDE

... o carro que transporta os suspeitos de algum crime ou um preso?

## 44. ÔNIBUS, CONDUÇÃO/ BAÚ

... o veículo que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade ou entre uma cidade e outra?

## 45. CARRO/ CARRETA/ CARRIFA

... o veículo simples automotivo de duas ou quatro portas usado geralmente para passeio ou trabalho?

### **CRIME (3 vocábulos gírios)**

46. LADRÃO DE CARRO, BATEDOR DE CARTEIRA/ CABRITEIRO/ CHORRO

... a pessoa que furta ou rouba um carro?

47. LADRÃO CONHECIDO DA POLÍCIA, TOXICÔMANO/ FREIO DE CAMBURÃO

... a pessoa que é conhecida da polícia?

### **AMBIENTES E LUGARES (7 vocábulos gírios)**

48. HOSPÍCIO, MANICÔMIO/ MANICO

... o lugar onde se internam pessoas com distúrbios mentais para tratamento psicológico?

49. ESCONDERIJO/ MOCÓ/ TOCA

... o lugar onde alguém costuma esconder algo ou se esconder?

50. CELA/ XADREZ/ XIZ

... o lugar onde as pessoas ficam presas na penitenciária?

51. CASA, RESIDÊNCIA/ MOCÓ/ CACHANGA/ BAÍA

... o lugar onde se mora?

### **PESSOAS/ CARACTERÍSTICAS/ COMPORTAMENTO/ AÇÕES E ATITUDES (24 vocábulos gírios)**

52. DESATENTA, DESLIGADA/ MOSCA

.... aquela pessoa que não presta muita atenção na conversa ou não responde?

53. DECIDIDA/ CABULOSA

... a pessoa que faz o que tem vontade?

54. QUEM CUIDA DA VIDA ALHEIA, FOFOQUEIRO/ CURURU/ GANSO/ PESCOÇO

... a pessoa que se preocupa desnecessariamente da vida dos outros?

55. ALCAGUETE/ PASSARINHO/ X9

... aquela pessoa que conta os planos de alguém para outra pessoa, sem ter autorização para fazê-lo?

56. SOVINA/ MURRINHA

... aquela pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

57. INEXPERIENTE, BOBO/ JURÃO

... a pessoa que comete um crime pela primeira vez?

58. AQUELE QUE ASSUME A CULPA POR OUTRO/ LARANJA/ SUKITA

... aquela pessoa que assume a culpa por outra?

59. TROUXA/ LOQUE

... aquela pessoa que tenta fazer as coisas de forma correta, mas se atrapalha?

60. QUEM NÃO AGE CERTO/ MANCOSO

... aquela pessoa que não age conforme o combinado; que não segue as regras?

61. BONITA/ GRANDE/ CAVALA

O que digo de uma mulher como esta? (mostrar imagem)

62. TRAVESTI/ MONA

... aquela pessoa que se veste de mulher, mas é do sexo masculino?

63. ADVOGADA/ BOTA FORA

... a pessoa que estuda e conhece as leis e é procurado para defesa quando acontece alguma coisa errada?

## 64. JUIZ/ CAPA PRETA

... a pessoa que aplica as leis, condena ou absolve aqueles que estão envolvidas com algum crime?

## 65. AGENTE PENITENCIÁRIO, GUARDA, CARCEREIRO/ CASCÃO/ FUNÇA/ ESCRAVO/ LOUSA

... a pessoa responsável pela segurança no interior das penitenciárias?

## 66. ESPOSA/ NAMORADA/ MULHER/ FEINHA/ MINA

... a pessoa que vive com um homem e com ele tem a intenção de constituir família?

**QUESTIONÁRIO SEMASIOLOGICO (QS)****EXPRESSÕES GENÉRICAS (30 vocábulos gírios)****Dentro do Sistema Penitenciário, o que se entende por...**

67. JOGAR FUTEBOL, JOGAR BOLA/ PELADA/ BATER CAROÇO

Meus amigos e eu fomos ao campo \_\_\_\_\_.

68. TENTAR CONSEGUIR ALGUM DINHEIRO/ CAÇAR UM RATO

Saí cedo para \_\_\_\_\_.

69. SEM EFEITO DE DROGA/ DE CARA LIMPA/ CARETA

Há dois dias estou \_\_\_\_\_.

70. DISTRAÍDO, DESATENTO/ CHUPANDO BALA

Não percebi o que estava acontecendo, pois estava \_\_\_\_\_.

71. TAPA, BRIGA/ COLAR O BRINCO

Durante a discussão a menina \_\_\_\_\_ do namorado.

72. CONVERSAR/ TROCAR IDEIAS/ TROCAR UM PROCEDE

Os dois amigos se encontraram e ficaram \_\_\_\_\_.

73. ROUBAR/ DAR UM GUENTO

Fique atento, senão poderão te \_\_\_\_\_.

74. FICAR FORA DE SI PELOS EFEITOS DA COCAÍNA/ FICAR NOBRE

Durante a festa ele \_\_\_\_\_.

75. DAR INFORMAÇÕES/ TROCAR FIGURINHAS

Como somos amigos, ele sempre \_\_\_\_\_ comigo.

76. MANTER RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS/ DORMIR NO BRAÇO

Não precisa mais esconder, todos já sabem que você \_\_\_\_\_.

77. NÃO ENTENDER O QUE SE FALOU, SONHAR COM ALGO, IMAGINAR COISAS BOAS/ PASSAR BATIDO/ VIAJAR NA MAIONESE

Depois de conversarmos tanto você continua \_\_\_\_\_.

78. CUMPRIR A PENA INTEGRALMENTE/ TIRAR DA TESTA

Já me acertei com a justiça, \_\_\_\_\_ o que devia.

79. ARMAR UM ESQUEMA/ BEM BOLADO

Não se preocupe, vamos fazer um \_\_\_\_\_.

80. DAR UMA VOLTA/ DAR UM PIÃO

Quando estou incomodado com algo procuro \_\_\_\_\_.

81. LENÇOL QUE ENVOLVE A CAMA/ COME QUIETO

Preciso colocar meu \_\_\_\_\_ para lavar.

82. NEGÓCIO, SITUAÇÃO, PROBLEMA/PARADA

Eu tenho uma \_\_\_\_\_ para resolver.

83. FAVOR/ PEDRA

Você está me devendo \_\_\_\_\_.

84. FINGIR ALGO, DAR COBERTURA, MENTIRA/ AGÁ

Eu vou jogar um \_\_\_\_\_ nele.

85. OBSERVAR/ CORUJAR

Eu ficarei aqui a noite toda \_\_\_\_\_ a entrada.

86. FURTAR, SUBTRAIR NA SURDINA/ ESPIANTAR

Quando cheguei em casa notei que aconteceu um \_\_\_\_\_.

87. MATAR/ FAZER

Eu vou \_\_\_\_\_ aquele sujeito.

88. ESCONDER/ MUGUEAR/ MOCOSAR

Eu vou \_\_\_\_\_ a minha parte.

89. BRINCAR, TIRAR SARRO/ ZUAR/ MULAR

Eles não param de me \_\_\_\_\_.

90. COMETER ERRO/ FAZER O QUE NÃO DEVE/ PISAR

Espero que você não \_\_\_\_\_ mais comigo.

91. ATIRAR EM ALGUÉM/ CHACOALHAR

Ele \_\_\_\_\_ o fulano.

### **DINHEIRO (7 vocábulos gírios)**

92. CINQUENTA REAIS/ GALO

Empresta-me um \_\_\_\_\_.

93. MIL REAIS/ MILHA

Ontem, ganhei uma \_\_\_\_\_.

94. CEM REAIS/ PERNA/ VACA

Comprei um celular por uma \_\_\_\_\_.

95. QUINHENTOS REAIS/ QUINA

Lucrei uma \_\_\_\_\_ com a venda do carro.

96. QUANTIA RAZOÁVEL DE DINHEIRO/ PICHO

Vou levar duas semanas para juntar um \_\_\_\_\_.

97. POUCO DINHEIRO/ DINHEIRO MIÚDO/ COURO DE RATO

Arranja-me um \_\_\_\_\_ pra tomar uma cerveja?

**DROGAS (21 vocábulos gírios)****O que você entende por...**

98. ... BATIZADA? (COCAÍNA ou DROGA QUE NÃO É PURA)

Não compro mais dele, pois a que ele me vendeu era \_\_\_\_\_.

99. ... BRIZOLA/ BRIZE/ BRIZOLETA? (UMA CARREIRA DE COCAÍNA/ CHEIRAR COCAÍNA)

Ele chega a consumir cinco \_\_\_\_\_ por dia.

100. ... BRANCA/ TALQUINHO/ FARINHA? (COCAÍNA)

Preciso comprar mais um pouco de \_\_\_\_\_.

101. ... NARIZINHO? (CHEIRAR COCAÍNA)

Hoje à noite vai acontecer uma reunião de \_\_\_\_\_ com o pessoal.

102. ... POEIRA? (COCAÍNA/ PÉ DE MACONHA)

Quem ficou responsável pela \_\_\_\_\_?

103. ... A BOA? (MACONHA ou DROGA DE BOA QUALIDADE)

Com \_\_\_\_\_ podemos conseguir mais lucro e menos problema com os clientes.

104. ... BAGULHO? (MACONHA ou DROGA DE QUALIDADE RUIM)

Tem que ficar esperto, pois \_\_\_\_\_ pode dar problema.

105. ... BALA/ BALINHA? (INVÓLUCRO DE TRANSPORTE DA DROGA)

Quantas \_\_\_\_\_ vocês já providenciaram?

106. ... CABRAL/ JERERÊ? (MACONHA)

Como podemos entregar o \_\_\_\_\_?

107. ... MESCLADO? (CRACK E MACONHA JUNTOS)

Essa semana o rapaz só está vendendo \_\_\_\_\_.

108. ... BACK? (USO DA COCAÍNA DESTILADA NAS VEIAS)

Ele ficará fora de si se aguentar um \_\_\_\_\_.

109. ... PARANGA? (EMBALAGEM DE MACONHA)

Essa \_\_\_\_\_ está bem feita!

110. ... TIJOLO? (MACONHA EM TABLETE)

Quantos \_\_\_\_\_ você vai levar?

111. ... TARUGO? (RECURSO USADO PARA TRANSPORTAR DROGA PARA DENTRO DA CADEIA)

Já preparou os \_\_\_\_\_?

112. ... MULA? (PESSOA QUE TRANSPORTA DROGA ESCONDIDA PARA DENTRO DA CADEIA)

Ele ficou de trazer a \_\_\_\_\_ para acertarmos os detalhes.

## ANEXO B

**Tabela 14** – Descrição pormenorizada dos informantes

<b>Informante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Ocupação econômica</b>	<b>Escolaridade</b>
1	M	21	Desempregado	Fundamental Incompleto
2	M	30	Atendente padaria	Fundamental Incompleto
3	M	14	Desempregado	Fundamental Incompleto
4	M	27	Cozinheira	Fundamental Completo
5	M	28	Desempregado	Fundamental Completo
6	M	14	Desempregado	Fundamental Incompleto
7	M	20	Desempregado	Ensino Médio Completo
8	M	23	Call Center	Ensino Médio Completo
9	M	41	Doméstica	Fundamental Incompleto
10	M	46	Desempregado	Fundamental Incompleto
11	M	33	Desempregado	Fundamental Incompleto
12	M	54	Costureira	Fundamental Incompleto
13	H	25	Desempregado	Fundamental Incompleto
14	H	23	Ajudante	Fundamental Incompleto
15	H	22	Desempregado	Fundamental Incompleto
16	H	29	Desempregado	Fundamental Incompleto
17	H	19	Desempregado	Fundamental Incompleto
18	H	19	Desempregado	Fundamental Incompleto
19	H	15	Desempregado	Fundamental Incompleto
20	H	31	Coletor	Ensino Médio Completo
21	H	15	Desempregado	Fundamental Incompleto
22	H	60	Aposentado	Fundamental Incompleto

**Fonte:** Elaborada pelo autor

## ANEXO C

## BASE DE DADOS DO AUTOR

Tabela 15 - Base completa de dados

<b>Informante</b>	<b>Bobo</b>	<b>Coração</b>	<b>Careta</b>	<b>Crivo</b>	<b>Giz</b>	<b>Botinha</b>	<b>Caiçara</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>4</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>5</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>14</b>	1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>15</b>	1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>16</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	-1	1	-1	1	-1	1
<b>18</b>	1	-1	1	-1	1	1	1
<b>19</b>	1	-1	-1	-1	-1	1	1
<b>20</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>21</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Berro</b>	<b>Cano</b>	<b>Draga</b>	<b>Máquina</b>	<b>Três oitão</b>	<b>Chico- doce</b>	<b>Falante</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>4</b>	1	-1	1	-1	1	-1	-1
<b>5</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	1	1	1	1	1	-1	1
<b>9</b>	1	1	1	1	1	-1	1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	1	1	-1	1
<b>14</b>	-1	1	1	1	1	-1	-1
<b>15</b>	-1	1	1	1	1	-1	1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	-1	1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	-1	1
<b>19</b>	-1	1	-1	1	1	-1	-1
<b>20</b>	1	-1	1	-1	1	-1	-1
<b>21</b>	1	1	1	1	1	-1	1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>poca</b>	<b>Poça</b>	<b>Doca</b>	<b>Lente</b>	<b>Luna</b>	<b>Grinfa</b>	<b>Jega</b>
<b>1</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>5</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	-1	-1	-1	1
<b>14</b>	1	1	1	-1	-1	-1	1
<b>15</b>	1	1	1	-1	-1	-1	1
<b>16</b>	1	1	1	-1	-1	0	1
<b>17</b>	1	1	1	-1	-1	0	1
<b>18</b>	1	1	1	-1	-1	0	1
<b>19</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>20</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>21</b>	0	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Picho</b>	<b>Papagaio</b>	<b>Catatau</b>	<b>Pipa</b>	<b>Jacaré</b>	<b>Tela</b>	<b>Pavão</b>
<b>1</b>	-1	0	0	0	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	0	0	0	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>5</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>8</b>	-1	1	-1	-1	-1	1	-1
<b>9</b>	-1	1	-1	-1	-1	1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	0	0	0	1	-1	-1
<b>14</b>	-1	0	0	0	1	-1	-1
<b>15</b>	-1	0	0	0	1	-1	-1
<b>16</b>	-1	1	1	1	0	1	1
<b>17</b>	-1	1	1	1	0	1	-1
<b>18</b>	-1	1	1	1	0	1	-1
<b>19</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>20</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	-1
<b>21</b>	-1	1	-1	-1	-1	1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Zoiuda</b>	<b>Pelota</b>	<b>Vaca</b>	<b>Barro</b>	<b>Boi</b>	<b>Grampo</b>	<b>Sapo</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>5</b>	1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	1	-1	1	1	-1	-1
<b>9</b>	-1	1	-1	1	1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	-1	-1	1	1	-1	1
<b>14</b>	1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>15</b>	1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>16</b>	1	-1	-1	1	1	1	0
<b>17</b>	1	-1	-1	1	1	1	0
<b>18</b>	1	-1	-1	1	1	1	0
<b>19</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>20</b>	-1	1	-1	1	1	1	-1
<b>21</b>	-1	1	-1	1	1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Micha</b>	<b>Coruja</b>	<b>Pano</b>	<b>Gancha(o)</b>	<b>Nuncha</b>	<b>Peita</b>	<b>Peituda</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	1	1	-1	-1	1	-1
<b>4</b>	-1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>5</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	1	-1	1	-1
<b>14</b>	-1	1	1	1	-1	1	-1
<b>15</b>	-1	1	1	1	-1	1	-1
<b>16</b>	1	1	1	1	-1	1	-1
<b>17</b>	1	1	1	1	-1	1	-1
<b>18</b>	1	1	1	1	-1	1	-1
<b>19</b>	-1	1	1	-1	-1	1	-1
<b>20</b>	-1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>21</b>	1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Peitosa</b>	<b>Jaco/a</b>	<b>Pega-louco</b>	<b>Bo(u)mbeta</b>	<b>Bumba</b>	<b>Palheta</b>	<b>But</b>
<b>1</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	0
<b>2</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	0
<b>3</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>5</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	0
<b>14</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	0
<b>15</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	0
<b>16</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	1
<b>17</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	1
<b>18</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	1
<b>19</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	-1
<b>20</b>	-1	1	-1	1	-1	-1	-1
<b>21</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Breque</b>	<b>Pisante</b>	<b>Bicuda</b>	<b>Lampiana</b>	<b>Estoque</b>	<b>Espin</b>	<b>Dragão</b>
<b>1</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	1
<b>4</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1
<b>5</b>	-1	-1	-1	-1	1	-1	1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	1
<b>9</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>14</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>15</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>16</b>	1	1	-1	1	1	1	1
<b>17</b>	-1	1	-1	1	1	1	1
<b>18</b>	-1	1	-1	1	1	1	1
<b>19</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	1
<b>20</b>	-1	1	-1	-1	1	-1	1
<b>21</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Brasa</b>	<b>Jumbo</b>	<b>Jumbada</b>	<b>Pá</b>	<b>Xepa</b>	<b>Bitá</b>	<b>Batidão</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>2</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>4</b>	1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>5</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>6</b>	1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>9</b>	1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>14</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>15</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>19</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>20</b>	1	-1	1	-1	1	-1	-1
<b>21</b>	1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Merenda</b>	<b>Cascuda</b>	<b>Areia</b>	<b>Areia do mar</b>	<b>Capilé</b>	<b>Porvinho</b>	<b>Porva</b>
<b>1</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>5</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	-1	1	0	0	0	0
<b>14</b>	1	-1	1	0	0	0	0
<b>15</b>	1	-1	1	0	0	0	0
<b>16</b>	1	-1	1	-1	1	1	1
<b>17</b>	1	-1	1	-1	1	-1	1
<b>18</b>	1	-1	1	-1	1	-1	1
<b>19</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>20</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>21</b>	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Cristalina</b>	<b>Marrocos</b>	<b>Moca</b>	<b>Bonde</b>	<b>Baú</b>	<b>Buzão</b>	<b>Carreta</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>5</b>	1	1	1	-1	1	1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	0	-1
<b>8</b>	1	-1	-1	-1	0	0	-1
<b>9</b>	1	-1	-1	-1	0	0	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>14</b>	0	1	1	1	1	1	-1
<b>15</b>	0	1	1	1	1	1	-1
<b>16</b>	0	1	1	-1	1	1	1
<b>17</b>	-1	1	1	-1	1	1	1
<b>18</b>	-1	1	1	-1	1	1	1
<b>19</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	-1
<b>20</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>21</b>	1	-1	-1	-1	0	0	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Carrifa</b>	<b>Barca</b>	<b>Nave</b>	<b>Cabriteiro</b>	<b>Chorro</b>	<b>Freio de camburão</b>	<b>Manico</b>
<b>1</b>	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	-1
<b>5</b>	-1	0	0	1	-1	-1	1
<b>6</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	1
<b>7</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	0	0	0	0	0	-1
<b>11</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>14</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>15</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>16</b>	-1	1	1	1	-1	-1	1
<b>17</b>	-1	1	1	1	-1	-1	1
<b>18</b>	-1	1	1	1	-1	-1	1
<b>19</b>	-1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>20</b>	1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>21</b>	-1	0	0	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Mocó</b>	<b>Toca</b>	<b>Xadrez</b>	<b>Xiz</b>	<b>Mocó</b>	<b>Cachanga</b>	<b>Baia</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	1	-1	1	-1	1	-1	-1
<b>4</b>	1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>5</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>6</b>	1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>9</b>	1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	0	0	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	0	0	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	-1	1	1	-1	1	-1
<b>14</b>	1	-1	1	1	-1	1	-1
<b>15</b>	1	-1	1	1	-1	1	-1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>19</b>	1	-1	1	-1	1	-1	-1
<b>20</b>	1	-1	1	-1	1	-1	-1
<b>21</b>	1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Goma</b>	<b>Mosca</b>	<b>Cabulosa</b>	<b>Reina</b>	<b>Cururu</b>	<b>Ganso</b>	<b>Pescoço</b>
<b>1</b>	0	0	-1	0	-1	-1	-1
<b>2</b>	0	0	-1	0	-1	-1	-1
<b>3</b>	1	1	1	0	-1	-1	-1
<b>4</b>	0	0	-1	0	-1	-1	1
<b>5</b>	1	1	1	0	-1	-1	-1
<b>6</b>	1	1	-1	0	-1	-1	-1
<b>7</b>	0	0	-1	0	-1	-1	-1
<b>8</b>	0	1	-1	0	-1	-1	1
<b>9</b>	0	1	-1	0	-1	-1	1
<b>10</b>	0	0	-1	0	-1	-1	-1
<b>11</b>	0	0	-1	0	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	0	1	1	0	1	1	1
<b>14</b>	0	1	1	0	1	1	1
<b>15</b>	0	1	1	0	1	1	1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>19</b>	1	1	1	0	-1	-1	-1
<b>20</b>	0	0	-1	0	1	-1	1
<b>21</b>	0	1	-1	0	-1	-1	1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Atrasa-lado</b>	<b>Bicudo</b>	<b>Passarinho</b>	<b>X9</b>	<b>Cagueta</b>	<b>Munheca</b>	<b>Murrinha</b>
<b>1</b>	-1	0	1	1	1	1	-1
<b>2</b>	-1	0	1	1	1	1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>4</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>5</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	0	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	1	0	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	-1	1	0	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	0	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	1	-1	0	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	0	1	1	1	1	-1
<b>14</b>	-1	0	1	1	1	1	-1
<b>15</b>	-1	0	1	1	1	1	-1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	1	-1
<b>19</b>	-1	-1	1	1	1	1	-1
<b>20</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>21</b>	-1	-1	1	0	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Encolhido</b>	<b>Cabum</b>	<b>Jurão</b>	<b>Laranja</b>	<b>Sukita</b>	<b>Pagar-madeira</b>	<b>Loque</b>
<b>1</b>	-1	0	-1	1	-1	-1	1
<b>2</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>3</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>4</b>	-1	0	-1	1	-1	-1	-1
<b>5</b>	-1	0	1	1	1	1	1
<b>6</b>	-1	0	-1	1	-1	1	1
<b>7</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>9</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>10</b>	-1	0	-1	0	0	0	0
<b>11</b>	-1	0	-1	0	0	0	0
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	0	1	1	1	1	1
<b>14</b>	-1	0	-1	1	1	-1	1
<b>15</b>	-1	0	-1	1	1	-1	1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>19</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>20</b>	-1	0	-1	1	-1	-1	-1
<b>21</b>	-1	0	-1	-1	-1	-1	1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Mancoso</b>	<b>Cavala</b>	<b>Mona</b>	<b>Bota-fora</b>	<b>Capa preta</b>	<b>Cascão</b>	<b>Funça</b>
<b>1</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>5</b>	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	0	0	-1	-1	0	0
<b>11</b>	-1	0	0	-1	-1	0	0
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	-1	-1	1	-1	1
<b>14</b>	1	1	-1	-1	1	-1	1
<b>15</b>	1	1	-1	-1	1	-1	1
<b>16</b>	1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>17</b>	1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>18</b>	1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>19</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>20</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>21</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Escravo</b>	<b>Lousa</b>	<b>Feinha</b>	<b>Mina</b>	<b>Pelada</b>	<b>Bater-carço</b>	<b>Caçar um rato</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>5</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>9</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>10</b>	0	0	0	0	-1	-1	-1
<b>11</b>	0	0	0	0	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	-1	-1	1	1	1	1
<b>14</b>	-1	-1	-1	1	1	1	1
<b>15</b>	-1	1	-1	1	1	1	1
<b>16</b>	-1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>17</b>	-1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>18</b>	-1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>19</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>20</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>21</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Careta</b>	<b>Chupando bala</b>	<b>Colar o brinco</b>	<b>Trocar ideia</b>	<b>Trocar um procede</b>	<b>Dar um guento</b>	<b>Ficar nobre</b>
<b>1</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>5</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>6</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>8</b>	-1	1	1	1	1	-1	1
<b>9</b>	-1	1	1	1	1	-1	1
<b>10</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	0	0	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>14</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>15</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>19</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>20</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>21</b>	-1	1	1	1	1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Estar/Ficar monstro</b>	<b>Estar/Ficar bruxo</b>	<b>Trocar figurinha</b>	<b>Dormir no braço</b>	<b>Viajar na maion</b>
<b>1</b>	0	0	-1	-1	1
<b>2</b>	0	0	-1	-1	1
<b>3</b>	0	0	-1	-1	1
<b>4</b>	0	0	-1	-1	1
<b>5</b>	0	0	-1	-1	1
<b>6</b>	0	0	-1	-1	1
<b>7</b>	0	0	-1	-1	1
<b>8</b>	0	0	-1	-1	-1
<b>9</b>	0	0	-1	-1	-1
<b>10</b>	0	0	-1	0	-1
<b>11</b>	0	0	-1	0	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	0	0	1	-1	1
<b>14</b>	0	0	1	-1	1
<b>15</b>	0	0	1	-1	1
<b>16</b>	1	1	1	-1	1
<b>17</b>	1	1	1	-1	1
<b>18</b>	1	1	1	-1	1
<b>19</b>	0	0	-1	-1	1
<b>20</b>	0	0	-1	-1	1
<b>21</b>	0	0	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Dar um pião</b>	<b>Come-quieto</b>	<b>Parada</b>	<b>Pedra</b>	<b>Agá</b>	<b>Corujar</b>	<b>Espiantar</b>
<b>1</b>	-1	-1	1	1	-1	1	-1
<b>2</b>	-1	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	1	-1	0	1	-1
<b>4</b>	0	-1	0	-1	0	-1	-1
<b>5</b>	1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>6</b>	1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1
<b>8</b>	1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>9</b>	1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>14</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>15</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>16</b>	1	-1	1	1	1	1	-1
<b>17</b>	1	-1	1	1	1	1	-1
<b>18</b>	1	-1	1	1	1	1	-1
<b>19</b>	-1	-1	1	-1	0	1	-1
<b>20</b>	0	-1	0	1	0	1	-1
<b>21</b>	1	-1	1	-1	-1	1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Fazer</b>	<b>Muguear</b>	<b>Mocozar</b>	<b>Zuar</b>	<b>Mular</b>	<b>Pisar</b>	<b>Chacoalhar</b>
<b>1</b>	-1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	1	1	1	1	-1
<b>4</b>	-1	-1	1	1	1	1	-1
<b>5</b>	1	1	-1	1	1	1	-1
<b>6</b>	1	-1	-1	1	1	1	-1
<b>7</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	1	1	1	1	-1
<b>9</b>	1	-1	1	1	1	1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>14</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>15</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>16</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>18</b>	1	-1	1	1	1	1	1
<b>19</b>	-1	-1	1	1	1	1	-1
<b>20</b>	1	-1	1	1	1	1	-1
<b>21</b>	-1	-1	1	1	1	1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Galo</b>	<b>Milha</b>	<b>Perna</b>	<b>Vaca</b>	<b>Quina</b>	<b>Picho</b>	<b>Couro de rato</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	-1	1	0	-1	-1	-1	-1
<b>5</b>	1	1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>6</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	-1	1	-1	1
<b>14</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>15</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>16</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>17</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>18</b>	1	1	1	-1	1	-1	-1
<b>19</b>	1	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>20</b>	1	-1	0	-1	1	-1	-1
<b>21</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Batizada</b>	<b>Brizola</b>	<b>Brize</b>	<b>Brizoleta</b>	<b>Branca</b>	<b>Talquinho</b>	<b>Farinha</b>
<b>1</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>4</b>	-1	-1	-1	-1	0	-1	0
<b>5</b>	-1	1	-1	-1	-1	1	1
<b>6</b>	-1	-1	-1	-1	-1	1	1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	1
<b>9</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>14</b>	1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>15</b>	1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	1	1
<b>19</b>	-1	-1	-1	-1	1	1	1
<b>20</b>	-1	-1	-1	-1	0	1	0
<b>21</b>	1	-1	-1	-1	-1	-1	1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Narizinho</b>	<b>Poeira</b>	<b>A boa</b>	<b>Bagulho</b>	<b>Bala/balinha</b>	<b>Cabral</b>	<b>Jererê</b>
<b>1</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>2</b>	-1	-1	1	1	1	-1	-1
<b>3</b>	1	0	1	1	1	-1	-1
<b>4</b>	-1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>5</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>6</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>7</b>	1	-1	1	1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	-1	1	1	1	1	-1	-1
<b>14</b>	-1	1	1	1	1	-1	-1
<b>15</b>	-1	1	1	1	1	-1	-1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	-1	-1
<b>19</b>	1	0	1	1	1	-1	-1
<b>20</b>	1	-1	-1	1	1	-1	-1
<b>21</b>	-1	-1	-1	1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor

<b>Informante</b>	<b>Mesclado</b>	<b>Back</b>	<b>Paranga</b>	<b>Tijolo</b>	<b>Tarugo</b>	<b>Mula</b>
<b>1</b>	-1	1	-1	-1	-1	1
<b>2</b>	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>3</b>	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>4</b>	1	1	-1	1	-1	1
<b>5</b>	1	1	-1	1	-1	1
<b>6</b>	1	1	-1	-1	-1	-1
<b>7</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>8</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>9</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>10</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>11</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>12</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1
<b>13</b>	1	1	1	1	1	1
<b>14</b>	1	1	1	1	1	1
<b>15</b>	1	1	1	1	1	1
<b>16</b>	1	1	1	1	1	1
<b>17</b>	1	1	1	1	1	1
<b>18</b>	1	1	1	1	1	1
<b>19</b>	1	1	1	1	-1	-1
<b>20</b>	1	1	1	1	-1	1
<b>21</b>	-1	1	-1	-1	-1	-1
<b>22</b>	-1	-1	-1	-1	-1	-1

Fonte: Elaborada pelo autor